UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

HENRIQUE GOMES LUCAS SANTOS

***Dinheiro para Maria*, de Valentin Raspútin: tradução e análise**

São Paulo
2018

HENRIQUE GOMES LUCAS SANTOS

Dinheiro para Maria, de Valentin Raspútin: tradução e análise

Versão Corrigida

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura Russa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Literatura e Cultura Russa.

Orientadora: Profa. Dra. Maria de Fátima Bianchi

São Paulo

2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

S237d Santos, Henrique Gomes Lucas
Dinheiro para Maria, de Valentin Raspútin:
tradução e análise / Henrique Gomes Lucas Santos ;
orientadora Maria de Fátima Bianchi. - São Paulo,
2018.
155 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Letras Orientais. Área de
concentração: Literatura e Cultura Russa.

1. Literatura russa. 2. Tradução. I. Bianchi,
Maria de Fátima, orient. II. Título.

SANTOS, Henrique Gomes Lucas.

Dinheiro para Maria, de Valentin Raspútin: tradução e análise. Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Literatura e Cultura Russa.

Aprovado em:

Banca Examinadora:

Prof(a). Dr(a).

Instituição:

Julgamento:

Assinatura:

Prof(a). Dr(a).

Instituição:

Julgamento:

Assinatura:

Prof(a). Dr(a).

Instituição:

Julgamento:

Assinatura:

Dedico este trabalho a

Sandra,

Vinícius,

Carolina

e

Marcos Aurélio

Agradecimentos a

Profa. Dra. Maria de Fátima Bianchi

Profa. Dra. Graziela Schneider Urso

Profa. Dra. Elena Nikolaevna Vássina

Dra. Maria Glushkova

Lia, Eloah, Yuri e Phillipe

CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)

SANTOS, H. G. L. *Dinheiro para Maria*, de Valentin Raspútin: tradução e análise. São Paulo, 2018, 155 fls. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é apresentar e analisar a primeira novela do autor russo soviético Valentin Raspútin, *Dinheiro para Maria*, publicada originalmente em 1967. A tradução em português do objeto de estudo é acompanhada de notas contextuais, tanto históricas quanto tradutórias. Para aprofundarmos mais o assunto, é apresentado um breve histórico da coletivização das terras na URSS e as condições sociais e artísticas que permitiram o florescimento da “prosa de aldeia”. Além disso, são apontados alguns dados biográficos do autor e alguns aspectos de sua obra que o enquadram nesse movimento artístico. Finalmente, são analisadas as diversas camadas cronotópicas da novela e seu caráter dialógico.

Palavras-chave: Valentin Raspútin, *Dinheiro para Maria*, prosa russa soviética.

SANTOS, H. G. L. *Money for Maria* by Valentin Rasputin: translation and analysis. São Paulo, 2018, 155 fls. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo

ABSTRACT

The aim of this research is to present and analyze the first novel by Soviet Russian author Valentin Rasputin, *Money for Maria*, originally published in 1967. The Portuguese translation of the object of study is accompanied by contextual notes, both historical and translational. To further explore the subject, a brief history of the collectivization of land in the USSR and the social and artistic conditions that allowed the flourishing of "village prose" is presented. In addition, some biographical data of the author and some aspects of his work that fit him in this artistic movement are pointed out. Finally, the various chronotopic layers of the novel and its dialogical character are analyzed.

Keywords: Valentin Rasputin, *Money for Maria*, Russian soviet prose.

Sumário

Introdução.....	10
1. Tradução	11
1.1. Sobre a tradução	11
1.2. <i>Dinheiro para Maria</i>, de Valentin Raspútin	12
2. Valentin Raspútin e a “prosa de aldeia”	106
2.2. A coletivização e a “prosa de aldeia”	106
2.2. Valentin Raspútin: vida e obra	121
3. <i>Dinheiro para Maria</i> e suas camadas cronotópicas.....	133
3.1. Resumo sobre o cronotopo bakhtiniano.....	133
3.2. Uma narrativa em dois tempos	136
3.3. O cronotopo da aldeia	139
3.4. O cronotopo da estrada de ferro	143
3.5. O cronotopo do sonho	146
3.6. O cronotopo da natureza	147
3.7. A sombra do Estado	149
3.8. Considerações finais.....	151
BIBLIOGRAFIA	153

Introdução

O presente trabalho está estruturado em três partes. A primeira delas é a tradução da novela *Dinheiro para Maria*, de 1967, principal objeto dessa pesquisa, precedida por uma nota introdutória, que esclarece questões relevantes para uma melhor compreensão tanto do fazer tradutório quanto da tradução em si. A tradução é acompanhada também de algumas notas de rodapé relacionadas a soluções tradutórias e informações de cunho contextual, por haver conceitos diretamente relacionados ao universo dos kolkhózes, cujas estruturas econômicas, administrativas e sociais podem ser desconhecidas de muitos.

A segunda parte tem início com a contextualização histórica do processo de coletivização das terras e sua evolução, tendo em vista sua relação com o surgimento, já em meados do século XX, da literatura que será chamada pelos teóricos de literatura russa como “*diereviénskaia proza*”. A tradução em português para a expressão em russo será discutida nesta mesma parte, pois a argumentação em defesa da solução proposta baseia-se em uma oposição à literatura vigente e às aspirações dos autores que deram força ao movimento. Em seguida, dados biográficos do autor serão apontados para divulgar mais aspectos de sua obra artística, e mesmo ensaística, de modo a enquadrá-lo nos parâmetros propostos para o movimento literário em questão.

A terceira e última parte é uma análise das diversas camadas cronotópicas presentes na obra *Dinheiro para Maria*. Partindo do princípio bakhtiniano do cronotopo, e apoiando-me nas classificações cronotópicas de Bemong e Borghart, os diversos elementos que compõem o tempo-espço da narrativa terão suas estruturas detalhadamente discutidas, de maneira a expor a riqueza da narrativa e seu diálogo com o mundo que a cercou à época, quais sejam, o tempo e o ponto de vista narrativos; a oposição entre a aldeia e a estrada, o conflito entre gerações e a natureza como reflexo do herói, que culminam todos numa análise cronotópica e dialógica da novela.

1. Tradução

1.1. Sobre a tradução

Esta tradução baseia-se no texto original em russo presente na edição das *Obras reunidas em dois volumes (Izbránnye Proizvediénia v dvukh tomákh)*, de 1990, publicadas pela editora “Khudojéstvenaia literatura”. À guisa de comparação, consulta e compreensão do texto, foi feito uso da tradução em inglês, *Money for Maria*, realizada por Kevin Windle. Em certos momentos de dúvida, foi possível recorrer a sua tradução para expandir o sentido do trecho em questão e analisar melhor a linguagem do texto.

As principais referências para as notas de rodapé de cunho contextual foram os livros de Fedor Belov, *The history of a soviet collective farm (A história de uma propriedade coletiva soviética)*, e Peter Kenez, *História da União Soviética*. Escolhi esses dois livros por promovem uma visão mais detalhada da história da coletivização, da vida nas propriedades coletivas e das estruturas administrativas, políticas e sociais.

Na tradução, procurou-se preservar as diferentes variações linguísticas das personagens, portanto temos uma linguagem mais próxima da norma-padrão em personagens notadamente mais escolarizados, e alguns coloquialismos na linguagem dos camponeses. Mas, para tanto, foram evitadas gírias e expressões que denotassem alguma variação bem localizada do português, para tornar o texto o mais acessível ao leitor brasileiro.

Essas escolhas deveram-se principalmente às dificuldades encontradas no momento de traduzir. Quanto mais difícil de alcançar o sentido da frase, mais popular ela era. Vovô Gordiéi, por exemplo, apresenta diversas inversões sintáticas que me distanciam de seu significado. Porém, graças ao auxílio prestado pela Dra. Maria Glushkova em nosso trabalho de cotejo, pude entregar maior vivacidade e dinamismo ao texto por meio da presença de vozes tão diversas, provenientes de variados estratos sociais.

Os termos em russo, como *kolkhóz*, *polátis*, *portiánka*, entre outros, foram mantidos sem destaque em itálico por serem parte integrante do universo de sentido do texto. Destacar algo que é daquele mundo, mesmo o texto tendo sido vertido para o português, é diminuir sua influência sobre o mundo retratado. Por sua vez, para não tornar o termo vazio de sentido, acrescentei notas que expandissem seu significado.

1.2. Dinheiro para Maria, de Valentin Raspútin

Kuzmá acordou porque os faróis de um carro na esquina ofuscaram a janela, e o quarto ficou muito claro.

Oscilando, a luz tateou o teto, desceu pela parede, virou à direita e sumiu. Um minuto depois o carro também silenciou, tornou a ficar tudo escuro e quieto, e agora, em completa escuridão e quietude, isso parecia uma espécie de sinal secreto.

Kuzmá se levantou e se pôs a fumar. Sentou-se no banquinho junto à janela e ficou olhando a rua através do vidro, tirando baforadas do cigarro como se também sinalizasse para alguém. Enquanto tragava, via na janela seu rosto cansado e mortiço por conta dos últimos dias, rosto que logo se desfez e que já não era nada além de uma insondável escuridão – nada de luz, nada de som. Kuzmá pensou na neve: é provável que ela se apronte pela manhã e se ponha a nevar, nevar e nevar – como uma benção.

Tornou a se deitar ao lado de Maria e adormeceu. Teve um sonho em que andava no mesmo carro que o despertara. Os faróis não estão acesos, e o carro roda nas trevas. Mas eles subitamente se acendem, iluminando uma casa, e o carro estaciona perto dela. Kuzmá sai da cabine e bate na janela.

— O que procura? — perguntam-lhe de dentro.

— Dinheiro para Maria — responde ele.

Entregam-lhe o dinheiro, e o carro segue seu rumo na completa escuridão. Mas no momento em que surge em seu caminho uma casa onde há dinheiro, ajusta-se a ela um mecanismo desconhecido, e os faróis se acendem. Mais uma vez bate na janela, e mais uma vez lhe perguntam:

— O que procura?

— Dinheiro para Maria.

Ele acorda pela segunda vez.

Escuridão. Ainda é noite, assim como antes não há luz ou som ao redor, e em meio às trevas e ao silêncio fica difícil acreditar que nada acontecerá, os primeiros raios de sol virão em seu tempo e a manhã nascerá.

Kuzmá está deitado, pensando, e não tem mais sono. De algum lugar lá no alto, como chuva inesperada, surgem os ruídos sibilantes de um avião a jato que logo se dissipam, seguindo-o enquanto se afasta. De novo o silêncio, mas agora ele parece ilusório, como se dentro em pouco algo pudesse acontecer. Esta sensação de alerta custa a passar.

Kuzmá pensa: ir ou não ir? Pensara nisso ontem e anteontem, quando ainda restava

tempo para considerações e não precisava decidir nada em definitivo, mas agora o tempo acabou. Se não for amanhã, será tarde demais. Agora deve determinar a si mesmo: sim ou não? Precisa ir, com certeza. Precisa ir. Chega de sofrer. Aqui não há mais ninguém a quem recorrer. Levantará pela manhã e irá direto para o ônibus. Ele fecha os olhos – precisa dormir. Dormir, dormir, dormir... Kuzmá tenta cobrir-se com o sono, como se fosse um cobertor, entra de cabeça nele, mas não consegue. Parece que dorme perto de uma fogueira: quando você vira para um lado, o outro passa frio. Ele dorme e não dorme, torna a sonhar com o carro, sabe que não custa nada abrir os olhos agora e voltar a si de uma vez por todas. Ele troca de lado – ainda é noite, e nenhum trabalho noturno poderá amansá-la.

Manhã. Kuzmá levanta-se e olha pela janela: nada de neve, mas está nublado, pode nevar a qualquer momento. Um raio de luz turvo e intratável se derrama a contragosto, como se lhe custasse muito. De cabeça baixa, um cão atravessa a janela correndo e dobra a esquina. Não há viva alma. De repente, uma rajada de vento vinda do Norte bate contra a parede e logo abrandando. Um minuto depois, mais um golpe, e mais outro.

Kuzmá vai até a cozinha e diz a Maria, que gasta seu tempo com o forno:

— Prepare alguma coisa para mim, estou indo.

— Para a cidade? — Maria põe-se de sobreaviso.

— Para a cidade.

Maria seca as mãos no avental e senta-se de frente para o forno, apertando os olhos por causa do calor que escalda seu rosto.

— Ele não vai dar, não — diz ela.

— Sabe onde está o envelope com o endereço? — pergunta Kuzmá.

— Em algum lugar na sala, se é que ainda está por aí.

As crianças estão dormindo. Kuzmá encontra o envelope e retorna para a cozinha.

— Achou?

— Achei.

— Ele não vai dar, não — repete Maria.

Kuzmá senta-se à mesa e come em silêncio. Nem ele mesmo sabe se dará ou não. A cozinha fica abafada. O gato roça o pé de Kuzmá, que o repele.

— Você volta mesmo? — pergunta Maria.

Ele afasta o prato e pondera. O gato, arqueando as costas, afia as garras no canto da parede, torna a se aproximar de Kuzmá e se esfregar em seus pés. Kuzmá se levanta e, em

silêncio, vai até a porta, sem saber como se despedir.

Escuta Maria chorar enquanto se arruma. É hora de ir – o ônibus partirá cedo. Que Maria chore, não há nada a ser feito.

Na rua o vento – tudo balança, geme e retumba.

O vento sopra contra a frente do ônibus, penetrando pelas rachaduras das janelas. O ônibus vira sua lateral na direção do vento, e os vidros começam imediatamente a tilintar, atingidos por folhas e pedregulhos minúsculos como areia levantados da terra. Faz frio. Vê-se que o vento carrega consigo as geadas e a neve, e dali até o inverno não falta muito, já é fim de outubro.

Kuzmá está sentado na última fileira, ao lado da janela. Há pouca gente no ônibus e assentos livres à frente, mas não tem vontade de levantar-se e trocar de lugar. Encolhe a cabeça entre os ombros e, macambúzio, olha pela janela. Do outro lado da janela, por uns vinte quilômetros seguidos só há uma coisa: vento, vento e vento – vento na mata, vento no campo, vento na aldeia.

Os passageiros estão em silêncio – o mau tempo tornava-os carrancudos e taciturnos. Se alguém troca palavras, é a meia voz, incompreensíveis. Não têm sequer vontade de pensar. Todos estão sentados, agarrando-se ao encosto da frente quando o ônibus sacoleja e arranjando posições mais confortáveis – preocupados apenas com sua própria viagem.

Durante a subida, Kuzmá tenta distinguir o ruído do vento e o ruído do motor, mas eles se misturam – ruído apenas, nada mais. Logo depois da subida começa uma aldeia. O ônibus estaciona perto da administração do kolkhóz,¹ mas não há passageiros, não entra ninguém. Na janela, à vista de Kuzmá está uma longa rua vazia, pela qual o vento corre, como se fosse um tubo.

O ônibus torna a andar. O motorista, ainda jovem, olha os passageiros por cima do ombro e mete a mão no bolso atrás de um cigarro. Kuzmá se dá conta com alegria: esquecera completamente os cigarros. Depois de um minuto, uma fumaça azulada e volúvel paira pelo ônibus.

Outra aldeia. O motorista estaciona o ônibus perto do refeitório e se levanta.

— Parada — diz ele. — Quem quiser comer, pode ir, que o caminho ainda é longo.

Kuzmá não tem vontade de comer e sai para desanuviar. Perto do refeitório há uma loja, igualzinha à de sua aldeia. Kuzmá galga os degraus íngremes da entrada e abre a porta. Tudo

---

¹ Abreviação para *kollektívnoie khoziáistvo* (propriedade coletiva). Cf. infra cap. 2.

igual: de um lado os víveres, do outro os manufaturados. No balcão, três mulheres tagarelam sobre qualquer coisa, e a balconista, com os braços cruzados, escuta-as com ar indolente. É mais nova que Maria, e tudo parece bem com ela: está tranquila.

Kuzmá aproxima-se do forno aceso e estende as mãos acima dele. Pela janela, de onde está, pode ver o motorista sair do refeitório, e assim terá tempo de correr. O vento faz bater as folhas da janela, a balconista e as mulheres viram-se e olham para Kuzmá. Ele tem vontade de se aproximar da balconista e lhe dizer que sua aldeia tem uma loja igualzinha a essa e que sua Maria também ficou atrás do balcão por um ano e meio. Mas não se move. Outra vez o vento faz bater as folhas da janela, e de novo as mulheres viram-se e olham para Kuzmá.

Kuzmá sabe bem que o vendaval teve início justo hoje, pois quando despertara à noite tudo estava tranquilo, mas ainda assim não pode deixar de sentir que o vento há muito já vinha soprando, durante todos esses dias.

Cinco dias antes chegara um homem de uns quarenta anos ou pouco mais, aparência nem urbana nem rural, vestindo um sobretudo claro, coturnos e uma boina. Maria não estava em casa. O homem ordenou a Maria que não abrisse a loja: viera fazer o balanço.

No dia seguinte começou a inspeção. À hora do almoço, quando Kuzmá foi espiar a loja, havia uma completa algazarra. Maria e o fiscal retiraram das prateleiras todos os potes, caixas e maços, contando-os e recontando-os pela décima vez, pegaram do depósito uma grande balança e pesaram nela sacos de açúcar, sal e grãos, separaram a manteiga dos papéis de embrulho com uma faca, faziam barulho com as garrafas vazias, carregando-as de um canto a outro, e retiravam dos caixotes os restos grudentos de doces. O fiscal, com o lápis atrás da orelha, corria com desenvoltura por entre as montanhas de potes e caixotes, contando-as em voz alta praticamente sem olhar, usava quase todos os cinco dedos para rever os cálculos no ábaco, dizia alguns valores e, para escrevê-los, balançava a cabeça e deixava o lápis cair em sua mão. Era evidente que conhecia bem o seu trabalho.

Maria chegou tarde em casa, tinha o semblante extenuado.

— Como foram as coisas? — perguntou Kuzmá, apreensivo.

— Por enquanto, nada. Os manufaturados ficaram para amanhã. O amanhã é outro dia.

Ela ralhara com as crianças por terem estragado alguma coisa, e logo foi se deitar. Kuzmá foi para a rua. Em algum lugar estavam assando carne de porco, e o aroma forte e agradável se espalhava pela aldeia. A colheita terminara, as batatas haviam sido arrancadas, e agora as pessoas se preparavam para a cerimônia, aguardavam o inverno. Os tempos árdios e penosos

ficaram para trás, e começava a entressafra, quando é possível passear, olhar ao redor e refletir. Por enquanto havia calma, mas dali a uma semana a aldeia ficaria agitada, as pessoas recordariam todas as cerimônias, as antigas e as recentes, iriam de casa em casa e se abraçariam, gritariam, cantariam, tornariam a recordar a guerra e à mesa perdoariam todos os ressentimentos.

Kuzmá voltou para casa, pediu às crianças que não se demorassem acordadas e foi se deitar. Maria dormia, e até mesmo sua respiração era silenciosa. Kuzmá dormitava, mas as crianças começaram a gritar no quarto e foi preciso levantar-se e acalmá-las. Silêncio. Depois, cachorros latiram para alguém na rua e logo silenciaram.

Pela manhã, quando Kuzmá acordou, Maria já não estava em casa. Ele tomou o café da manhã e passou o dia todo na segunda brigada² – no dia anterior o presidente lhe pedira que olhasse o que havia no depósito de hortaliças e que materiais eram necessários para a reforma. Nesse ínterim, Kuzmá esquecera-se por completo do balanço e lembrou-se apenas ao se aproximar de casa. Vítka,³ o filho mais velho, estava sentado na entrada e correu para dentro ao avistar o pai. “O que há com ele?”, pensou Kuzmá e se apressou, com um mau pressentimento.

Esperavam-no. Maria estava sentada à mesa, os olhos lacrimejando. O fiscal, acomodado em um banco junto à porta, cumprimentou Kuzmá com um ar desconcertado e de culpa. Todas as quatro crianças estavam enfileiradas perto do forno russo em ordem precisa – do mais alto ao mais baixo. Kuzmá entendeu tudo. Sem perguntar nada, tirou as botas enlameadas e foi para o quarto calçar os chinelos. Não estavam lá. Voltou, procurou perto da porta, não os encontrou e perguntou às crianças:

— Vocês viram meus chinelos?

Maria não se conteve, desatou a chorar e correu para o quarto. Kuzmá, sem muito espanto, seguiu-a com um olhar inexpressivo e ralhou com as crianças:

— Meus chinelos vão aparecer ainda hoje ou não?

Observou que elas, inseparáveis como se estivessem amarradas, metiam-se nos cantos, enfiavam-se debaixo das camas, trotavam enfileiradas de um cômodo a outro e atrapalhavam-se cada vez mais, sem saber o que fazer e o que dizer.

Finalmente encontraram os chinelos. Kuzmá meteu os pés descalços neles e foi ver

---

² As brigadas eram grupos de centenas de pessoas que se subdividiam em esquadrões para realizarem as mais diversas e importantes tarefas no kolkhóz, como o plantio e a colheita, o uso das máquinas e o trabalho com os animais.

³ Hipocorístico de Víktor.

Maria. Estava deitada na cama, soluçando, com o rosto coberto pelas mãos. Virando o rosto dela em sua direção, ele perguntou:

— Quanto?

— Mi-mil.

— O quê? Novos?

Maria não respondeu. Virou-se para a parede, tornou a cobrir o rosto com as mãos e se desfez em pranto. Enquanto via o corpo dela estremecer, por um momento Kuzmá subitamente perdeu a noção do que estava acontecendo, do quanto isso era inesperado e terrível. Depois, como se voltasse de um sonho, foi ter com o fiscal e pediu para que ele se sentasse à mesa. O fiscal mudou de lugar, obediente. Kuzmá tirou um cigarro e começou a fumar apressado. Primeiro precisava voltar a si. Fumava, dava tragadas ávidas, como se bebesse água. De repente, do quarto das crianças surgiu aos berros a voz do aparelho de rádio, e Kuzmá sobressaltou-se.

— Desliguem ele!

As crianças se afastaram do forno sem mudar a ordem da fila, foram até o quarto aos trambolhões, e a voz silenciou. Quando Kuzmá ergueu a cabeça, já estavam junto ao forno, prontas para cumprir qualquer ordem sua. A raiva aos poucos foi passando, e Kuzmá teve pena delas. Não tinham culpa de nada. Disse ao fiscal:

— Serei sincero com você: a gente não roubou um único grão. Digo isso bem na frente das crianças, não sou capaz de mentir na frente delas. Como pode ver, a gente vive modestamente, mas não precisa de nada que é dos outros.

O fiscal ficou em silêncio.

— Então me diga, por que isso tudo? Mil, é isso?

— Mil — confirmou o fiscal.

— Novos?⁴

— Não se conta mais em dinheiro velho.

— Mas é uma quantia absurda — pronunciou Kuzmá, pensativo. — Nunca tive esse dinheiro todo na mão. Pegamos setecentos rublos emprestados do kolkhóz para construir a casa, e aquilo foi tanto que até a presente data não liquidamos a dívida. E agora mil. Eu entendo que pode ter enganos que cheguem a trinta, quarenta, ou até mesmo cem rublos, mas mil? Dá para ver que você trabalha nisso há muito tempo, deve saber como acontece.

— Não sei, — o fiscal meneou a cabeça.

— O centro de distribuição não enganou ela com a fatura?

---

⁴ Referência ao sexto rublo soviético, remodelação da moeda que se manteve em circulação entre 1961 e 1992.

— Não sei. Tudo é possível. Vejo que ela não tem muita instrução.

— Que instrução o quê – é analfabeta! Com uma instrução assim só dá para contar ordenados, não dinheiro do Estado. Quantas vezes eu disse para ela: isso não é para o seu bico. Não tinha ninguém para trabalhar na época, e convenceram ela. Mas depois pareceu que tudo ia dar certo.

— Ela sempre buscou as mercadorias sozinha? — perguntou o fiscal.

— Não. Pedia para alguém que fosse até lá.

— Isso também é ruim. Não se deve fazer isso.

— Mas veja bem...

— E o pior de tudo: não houve balanço o ano inteiro.

Calaram-se, e no silêncio reinante era possível ouvir os soluços de Maria no quarto. De uma porta qualquer aberta para a rua, irrompeu uma canção distante, zumbiu como um zangão que sobrevoa, e cessou – os soluços de Maria ressurgiram, mais altos, gorgolejando como se fossem pedras caindo na água.

— E agora? — perguntou Kuzmá, sem saber a quem se dirigia, a si mesmo ou ao fiscal.

O fiscal olhou de soslaio para as crianças.

— Saiam! — repreendeu-as Kuzmá, e correram para o quarto em fila indiana.

— Vou embora amanhã — prosseguiu em voz baixa o fiscal, aproximando-se de Kuzmá. — Preciso fazer balanços em mais duas lojas. Isso vai levar mais ou menos uns cinco dias de trabalho. E daqui a cinco dias... — titubeou ele. — Em resumo, se até lá você já estiver com o dinheiro... Está me entendendo?

— Entendi muito bem — respondeu Kuzmá.

— Estou até vendo: as crianças — disse o fiscal. — Bem, ela será julgada, sentenciada...

Kuzmá olhou para ele com um sorriso lastimoso e retraído.

— Não se esqueça: ninguém pode saber. Não tenho o direito de fazer isso. Estou arriscando minha pele.

— Já entendi, já entendi.

— Arranje o dinheiro, e vamos nos esforçar para resolver o problema.

— Mil rublos — disse Kuzmá.

— Sim.

— Entendido, mil rublos, um mil. A gente vai arranjar. Ela não pode ser julgada. Faz tempo que sou casado com ela, a gente tem filhos.

O fiscal levantou-se.

— Obrigado — disse Kuzmá, cumprimentando o fiscal com um aperto de mão. Este se foi. A cancela rangeu no quintal às suas costas, os passos ressoaram pelas janelas até cessarem.

Kuzmá ficou sozinho. Foi até a cozinha, sentou-se ao pé do forno, que não fora aquecido desde a véspera, ficou sentado de cabeça baixa por muito, muito tempo. Não pensava em nada, já não tinha forças para isso, e ficou imóvel, a cabeça baixando cada vez mais. Passaram-se uma, duas horas, e caiu a noite.

— Papai!

Kuzmá ergueu a cabeça devagar. À sua frente estava Vítka – descalço, de pijama.

— Que foi?

— Papai, vai ficar tudo em ordem?

Kuzmá assentiu. Mas Vítka não foi embora até ouvir as palavras do pai.

— Claro que sim! — respondeu Kuzmá. — A gente vai virar essa terra de pernas para o ar, mas não entrega a mãe. Somos cinco homens, vamos conseguir.

— Posso dizer aos manos que vai ficar tudo em ordem?

— Diga o seguinte: a gente vai virar essa terra de pernas para o ar, mas não entrega a mãe.

Vítka saiu, confiante.

Maria não se levantou de manhã. Kuzmá despertou, acordou os filhos mais velhos para irem à escola e serviu-lhes o leite do dia anterior. Maria permaneceu deitada na cama, olhando para o teto, e não se movia. Sequer trocara de roupa, deitara com o mesmo vestido que usara na loja, e tinha o rosto visivelmente inchado. Antes de ir embora, Kuzmá ficou de pé ao seu lado e disse:

— Quando estiver um pouco melhor, se levante. Não é nada, dá-se um jeito, as pessoas vão ajudar. Não deixe que isso mate você antes da hora.

Foi para o centro administrativo avisar que não trabalharia.

O presidente⁵ estava sozinho em seu gabinete. Levantou-se, estendeu a mão para Kuzmá e, com os olhos fixos nele, deu um suspiro.

— Que foi? — Kuzmá não compreendeu.

— Ouvi sobre Maria — respondeu o presidente. — A aldeia inteira já deve estar sabendo.

---

⁵ O presidente do kolkhóz era responsável pelas decisões financeiras e administrativas: supervisionar os planos de produção, os orçamentos e o balanço anual (BELOV, 1955, p. 40)

— Deixa, não adianta esconder — Kuzmá deu de ombros⁶, desconcertado.

— O que você vai fazer? — perguntou o presidente.

— Não sei. Estou sem rumo.

— Você precisa fazer alguma coisa.

— Preciso.

— Veja bem, não posso emprestar nada agora — disse o presidente. — Os balanços anuais vão começar. Quando os balanços acabarem, a gente pode conversar e, quem sabe, dar o dinheiro. É claro que vamos dar! Enquanto isso, vá se ocupar com os empréstimos, melhor não pedir para um zero à esquerda.

— Obrigado.

— Não preciso do seu “obrigado”! Como está Maria?

— Mal.

— Vá avisá-la.

— Vou avisar. — À porta Kuzmá se lembrou: — Não vou trabalhar hoje.

— Vá logo, vá logo. Como se tivesse condições de trabalhar! Nem pensar!

Maria ainda estava deitada. Kuzmá sentou-se na cama ao seu lado e apertou-lhe o ombro, mas ela não reagiu, sequer estremeceu, como se não tivesse sentido nada.

— O presidente falou que vai emprestar dinheiro depois da reunião de balanço — disse Kuzmá.

Ela mal se mexeu e voltou a ficar imóvel.

— Está me ouvindo? — perguntou ele.

De repente, algo aconteceu com Maria: ela saltou, envolveu o pescoço de Kuzmá e o derrubou na cama.

— Kuzmá! — sussurrou ela, ofegante. — Me salve, Kuzmá, faça alguma coisa. Kuzmá!

Ele tentou se desvencilhar, mas não conseguiu. Ela despencou sobre ele, apertando--lhe o pescoço e cobrindo-lhe o rosto com seu próprio rosto.

— Meu querido! — sussurrou ela, em frenesi. — Me salve, Kuzmá, não me entregue para eles!

Enfim desvencilhou-se.

— Mulher tola — rugiu ele. — O que você tem? Perdeu o juízo?

---

⁶ Em russo, махнуть рукой на кого-нибудь significa não contar mais ou não dar mais importância a ninguém, e está associado também a um movimento da mão, o que possui melhor equivalência em português com a expressão “dar de ombros”.

— Kuzmá! — ela chamou, sem forças.

— Está pensando o quê? A gente vai fazer empréstimo, vai dar tudo certo, e você age como uma louca.

— Kuzmá!

— Mas o que foi?

— Kuzmá! — sua voz foi ficando cada vez mais fraca.

— Estou aqui.

Descalçou as botas e deitou ao lado dela. Maria tremia, tinha os ombros contorcidos e convulsos. Ele a abraçou, passando a mão grande em seu ombro – para a frente e para trás, para a frente e para trás. Ela se apertou ainda mais contra ele. Continuou a passar a mão em seu ombro até que ficasse calma. Permaneceu um tempo deitado ao lado dela e depois se levantou. Ela dormia.

Kuzmá ponderava: poderia vender a vaca e o feno, mas as crianças ficariam sem leite. Na sua propriedade⁷ não havia o que vender. A vaca ficaria para o último caso, quando não houvesse mais saída. Não tinha um coque sequer, teve de pedir tudo emprestado. Não sabia que era possível pedir mil rublos, a soma parecia tão grande que ele ainda a confundia com dinheiro antigo, até cair em si e, desanimado, forçar-se a aceitar. Admitiu que aquele dinheiro existia, assim como existem milhões e milhares, mas que pudesse pertencer a uma só pessoa, ainda mais a ele, parecia um erro assombroso que não tem mais solução, pois a busca por dinheiro já havia começado. Ele ficou inerte por muito tempo – parecia esperar por um milagre, quando alguém chegaria dizendo que lhe pregavam uma peça e que toda essa história de desfalque não dizia respeito nem a ele, nem a Maria. Quantas pessoas à sua volta, e essa história de fato não lhes dizia respeito!

Por sorte o motorista estacionou o ônibus em frente à estação de trem, pois Kuzmá não precisou chegar até ela atravessando a ventania que começara a soprar desde sua casa e que ainda não havia parado. Aqui, na estação, uma chapa de ferro ribomba no telhado, papéis e bitucas são varridos pela rua, e as pessoas trotam de modo estranho – ou o vento as carrega, ou dão conta dele, correndo sem ajuda para onde precisam. Anunciando a chegada e a partida dos trens, a voz do alto-falante quebra-se em pedaços, atropela-se e é impossível de compreender.

---

⁷ No kolkhóz, o camponês podia manter uma pequena horta e alguns animais. “A venda destes produtos tornou-se uma parte importante do rendimento total do camponês, assim como da economia nacional. Por mais desagradável que este remanescente da iniciativa privada fosse para os líderes comunistas, o produto dos terrenos privados era demasiado importante para a economia nacional para ser abolido” (KENEZ, 2006, p. 137). Cf. infra cap. 2.

Os apitos das locomotivas e os estridentes assobios dos trens elétricos parecem alarmes, sinais de perigo que devem ser esperados a cada minuto.

Kuzmá toma lugar na fila do bilhete uma hora antes de chegar o trem. O guichê ainda não foi aberto, e as pessoas aguardam em pé, olhando com desconfiança para os que se aproximam do começo da fila. O ponteiro dos minutos no relógio elétrico redondo acima da janelinha do guichê salta de uma marca a outra com um tique, e as pessoas, fatigadas, erguem a cabeça a todo momento.

Finalmente o guichê é aberto. A fila se comprime e permanece estática. A primeira cabeça curva-se até a janelinha do guichê; passam-se dois, três, quatro minutos, e a fila não se move.

— O que se passa? Estão pechinchando? — grita alguém por detrás.

A cabeça arrasta-se de volta, e uma mulher, que está no primeiro lugar da fila, vira--se:

— Pelo jeito não tem bilhetes.

— Cidadãos, não há bilhetes para os vagões de segunda e terceira classes! — grita a atendente.

A fila se desarranja, mas não se desfaz.

— Não sabem como extorquir dinheiro — diz indignada uma mulher rechonchuda, com as faces e o xale vermelhos. — Oferecem vagões de primeira classe, mas quem precisa deles? Em aviões todas as passagens têm o mesmo valor.

— Então voe de avião — responde sem maldade a atendente.

— Vou mesmo! — encoleriza-se a mulher. — Se usarem mais uma ou duas dessas tramoias, ninguém mais vai viajar com vocês. Não têm vergonha na cara.

— Faça bom proveito do seu voo – nós não vamos chorar!

— Você vai chorar, minha flor, vai chorar quando perder o emprego.

Kuzmá afasta-se do caixa. Cinco horas até o próximo trem, no mínimo. E se assim mesmo comparasse para a primeira classe? Aos diabos com isso! Ninguém sabe se o outro trem terá ou não lugares mais baratos – e se for só primeira classe? Esperará em vão. “Não adianta chorar os cabelos se a cabeça já foi arrancada”,⁸ ocorre a Kuzmá por algum motivo. De fato, cinco rublos a mais não fariam diferença agora. Precisa de mil – não tem por que chorar por cinco.

Kuzmá volta ao guichê. A fila havia se desfeito, e diante da atendente está pousado um

---

⁸ “Снявши голову, по волосам не плачут”: referência à frase utilizada por Stálin durante o árduo período da coletivização das terras. A frase se tornou famosa e muito usada pela população da época nos momentos de crise.

livro aberto.

— Vou para cidade — diz-lhe Kuzmá.

— Bilhetes só para a primeira classe, — diz a atendente como se estivesse lendo, sem tirar os olhos do livro.

— Me dê o que tiver.

Ela marca a página com uma régua, tira o bilhete de algum lugar ao seu lado e mete--o sob o picotador.

Kuzmá então apura o ouvido para o caso de anunciarem seu trem. O trem chegará, ele se sentará no vagão de primeira classe e com toda a comodidade seguirá até a cidade. Estará na cidade pela manhã. Irá até a casa de seu irmão e receberá dele o dinheiro que falta para completar os mil. Seu irmão provavelmente tirará da caderneta. Eles se sentarão antes da partida, tomarão uma garrafa de vodka em despedida, e então Kuzmá fará o caminho de volta a tempo para a chegada do fiscal. Tudo voltará aos eixos, ele e Maria viverão como todo mundo. Quando essa desgraça terminar e Maria estiver livre, tornarão a cuidar dos filhos, acompanhando-os ao cinema – afinal eles eram praticamente um kolkhóz: cinco homens e uma mãe. Todos com uma vida pela frente. À noite, ao se prepararem para deitar, ele, Kuzmá, assim como antes, brincar com Maria, dará tapinhas em suas partes macias, e ela ralhará com ele, mas sem maldade, apenas para se divertir, pois ela mesma gostava dessa folia. Precisa de muito para ficar tudo bem? Kuzmá volta a si. De muito, muito mesmo – mil rublos. No momento ainda não são mil, e mais da metade ele arranjou a muito custo. Humilhou-se e fez promessas onde precisava e onde não precisava, mencionava o empréstimo, temendo que não o dessem, e depois, envergonhado, apanhava as cédulas que queimavam suas mãos, e mesmo assim a quantia era pouca.

Antes de tudo, como qualquer outro na aldeia provavelmente faria, ele recorreu a Ievguiéni Nikoláievitch.

— Ah, Kuzmá — encontrou-o à porta Ievguiéni Nikoláievitch. — Entre, entre. Sente-se. Pensei que estivesse zangado comigo, não vem me visitar.

— Por que eu ia estar zangado com você, Ievguiéni Nikoláievitch?

— Não sei. Nem todos falam dos seus ressentimentos. Sente-se. Como vai a vida?

— Normal.

— Ora, não se faça de coitado. Mudou-se para a casa nova e está tudo “normal”?

— Faz um ano que a gente está na casa nova. Vou me gabar do quê agora?

— Não sei. Você não vem me visitar, não me conta nada.

Ievguiéni Nikoláievitch tirou da mesa alguns livros abertos e colocou-os sobre a prateleira sem fechá-los. Era mais novo que Kuzmá, porém todos na aldeia o respeitavam, mesmo os mais velhos, porque já era diretor da escola há quinze anos, primeiro por um programa de sete anos, hoje por um programa de oito.⁹ Ievguiéni Nikoláievitch nascera e crescera aqui e, ao se formar no instituto, não se esquecera do trabalho no campo: ele mesmo segava, carpintejava, possuía uma grande propriedade e, quando era temporada, pescava e caçava com os mujiques. Kuzmá foi logo à casa de Ievguiéni Nikoláievitch porque sabia: ele tinha dinheiro. Vivia apenas com a esposa – ela também era professora –, o salário deles era bom, e sobretudo não havia onde gastar, pois tinham tudo em sua propriedade – vegetais, leite e carne.

Vendo que Ievguiéni Nikoláievitch juntava os livros, Kuzmá levantou-se.

— Cheguei em má hora?

— Sente-se, sente-se, que má hora o quê! — deteve-o Ievguiéni Nikoláievitch. — Temos tempo. Quando não estamos no trabalho, o tempo é todo nosso, e não do fisco. Neste caso, devemos gastá-lo à vontade, não é mesmo?

— Antes fosse.

— Por que “antes fosse”? Diga que sim. Temos tempo. Posso preparar um chá.

— Não precisa — Kuzmá recusou —, não quero. Acabei de tomar.

— Ora, veja. Dizem que a visita satisfeita é mais fácil de agradar. Certo?

— Certo.

Kuzmá se remexeu na cadeira e decidiu começar:

— Ievguiéni Nikoláievitch, eu vim até sua casa apenas a negócios.

— A negócios? — Ievguiéni Nikoláievitch, posto de sobreaviso, sentou-se à mesa. — Bem, então diga. Negócios são negócios, precisam ser resolvidos. Como costumam dizer, malhe o ferro enquanto está quente.

— Não sei por onde começar — titubeou Kuzmá.

— Diga, diga.

— O negócio é o seguinte: vim até você para pedir dinheiro emprestado.

— De quanto precisa? — bocejou Ievguiéni Nikoláievitch.

— Preciso de muito. O quanto você puder dar.

---

⁹ Plano escolar que indica abrangência das fases do ensino básico. Um programa de oito anos corresponderia ao nosso antigo Ensino Fundamental em oito séries.

— Ora, quanto – dez, vinte, trinta?

— Não — Kuzmá meneou a cabeça. — Preciso de muito. Vou explicar para você entender bem. Aconteceu um grande desfalque com minha Maria – já está sabendo?

— Não estou sabendo de nada.

— Ontem terminaram o balanço e trouxeram essa surpresa.

Ievguiéni Nikoláievitch tamborilou na mesa com o nó dos dedos.

— Que desagradável – disse ele.

— Ahn?

— Que desagradável, eu disse. Como isso aconteceu?

— Simplesmente aconteceu.

Ficaram em silêncio. Ouvia-se o tique-taque do despertador; Kuzmá procurou-o com os olhos, mas não o achou. O despertador martelava quase parando. Ievguiéni Nikoláievitch tornou a tamborilar na mesa com os dedos. Kuzmá olhou para ele – franzia ligeiramente a testa.

— Podem condená-la — disse Ievguiéni Nikoláievitch.

— Por isso estou buscando dinheiro, para não condenarem ela.

— Podem condená-la de qualquer jeito. Peculato é peculato.

— Não, não podem. Eu sei que ela não pegou nada.

— Por que está dizendo isso para mim? — ofendeu-se Ievguiéni Nikoláievitch. — Não sou o juiz. Diga isso a ele. Estou lhe avisando para que tome cuidado: mesmo que você entregue o dinheiro, eles a condenarão.

— Não. — Kuzmá percebeu subitamente que já temia por isso, e disse mais para si do que para ele: — Eles cuidam agora para que nada seja em vão. A gente não tirou proveito daquele dinheiro, a gente não precisa dele. Esse desfalque aconteceu porque ela é analfabeta, e não por outro motivo.

— Eles não entendem isso — Ievguiéni Nikoláievitch agitou o braço.

Kuzmá lembrou-se do empréstimo e, sem dar tempo para acalmar-se, pediu de modo tão lamentável que ele mesmo se sentiu enojado:

— Não vou ficar com seu dinheiro por muito tempo, Ievguiéni Nikoláievitch. Uns dois ou três meses. O presidente me prometeu uma quantia depois da reunião de balanço.

— E não dará agora?

— Agora não pode. A gente ainda não pagou a última dívida, da época que levantou a casa. Então, eles não vão aceitar antecipar outro empréstimo.

As batidas aceleradas do despertador tornaram a surgir, tocavam alto, com ansiedade, e

ainda dessa vez Kuzmá não o achou. Poderia estar ou atrás da cortina, na janela, ou na prateleira de livros, mas o som parecia vir de cima. Kuzmá não se conteve e olhou para o teto, injuriando-se depois pela tolice.

— E você já foi à casa de alguém? — perguntou Ievguiéni Nikoláievitch.

— Não, você é o primeiro.

— O que posso fazer? Tenho que dar! — disse Ievguiéni Nikoláievitch, repentinamente entusiasmado. — Se eu não der, você dirá: veja, Ievguiéni Nikoláievitch resolveu poupar e não deu nada. E as pessoas se divertirão à custa disso.

— Por que eu ia falar isso de você, Ievguiéni Nikoláievitch?

— Não sei. Não estou me referindo a você, é claro, mas às pessoas em geral. Há gente de todo tipo. Tenho dinheiro apenas no banco do centro do distrito. Eu o guardei num lugar distante justamente para não gastar à toa. Preciso ir até lá. Mas não tenho tempo agora. — Tornou a franzir a testa. — Precisarei dar um passeio. O negócio é o seguinte. Tenho cem rublos, e vou tirar. Isto é certo: devemos ajudar um ao outro.

Kuzmá ficou em silêncio, como se subitamente tivesse se extenuado.

— Por isso somos seres humanos, para nos ajudarmos — disse Ievguiéni Nikoláievitch. — Muitos na aldeia fofocam a meu respeito, e nunca recusei ajuda a ninguém. Visitam-me com frequência: dou cinco, dez. Um dia darei meus últimos rublos. Na verdade, gosto que os devolvam, porque ninguém aqui trabalha de graça.

— Vou devolver — disse Kuzmá.

— Mas não estou me referindo a você, sei que devolverá. Refiro-me às pessoas em geral. Você tem juízo, sei disso. Mas alguns vivem sem ele. Você sabe disso, nem preciso lhe dizer! Há gente de todo tipo.

Ievguiéni Nikoláievitch continuou falando sem parar, e a cabeça de Kuzmá começou a doer. Estava cansado. Quando finalmente foi para a rua, a última névoa, que durara até o almoço, havia se dissipado, e o sol brilhava. O ar estava límpido e frágil, como é habitual nos últimos dias de sol em fins de outono. A mata atrás da aldeia parecia próxima, mas não se mantinha como uma parede sólida, repartia-se em árvores iluminadas e já desfolhadas.

Kuzmá sentiu-se melhor ao ar puro. Andava, e andar era-lhe agradável, mas por dentro, como um abcesso, a dor ainda comichava. Sabia que isso levaria um bom tempo.

Maria levantara-se, apesar de tudo, mas ao pé dela estava à mesa Komaríkha. Kuzmá entendeu imediatamente do que se tratava.

— Você veio rapidinho. — Estava pronto para jogá-la porta afora. — Pressentiu. Que

nem corvo sobre carniça.

— Eu não vim falar com você, e não me expulse — tagarelou Komaríkha. — Vim falar com Maria, a negócios.

— Sei bem os seus negócios.

— Seja como for, foi por isso que eu vim.

— Pois é.

Maria, que estava sentada e imóvel, virou-se.

— Kuzmá, você não se intrometa nos nossos negócios. Se não gosta, vá para o outro quarto ou para qualquer outro lugar. Não tenha medo, Komaríkha, vamos continuar.

— Não tenho medo. — Tirando as cartas de algum lugar por debaixo de sua saia, Komaríkha olhou de soslaio para Kuzmá e começou a debochar. — Ora essa, eu não estou roubando, não preciso ter medo. E se eu ficar reparando em tudo, meus nervos não vão aguentar.

— Oh, agora ela vai fazer bruxaria! — Kuzmá sorriu.

— O que a carta mostrar, vou dizer, e não vou mentir.

— Vai dizer toda a verdade, com certeza!

Maria voltou a cabeça e disse, escondendo o sofrimento:

— Vá embora, Kuzmá!

Kuzmá se conteve e calou-se. Foi até a cozinha, mas dali podia ouvir Komaríkha lamber os dedos, forçar Maria a sacar três cartas do baralho e balbuciar:

— Moça, graças a Deus você não foi parar na detenção. Não vou mentir, não tem mesmo. Aqui está a carta. Você vai ter um longo caminho pela frente – aqui está o caminho, e a sequência de ouros¹⁰.

— Pois é, vai ser convocada para receber uma medalha em Moscou — Kuzmá não se conteve.

— E você vai passar por aflições, aflições das grandes, não das pequenas. Aqui estão elas. Tem que ser três vezes. — Ouvia-se Komaríkha pegar as cartas. — Pegue uma, querida. Não, espere, você não pode pegar. A gente precisa de outra pessoa que não é da bruxaria. Suas crianças estão em casa?

— Não.

— Que azar, o seu!

---

¹⁰ No original, *bubnóvy intieriés*. Por mais que a riqueza esteja relacionada com o naipe de paus, a expressão, no geral, relaciona-se à possibilidade de conseguir riquezas, vantagens financeiras, e está associado na cartomancia às cartas de ouros, principalmente quando acabam sendo dispostas em sequência. Optou-se por enfatizar, em português, a disposição física das cartas, e não seu significado simbólico.

— Deixa que eu tiro — disse Maria.

— Não, não pode, a carta vai vir errada. Ei, Kuzmá! — Komaríkha entoou carinhosamente. — Venha cá um segundo. Não fique com raiva das pecadoras aqui. Você tem suas crenças, a gente as nossas. Pegue uma carta para a gente, amiguinho.

— Vá se danar! — Kuzmá foi até elas e empurrou a carta de cima.

— Pois é. Meu genro também não acreditava em mim, era membro do Partido — é claro! —, mas quando foi levado a julgamento em quarenta e oito, na mesma noite correu até a minha casa em busca de preces.

Ela expôs as cartas que tinham a face virada para baixo e prosseguiu:

— O fato é que ninguém acredita até determinado momento, enquanto a vida está tranquila. Mas quando uma desgraça acontece, não assim uma desgraça simples, mas uma desgraça dolorosa — Deus vem na memória na mesma hora, junto com seus servos que levavam cuspidas na cara.

— Não aumente as coisas, Komaríkha — ignorou-a Kuzmá, cansado.

— Não estou aumentando nada. Falo o que sei. Veja bem, você está achando que não acredita nessa predição? Apenas parece que não acredita. E se amanhã começar uma guerra, acha que não vai ter interesse em prever o futuro, em saber se vai morrer ou não?

— Vamos, revele a carta — apressou-a Maria.

Komaríkha largou Kuzmá e prosseguiu com interesses de ouros e aflições de paus. Kuzmá apurou o ouvido: ela também não foi parar na prisão desta vez.

Depois que Komaríkha foi embora, os dois ficaram sozinhos em casa. De costas para Kuzmá, Maria olhava pela janela, ainda sentada à mesa. Kuzmá fumava.

Maria não se movia. Kuzmá levantou-se atrás dela, olhou na direção em que ela olhava, e nada viu. Temia conversar com ela, temia que, ao dizer uma só palavra, acontecesse qualquer coisa ruim que não pudesse consertar. Ficar em silêncio também era insuportável. Sua cabeça tornou a doer, eram golpes afiados e intensos nas têmporas, obrigando-o a esperar e temer.

Maria estava em silêncio. Ele a espiava furtivamente, mas podia não espiar, pois se ela se movesse, ele ouviria de imediato, no silêncio, qualquer movimento seu. Esperou.

Finalmente, ela se moveu, e ele estremeceu.

— Kuzmá — pronunciou ela, ainda olhando pela janela.

Ele viu que ela olhava pela janela, baixou os olhos.

De repente, ela começou a rir. Ele olhava para o chão, sem acreditar que ela ria.

Ela riu pela segunda vez, mas agora seu riso vinha de algum lugar distante. Ele ergueu os olhos – ela não estava. Assustou-se. Olhando ao redor, levantou-se e, com cuidado, aproximou-se da porta que dava para o quarto. Estava deitada na cama.

— Venha cá — ela chamou, sem olhá-lo.

Ele se aproximou.

— Venha se deitar, fique deitado comigo.

Ele se deitou ao lado dela com cuidado e a sentiu tremer.

Meia hora depois ela contou:

— Você deve estar achando que eu perdi o juízo. Realmente não estou normal. Ora choro, ora começo a rir de repente. Lembro que alguém contou que as mulheres, lá nessas prisões, ficam fazendo aquilo uma em cima da outra. Que vergonha. Fiquei mal. Mas depois pensei: ora, eu ainda não estou lá, ainda estou aqui.

Ela se apertou contra Kuzmá e desatou a chorar.

— Olha eu chorando de novo — soluçou ela. — Não deixe eles me levarem, meu bem, não deixe. Não quero...

O trem se aproxima lentamente, já estacionando, solavanca com um rangido pela última vez e para. Kuzmá está congelando, mas não sobe ao vagão de imediato. Fica, olha. Alguns passageiros saltam do trem para a plataforma, desvairados, correndo de um quiosque a outro – vendo de longe parece que o vento os faz girar. De algum lugar atrás das nuvens irrompe, fina e suave como folha seca, uma mancha de sol, apesar de o próprio sol não estar visível; tremeluzindo, ela quase se agarra à plataforma e aos telhados dos vagões, mas o vento logo a arranca e leva embora.

Kuzmá raramente viaja e sente-se inquieto sempre que está viajando, como se perdesse tudo na vida e procurasse por outra coisa, sem nem mesmo saber se encontrará ou não. Sobretudo desta vez. Sabe que precisa, e mesmo assim tem medo de ir. E ainda há o vento. Com certeza o vento não tem nenhuma relação nem com a história de Maria, nem com a viagem para a cidade, ele sopra por si mesmo, como deve ter soprado no ano passado e no retrasado, quando tudo estava bem entre Kuzmá e Maria, mas mesmo assim Kuzmá não pode deixar de sentir que um fato está conectado ao outro e que o vento não sopra à toa. E não haver bilhetes para a terceira classe não é sem objetivo, é semelhante a uma advertência que diz: se você não é um tolo, então compreende e não irá.

Pelo alto-falante anunciam dois minutos para a partida do trem, e Kuzmá, apressando-se, dirige-se ao seu vagão, porém, antes de subir, volta o olhar para a estação e pensa: com o que eu vou voltar? Ainda que seja assustador, isso o ajuda, como se recitasse uma prece e confiasse seu destino a um outro alguém, pois ele mesmo já não poderia fazer mais nada. Fica junto à janela e observa como os edifícios da estação se unem um ao outro atrás do trem e pensa com estranheza que ainda pela manhã estivera em casa. Parece que foi há muito tempo. Ele suspira. Logo acabarão seus suplícios com o dinheiro – bem ou mal, mas acabarão: em dois dias chegará o fiscal, e tudo será resolvido. Dois dias – não é muito. Sentiu cansaço, um terrível cansaço, terrível porque não era físico – com o físico estava acostumado.

— Mostre seu bilhete! — ressoa atrás dele uma voz.

Kuzmá vira-se – aproxima-se a encarregada, que já não é jovem e está cansada de viagens. Ela revira nas mãos o bilhete e por um tempo olha para ele e para Kuzmá e vice-versa, como se Kuzmá tivesse roubado ou falsificado o bilhete; nesse momento, é possível que ela tenha lamentado sinceramente o fato de os bilhetes não terem coladas as fotografias dos passageiros, pois sem fotografias não poderia provar nada.

A encarregada olha para as botas, e Kuzmá também baixa os olhos – no tapete brilhante, limpo quase à transparência, suas botas gastas de pano-couro tamanho quarenta e dois, que ficaram consideravelmente empoeiradas no caminho, parecem tratores passando por um jardim florido. Kuzmá quer se justificar e diz com ar culpado:

— Não tinha bilhete para os outros vagões.

— E vocês ficam satisfeitos — diz ela com maldade e, sem ter a oportunidade de expulsá-lo e não desejando mais conversar com ele, faz-lhe um sinal para que a siga.

Ela bate em uma das estreitas portas azuis que pareciam de brinquedo, depois afasta-a para o lado e, parando junto à entrada, de modo que Kuzmá ficasse bem visível com suas botas, sua jaqueta rústica e sua sacola do exército, diz com ar culpado, parecendo Kuzmá quando falara com ela antes disso:

— Peço desculpas, por favor, mas temos aqui um passageiro... — ela faz uma pausa e, justificando-se, arremata: — Está com o bilhete.

— Está com o bilhete? Será? — pergunta assombrado o militar, apertando um olho; Kuzmá percebe depois que ele é coronel.

— Não pode ser! — sentado ao lado do coronel, um homem de camiseta branca com a pança arqueada repete assombrado: — Não pode ser!

A encarregada sorri pouco à vontade. Depois pronuncia:

— Está com o bilhete...

— Por que não foi possível trazer até nós alguém sem bilhete? — o coronel balança a cabeça com ar descontente e estala a língua. — Ora, nós lhe avisamos.

O homem de camiseta branca não se contém e dá uma risada ligeira, sem muito esforço, um ruído acelerado, muito parecido com um motor de motocicleta trabalhando em velocidade média, e o coronel, entregue a esse riso, também sorri.

— Os senhores estão brincando — diz a encarregada com um alívio evidente, ainda olhando de trás da porta. — Não tenho outro lugar para colocá-lo, está tudo lotado. — Ao sair, ela ainda arriscou uma brincadeira. — Mas ele está com o bilhete...

— Entre, entre — acena o coronel a Kuzmá.

Kuzmá apoia-se na cabine e permanece junto à porta.

— Seu leito fica ali — o coronel aponta para cima. — Abaixе-o e, se quiser, acomode-se. Não fique acanhado, é todo seu.

— Não estou.

— Combateu?

— Tive oportunidade.

— Ora, melhor assim. Então nada lhe assusta.

— O fato de estar tudo lotado é relativo, e ela, para dizer o mínimo, inventou um pouco — um homem que está deitado no segundo leito inferior se faz ouvir. — Na cabine ao lado, a número nove, há apenas três. Mas ela não foi até lá.

— Ora — respondeu-lhe o homem de camiseta branca com um ar de especialista. — Ela não iria à cabine deles sem uma razão importante.

— Então quer dizer que à nossa ela pode?

— Guennádi Ivánovitch, ela está acostumada a avaliar o quanto vale cada um de nós. Não precisa de carteiras de identidade. Ela logo no primeiro instante percebe que você é apenas um diretor de emissora de rádio — o homem de camiseta branca pisca para o coronel.

— Não sou diretor de emissora de rádio, sou presidente do comitê regional de radiodifusão e televisão — corrige secamente Guennádi Ivánovitch.

— Acredite, para ela isso não faz diferença.

— Não estou entendendo... — Guennádi Ivánovitch crisca os lábios, como se não quisesse arrematar o que não entendera. Está deitado de pijama, as calças enfiadas nas meias, é de baixa estatura, com um bonito rosto afeminado e olhos que atraem a atenção de primeira e que observam com frieza. Com dignidade, Guennádi Ivánovitch vira lentamente a cabeça de

cabelos lisos, compridos e escovados, mas volta-a, ajeitando-a de um modo que ainda o deixasse bonito.

Kuzmá permanece em pé; quer tirar a jaqueta, mas vê que ambos os cabides ao lado do seu leito estão ocupados, e decide não a pendurar sobre o dispendioso casaco marrom – não o sujaria. A jaqueta geralmente está limpa, mas quem sabe – está usada. Acomoda a sacola no chão em um espacinho livre junto à porta – e assim fica tudo em ordem com a sacola.

Se baixasse o leito, lá poderia encontrar algum espaço para a jaqueta, sobre os pés, talvez, mas Kuzmá não sabe como baixá-lo; por via das dúvidas, ele o puxou para baixo e, voltando-se, encontrou o olhar zombeteiro de Guennádi Ivánovitch.

— Espere, espere — o coronel se levanta e destrava o ferrolho que segurava o leito. — Pronto. Técnica, meu irmão. Você é um homem forte, mais um pouco e capotará o vagão.

— É da aldeia? — pergunta a Kuzmá o homem de camiseta branca.

— Da aldeia.

— Sua roupa de cama deve estar em algum lugar por ali — o coronel aponta para o nicho acima da porta, semelhante aos polátis¹¹ da aldeia. É sobre este nicho que Kuzmá enfia a jaqueta, pois seu leito está revestido por um lençol branco sobre o qual não poderia deixar a jaqueta. Mas, graças a Deus, encontrou um lugar. Sente-se mais leve, agora só precisa de um lugar para acomodar a si mesmo.

— Guennádi Ivánovitch, como acha que adivinhei que o camarada é da aldeia? — perguntou o homem de camiseta branca.

— Pelo cheiro.

— Não, pelo rosto. Preste atenção: os aldeões, quase todos, sem exceção, têm rostos escuros, queimados. Estão sempre ao ar livre.

— Pensei que fosse pelo cheiro — repetiu zombeteiro Guennádi Ivánovitch.

O coronel se afasta para liberar espaço, e Kuzmá senta-se - primeiro na borda, mas ao dar-se conta de que Guennádi Ivánovitch havia reparado nisso, acomodou-se mais confortavelmente. Está sentado ao lado da porta, o homem de camiseta branca ao lado da janela, entre eles o coronel. No outro leito, Guennádi Ivánovitch está deitado de barriga para cima com os joelhos dobrados. Kuzmá ergue os olhos na direção dele e logo os desvia: Guennádi Ivánovitch o encara atentamente. Depois Kuzmá tem a impressão de que Guennádi Ivánovitch o observa sem parar, mas considera que observá-lo sem parar é impossível, e acredita ser apenas

---

¹¹ Conjunto de tábuas que formam um leito. Nas isbás, costuma localizar-se acima da porta, próximo ao forno russo.

impressão sua – seus olhos são assim mesmo. Dá para ver, pensa Kuzmá, que já é chefe há muito tempo, e como tal não é uma pessoa muito gentil. Sua voz é fraca, com a voz não consegue dominar, então aprendeu a dominar com os olhos, para as pessoas temerem seu olhar.

— Como vocês estão lá na aldeia, meu camarada? Segaram as searas?¹² — o homem de camiseta branca articula com dificuldade os termos estranhos para ele.

— Segamos — responde Kuzmá.

— Como está a safra?

— Nada mal esse ano. Na nossa terra geralmente não acontecem grandes safras, mas este ano a gente colheu uma média de doze quintais métricos¹³ de trigo.

— A safra está boa em toda parte esse ano — diz o coronel. — Assim a aldeia pode ficar em paz.

— Mas ela sempre fica em paz — diz Guennádi Ivánovitch, enérgico, como que forçando as palavras. — Quando não tem dinheiro, pede emprestado ao Estado, quando precisa pagar, torna a pedir emprestado. E é assim até a hora em que o governo não pode mais fazer nada, a não ser cuspir sobre as dívidas e cancelá-las.

— Porque não é uma vida fácil — retruca o homem de camiseta branca, enquanto olha pela janela. — Você mesmo sabe disso.

Guennádi Ivánovitch bufa.

— Quantos trabalhadores sua fábrica perde todo outono, quando as aldeias começam a colheita? — ele pergunta.

— O que se pode fazer? Pelo jeito não há outra saída. A aldeia não dá conta sozinha.

— Ah, bobagem. Mesmo que admitamos que seja assim, por que, quando vocês têm pressa na finalização do plano anual, e a aldeia, ao mesmo tempo, não tem quase nada para fazer – por que ela não manda seu pessoal para lhes ajudar, assim como vocês a ajudaram? Princípios de igualdade, como bons vizinhos.

— Na fábrica é preciso qualificação.

— Vocês têm certos serviços que podem ser feitos sem qualificação.

— Guennádi Ivánovitch, você fala como se conhecesse a fábrica melhor que eu.

— Com certeza entendo de fábrica menos que você, mas de aldeia não — disse Guennádi Ivánovitch. — A questão não é essa. Certa vez um doente tuberculoso me fez uma

---

¹² *Otstradovátsia*, no original. Segundo Dal (1880-82), o termo designa a colheita especificamente de cereais. Por haver uma dificuldade da personagem em dizer a palavra, foram utilizados dois termos em aliteração para acentuar um possível problema de pronúncia.

¹³ Unidade de medida de peso utilizada em colheitas, equivalente a 100 quilogramas.

interessante confissão. Eu, disse ele, há muito tempo teria me restabelecido se quisesse, mas não estou interessado em ficar curado. Não estão entendendo? No início também não entendi. Ele explicou: ficava no hospital quatro, cinco meses por ano, sob a garantia total do Estado, ou no sanatório, onde podia pescar e passear pelo bosque, e o Estado lhe pagava salário integral. Tratavam-no de graça, a refeição com certeza era melhor, o quarto, de primeira linha – todos os bens, todos os privilégios por estar doente. E ele retorna do sanatório com plena consciência do que deve fazer, e começa a beber e a fumar – sobretudo se nota melhoras –, pois só não quer perder os privilégios. Já se acostumou, não pode ficar sem eles.

— Mas, e daí? — perguntou o homem de camiseta branca.

— Nada. — Guennádi Ivánovitch sorri para ele um sorriso indulgente. — Mas não podem negar que nossa aldeia se encontra em situação privilegiada. Nós lhe vendemos máquinas por preço reduzido, comparamos pão por preço elevado, e ela com sua artimanha e prudência aldeã há muito tempo entendeu que é desvantagem resolver todos os seus problemas com a própria força. Mas é evidente que ela é capaz. Ela sabe perfeitamente que chegarão máquinas e pessoas da cidade para ajudar na colheita, e pode ser até que o Estado torne a dar dinheiro.

“Pois é, são todos uns tolos, você é o único sabido”, Kuzmá pensa, mas fica calado.

— Nós todos comemos pão — diz o homem de camiseta branca.

— As máquinas produzidas pela sua fábrica, pelo visto, também não permanecem na fábrica — responde-lhe Guennádi Ivánovitch, e o homem de camiseta branca, concordando, balança a cabeça a contragosto. — O que você diz está correto: nós todos comemos pão, mas é preciso exigir de cada um aquilo que é produzido no setor ao qual foi designado responsável, e exigir com todo o rigor. Também exigem de nós. Mas com a aldeia, por algum motivo nos permitimos relevar, como se fosse parte de outro Estado. Barganhamos com ela.

— O que há com você hoje para se opor a ela? — pergunta o coronel com tranquilidade, e sua voz tranquila se faz ouvir – não, não é uma ordem, é apenas um polido e não menos premente desejo de pôr fim ao debate que lhe aborrece.

— Por que haveria de me opor? De modo algum. Como vê, estou tentando esclarecer as razões de seus atrasos. — Guennádi Ivánovitch não se entrega. — Acredito que somos nós mesmo os culpados disso. Agora é que estão começando a entender a situação. Em alguns lugares recusaram-se a mandar gente da cidade para a aldeia, e verificou-se que ela se arranjou muito bem com sua própria força.

— Honestamente, Guennádi Ivánovitch, isso se ajeita sem nossa ajuda – por que ficar

quebrando a cabeça à toa? — diz o coronel, dando uma piscadela jovial, mas ainda mantendo o vigor. — Vamos encontrar alguma coisa para os nossos bicos. Preferans, por exemplo.

O homem de camiseta branca se anima num instante.

— Está certo. De fato, é hora de começar, senão só o diabo sabe a próxima pauta. Somos passageiros ou a união dos ministros? — Ele chama Kuzmá: — Ei, meu camarada, você joga preferans?

— Preferans?¹⁴ — Kuzmá não sabe o que é isso.

— Ele joga “burro”¹⁵ — insinua Guennádi Ivánovitch.

— Sim, “burro” eu jogo — declara Kuzmá com ingenuidade.

Risos explodem – o coronel e o homem de camiseta branca riem, e no rosto de Guennádi Ivánovitch brilha um sorriso de satisfação; alta e ligeira, semelhante ao som de um motor de motocicleta, a risada do homem de camiseta branca espalha-se por todo o vagão. O coronel, acalmando-se, bate no ombro de Kuzmá:

— “Burro” também é um bom jogo, mas precisamos de um jogador de preferans. Jogaremos “burro” da próxima vez... Você vai precisar ir atrás do seu camarada — diz o coronel ao homem de camiseta branca. Este, erguendo-se de um salto, bate continência:

— Às ordens!

Eles estão exaltados, falam alto, e a cabine fica apertada. Apenas Guennádi Ivánovitch está deitado tranquilamente no mesmo lugar. O homem de camiseta branca veste o paletó, abotoa-o à altura da barriga e, traquinando, coça o nariz¹⁶ e lança um olhar para Guennádi Ivánovitch:

— Guennádi Ivánovitch, quanto pusemos na sua conta ontem?

— Não muito.

— Não o suficiente?

— Sim, o suficiente. — Guennádi Ivánovitch olha para o relógio. — Mas o serviço já foi interrompido.

— Isso pode ser arranjado.

O homem de camiseta branca, assobiando algo alegre, sai, e sua voz irrompe do corredor:

---

¹⁴ Preferans é um jogo popular na Rússia desde meados do século XIX, variante do Preferénce austríaco. Pode ser jogado por dois a quatro jogadores, utilizando apenas um monte de 32 cartas e o recurso do blefe.

¹⁵ *Durak*, no original. Consiste em um jogo cujo objetivo único é livrar-se de todas as cartas de sua mão. O último a permanecer com uma carta é o *durak* (tolo, literalmente). Utilizou-se “burro” pelo jogo semântico da cena, mas suas regras são diferentes: o objetivo principal é conseguir quatro cartas do mesmo número.

¹⁶ Na tradição russa, o gesto de coçar o nariz indica vontade de ingerir bebida alcoólica.

— Minha querida, você poderia ir até a nossa cabine, por favor?

Um minuto depois aparece à porta a encarregada, olhando para o coronel com seus olhos cansados. O coronel indica-lhe Guennádi Ivánovitch. Guennádi Ivánovitch, sem qualquer cortesia, diz com voz firme:

— Uma mão lava a outra, querida. Nós aceitamos seu passageiro com bilhete, agora queremos pedir-lhe um favor. — Deu dinheiro a ela. — Uma garrafinha de conhaque, se não for incômodo. Você tem colegas por lá, eles darão.

— Tudo bem — ela concorda, como de costume.

Kuzmá matuta sobre o que fazer – subir até seu leito ou sair para o corredor, mas, sem se decidir, começa a ralhar consigo mesmo por ter comparado um bilhete para a primeira classe.

Se saísse para o corredor, do todo modo teria que tirar as botas, e a encarregada tornaria a vê-lo, e começaria tudo outra vez. A dama se fará de importante, mesmo sendo da mesma origem que ele e melhor em nada. Só o trabalho é outro. É isso que o trabalho faz com as pessoas.

Kuzmá descalça as botas, desfaz a portiánka¹⁷ e percebe que Guennádi Ivánovitch acompanha seus movimentos. Kuzmá outra vez se sente desconfortável, e o que cresce dentro dele é ora raiva, ora timidez. “Sou para ele como cisco nos olhos”, pensa. Ao seu lado estão as botas de couro brilhantes do coronel, e Kuzmá rapidamente empurra as suas para debaixo do assento e, de meia, sai para o corredor. “Agora quero ver arranjar pretextos”.

Ele fica na janela e ouve atrás de si a voz da encarregada que traz o conhaque, e então as vozes tornam-se muitas – é o homem de camiseta branca que traz um jogador de preferans. Eles riem, anunciam alguns números, e no silêncio que se segue chega até Kuzmá um grugulejo familiar, e alguém solta grasnidos de satisfação.

O vento na rua não diminuíra. O céu está cinza, com manchas escuras, e o ar, como um rio em época de cheia, carrega detritos. Há pequenos povoados de cinco, seis casas ao longo do caminho, não muito distantes um do outro, como se o vento tivesse soprado alguma grande estação aos pedaços. Mesmo do vagão é possível ver os fios balançarem com força e, parece audível o modo como zumbem – frenéticos, com suas últimas forças, sonhando em desprenderem-se e em porem-se calados.

— Ei, camarada! — Kuzmá ouve a voz do homem de camiseta branca e vira-se. — Escuta, que tal se nós lhe propormos trocar de vagão com o camarada aqui? — O homem de camiseta branca aponta para o jogador de preferans. — Ele está viajando aqui do lado, na

---

¹⁷ Pano para cobrir os pés. Típico nas aldeias e para os militares.

segunda classe, e, veja, nós descobrimos interesses em comum e gostaríamos de ficar juntos.

— Se concordar, acho que será melhor para você ficar lá — diz o jogador de preferans.

— Para mim tanto faz — responde Kuzmá com indiferença.

O coronel olha atentamente para ele:

— Se não quiser, não precisa ir, você não é obrigado. Isso pode parecer extravagância, mas acreditamos que nos demoraremos aqui, e você talvez precise descansar.

— Para mim tanto faz — repete Kuzmá.

— Excelente — alegra-se o homem de camiseta branca. — Eu disse que concordaria. Agora resta combinar com as garotas. Se quiser juntar-se a nós, é só vir nos visitar — diz ele a Kuzmá. — É perto, no vagão vizinho. Agora arranjarémos tudo.

Parando em pé por um tempo, Kuzmá enrola a portiánka e calça as botas. Com um salto, agarra a jaqueta e a puxa para baixo. Depois ergue do chão a sacola. Está pronto. Troca é troca – realmente, tanto faz para ele. Só precisa estar a caminho. Se precisasse trocar pela terceira classe, seria até melhor. Quem sabe não proporão isso por lá?

O jogador de preferans o aguarda.

— Adeus — diz Kuzmá, virando-se.

— Boa sorte — responde-lhe o coronel.

A loja havia sido lacrada, as janelas foram trancadas, e o papelzinho que avisava o fechamento da loja para balanço não fora retirado da porta; as pessoas, avistando o papelzinho, galgavam os degraus da entrada em sua direção e liam-no por um bom tempo. Era preciso arrancar o papelzinho, mas isso não foi feito por receio de prejudicar Maria: enquanto Kuzmá busca o dinheiro, deixe as pessoas acreditarem que o balanço não havia terminado, ludibriando assim o destino de Maria.

A loja parecia ser amaldiçoada – quantas pessoas já sofreram por causa dela! Ainda é preciso agradecer a Deus por ter deixado Iliá Innokéntievitch vivo até a guerra, ele que trabalhou na loja por quase dez anos sem nenhum problema. O fato é que Iliá Innokéntievitch não precisou aprender a tocar o comércio: antigamente, seu pai possuía a própria venda, que depois foi passada para ele, que estava acostumado desde a mais tenra idade a ficar atrás do balcão.

Tudo começou depois de Iliá Innokéntievitch. Logo após a guerra, sofreu primeiro a emigrante Marúcia,¹⁸ de quem a aldeia ria por conta do sotaque ucraniano, mas que amava e se

---

¹⁸ Hipocorístico de Maria.

apiedava pelo ímpeto, porque ela viu a guerra com seus próprios olhos e de algum jeito salvou-se dela com duas crianças. Marúcia sabia ler e escrever melhor do que muitos da aldeia e mesmo assim não escapou. Hoje ninguém lembra qual foi o valor do desfalque. Marúcia pegou cinco anos de prisão, seus filhos foram mandados para o orfanato, e na aldeia não se soube mais nada a respeito deles.

A diferença foi parar com Fiódor maneta, mas ele se revelou mais afortunado que os outros e saiu dessa dizendo que guardava seu dinheiro junto com o da loja. A princípio ninguém acreditou nele e chegou a ser levado ao centro do distrito, onde continuou com sua história e no fim das contas foi liberado, embora não tivesse mais autorização para trabalhar na loja. Não passava mais por lá nem que lhe pagassem e desde então fala sobre o assunto sempre que tem oportunidade.

Antes de Maria, Roza havia sido a vendedora, uma jovem, praticamente uma garotinha, que por algum motivo fora expulsa de uma loja do centro e enviada para lá. Roza não trabalhava segundo o horário, mas segundo o humor: se tinha vontade abria a loja, se não tinha não abria. Nos fins de semana e feriados ia para a sua casa no centro¹⁹ e não aparecia por três dias, depois trazia consigo miudezas e dizia ter ido receber mercadorias – tente provar que ela estava passeando. Ninguém gostava dela, mas ela não dissimulava o fato de que precisava da loja e da aldeia tanto quanto um cão precisava de uma quinta pata, e mais de uma vez teve a intenção de ir embora, apesar de não o permitirem, já que não havia ninguém para trabalhar em seu lugar. Frequentava sua casa uma turma da escola de mecânica de Aleksandróvskoie, e aí começava a farra; essa turma ajudou Roze a pegar três anos de prisão por peculato.

Depois de Roze, a loja ficou fechada por quatro meses – e mais ninguém quis ser vendedor. As pessoas chegavam a viajar vinte verstas²⁰ até Aleksandróvskoie atrás de sal e fósforos, e quando chegavam, às vezes a loja estava aberta, às vezes fechada. Nem é preciso dizer – a aldeia estava farta de passar sufoco: sua loja ficava bem ao lado, dez minutos no máximo para ir e voltar – mas não, precisavam perder um dia, ou até dois.

O Soviete da aldeia²¹ telefonava insistentemente para a União Distrital de Consumo²², que respondia: encontrem um balconista aí mesmo, ao que as pessoas diziam: já cumprimos a

---

¹⁹ *Raión*, no original. O *raión* é uma região da província que possui mais recursos materiais que as outras, mais aldeias, mais propriedades coletivas e mais membros do Partido.

²⁰ Medida itinerária russa equivalente a 1.067 metros.

²¹ O Soviete da aldeia é responsável pelo cumprimento e execução de todas as medidas estatais e do Partido na aldeia e no *kolkhóz*. Supervisiona as atividades programadas e realiza importantes campanhas agrícolas (BELOV, 1955, p. 48)

²² *Raipotriebssoiuz*, no original (sigla para *raionny potrebitelski soiuz*). Era uma cooperativa responsável pela distribuição de viveres e manufaturados.

meta de envio de prisioneiros. Todos tinham medo. Viram com seus próprios olhos em que acabava essa história de balconista, e o dinheiro a ser cobiçado não valia o risco.

Foi na primavera que pareceu surgir uma luz: Nádia Vorontsóva, grávida de seu terceiro filho, entrou em acordo – mas só depois que ele nascesse. Ela ainda tinha dois meses pela frente, e depois do parto também não poderia atender de imediato – ou seja, precisaria de mais dois meses, no mínimo. Começaram a procurar uma balconista para cobrir este período. Convocavam ao Soviete da aldeia quem encontravam e tentavam persuadi-lo. Então convocaram Maria.

Parecendo proposital, tudo naquele período convergiu para Maria. Seu rapazinho mais novo crescia fraco e doente e precisava de todo o cuidado possível. Isso ainda não era nada, mas na verdade a própria Maria precisava se resguardar, porque estava tomando remédio e os médicos a aconselharam a não realizar trabalhos pesados, o que é fácil falar, pois onde ela encontraria trabalho leve no kolkhóz? Mesmo aludir a isso não fica bem – o trabalho manda sem distinções, sem piedade. Até então não havia problema, mas, mesmo assim, Maria receava não aguentar por muito tempo, e as crianças ainda eram pequenas. Que crescessem um pouco mais.

Naquele tempo ainda viviam na antiga casa, que ficava perto da loja – outra conveniência: as crianças diante dos olhos, com apenas um minuto livre poderia cuidar da horta, e se alguém precisasse dela na loja, bastaria gritar que ela logo aparecia. Melhor impossível. Seria uma bela ajuda para a família: depois que Kuzmá tomou o empréstimo para a nova casa, por um bom tempo o dinheiro estaria comprometido.

Ainda assim, quando Maria foi convocada a comparecer ao Soviete da aldeia e conversar sobre a loja, ela recusou na mesma hora.

— Cabeças melhores já rolaram por causa disso, imagine onde a minha vai parar — ela se dissuadiu, e saiu.

No dia seguinte, ao avistar Kuzmá em casa, o presidente do Soviete foi bater à sua porta. Ele sabia como impressioná-los, e se pôs a falar do quanto precisavam de alguém até que Nádia Vorontsóva viesse salvar a aldeia, que já sofria bastante sem a loja, e Maria era de fato a pessoa certa para o trabalho.

Kuzmá disse:

— Você decide, Maria. — E brincou: — Se for o caso, a gente pode vender a vaca, já ficou maçante cortar feno todo verão.

Maria percebeu que a aldeia realmente precisava de alguém para ajudar, e, com as mãos

cruzadas sobre o colo, já não meneava a cabeça como no início da conversa, mas calava-se, escutava o presidente com uma expressão sofrida; sofria porque recusar outra vez pareceria grosseiro, e concordar seria terrível.

— Não sei o que fazer — repetia ela.

No final das contas o presidente assegurou que ela concordaria. Uma semana depois a loja estava aberta, e após quatro meses, quando chegou a hora de dar lugar a Nádia Vorontsóva, Nádia disse que havia mudado de ideia. Maria, morta de medo, fechou a loja e exigiu que fosse feito o balanço. Não é à toa o que dizem: não se pode escapar do destino. Tudo convergiu, a diferença não foi grande coisa, alguns rublos apenas.

Maria tranquilizou-se após o balanço e se pôs a trabalhar.

Foi assim que tudo começou.

O trabalho, se comparado aos do kolkhóz, não era difícil – com certeza era arriscado, mas não difícil, e quando precisasse carregar qualquer coisa pesada do depósito, Kuzmá ajudaria, e os outros homens também não recusariam ajudar caso ela pedisse um favor. Maria abria a loja às oito horas da manhã e trabalhava até as doze, o horário de almoço seguia até as quatro, e das quatro às oito tornava a trabalhar como devia. Mas Maria não seguia obrigatoriamente essa rotina, ela sempre abria na hora, mas no restante das horas, quando não havia cliente, podia ficar em casa. Nesses momentos ela deixava as crianças de plantão na entrada para o caso de alguém aparecer, então elas a chamavam e ela corria até a loja, nunca deixou ninguém esperando por muito tempo. Na aldeia, nem todas as mulheres sabiam ler as horas no relógio, e aquelas que sabiam esqueciam que era horário de almoço e iam assim mesmo – se Maria estivesse no horário do almoço e se estivesse em casa, também abria a loja: isso não a incomodava e as idosas não precisavam gastar suas últimas forças se arrastando duas vezes de uma ponta à outra da aldeia. Os homens, pelo contrário, não respeitavam o horário da tarde – já às nove, dez horas, tudo escuro, eles apareciam atrás de bebida. Você explica para eles: a loja está fechada, não tem mais bebida por hoje – não, não entendem, e, um por um, dizem: mil perdões, só um gole, pode ser? Nesses casos, Maria começou a guardar as vodcas em casa – assim a caixa ficava debaixo da cama, e no verão, por vezes, negociava diretamente da sua janela; se Maria não estivesse, os homens procuravam Kuzmá, e certa vez até Vítka vendeu três garrafas.

Entretanto, Maria não vendia vodca fiado. Se desse aos homens o que eles queriam, quem tinha de pagar depois não era ninguém mais senão as mulheres. Um homem, quando fica bêbado, hoje está sem dinheiro, mas amanhã será o mais rico do mundo – vai passear sem

pensar que sua família pode estar sem nenhum copeque. Não tem dinheiro, não tem bebida. Certa vez ela entrou em um acordo com a esposa de Mikhail Kravtsóv, Dária, que estava cansada de se banhar em lágrimas por causa de um marido bêbado, e Maria deixou completamente de lhe dar vodca, até mesmo se pagasse. Mikhail gritava, ameaçava apresentar queixa, mas Maria não mudou seu discurso e manteve-se firme, então ele levou o presidente do Soviete até a loja e começou a fazer cena.

— Então, você é o poder Soviético — argumentou ele, virando-se para o presidente, — me diga: a gente não tem uma lei que diz que uma pessoa com dinheiro pode muito bem comparar o que quiser? Ela pode se fazer de importante e impor suas próprias leis? Quem autorizou ela? Diga para ela, diga.

— Dê para ele, — disse o presidente apenas para poder ficar em paz.

— Se ele trazer a procuração, então eu dou.

— Mas que procuração é essa? — Mikhail estava boquiaberto.

— Traga uma procuração de Dária, autorizando você a comparar bebida, e então eu dou.

O presidente largou mão e foi embora. Mikhail ainda gritou, gritou e saiu batendo a porta, jurando que queimaria a loja. Dária disse mais tarde que ele, ao exigir a procuração, se lançou sobre ela com as mãos fechadas, até que ela fugiu. No entanto, naquela mesma noite ele tornou a ser visto bêbado – obviamente conseguira bebida por meio de terceiros. Mas nesse caso Maria não pôde fazer nada.

Maria sabia que as pessoas gostavam de ir à loja quando ela estava por lá. As mulheres se reuniam mesmo quando não tinham nada para comparar. Paravam em fila junto ao balcão para debater seus problemas ou fofocar. As idosas sentavam nos caixotes – alguns deles Maria não retirava da loja para que pudessem ser usados como assento. No inverno, os homens iam lá fumar antes de ir para o trabalho, e Maria os obrigava a acender o fogão. Nos feriados tradicionais, se a loja estivesse aberta, irrompiam multidões; então Maria, para ver pela janela como dançavam, subia no balcão, e as pessoas a arrancavam de lá, obrigando-a a fechar a loja, e a acompanhavam até que ela desaparecesse no meio do caminho.

Gostava de se sentir uma pessoa sem a qual a aldeia não poderia se arranjar. Se contasse, havia poucas pessoas assim: o presidente do Soviete da aldeia, o presidente do kolkhóz, o médico, os professores e os especialistas. E agora ela. Mais ainda – se o agrônomo viajasse por um mês, talvez nem percebessem, mas quando ela fechava a loja por três dias por motivo de saúde – logo corriam para saber: quando é que ela volta? Maria notava que agora muitos queriam travar amizade com ela, mas se esforçava para tratar a todos igualmente. Lembrava

bem quando logo no primeiro mês de trabalho foram entregues à loja os oleados de mesa que há muito tempo não havia; as mulheres, ao saberem dos oleados, passavam em sua casa, e todas incitavam Maria a lhes dar ao menos um por amizade. Nessas horas Maria agia de forma graciosa, para não ofender ninguém, mas ainda assim dizia com firmeza:

— Queridas, o que estão querendo dizer? Só na cidade é que dão por amizade – lá os balconistas têm conhecidos e não-conhecidos. Mas aqui vocês todas são minhas conhecidas – e a vergonha que eu vou passar? Pois venham cedo amanhã e comprem um.

Na manhã seguinte, ao raiar do dia, Kuzmá foi ao quintal – na entrada da loja a fila já estava formada. Maria levantou-se de um salto e, sem ter tempo para pôr a casa em ordem, já que as pessoas estavam esperando, vendeu os oleados bem antes das oito, horário de abrir a loja.

Desde praticamente o primeiro dia, Maria carregava o caderno em que anotava o nome dos devedores. Havia números do começo ao fim do caderno, a cada número adicionavam-se outros, que eram riscados em seguida, dando lugar a novos números. O que poderia fazer se Kláva,²³ com quem crescera e que vive sozinha com duas crianças, chega e diz que sua Kátka²⁴ não pode entrar na escola sem uniforme e que não tem dinheiro para o uniforme no momento? Coisas caras, raras vezes Maria vendia fiado, e miudezas, com mais frequência. Quando o débito se tornava grande, Maria obrigava a pagá-lo primeiro para depois deixar pôr na conta outra vez. Mas nesses últimos dias, enquanto aguardava o balanço, cobrou todos os devedores, e só os Tchijóvi ficaram devendo quatro rublos e oitenta copeques.

Ela se pôs a pedir o balanço logo no início do verão, e toda vez que ia buscar mercadoria, passava na administração e perguntava quando chegaria o fiscal. Não soube como exigir, fizeram-lhe promessas, e ela foi embora. Trabalhar assim, no escuro, sem saber o que a esperava, tornara-se insuportável. Quando finalmente chegou o fiscal, ela não tinha o que temer, mas ainda assim ficou paralisada, escondendo-se, à espera do que viria pela frente, e, se ele lhe perguntava qualquer coisa, ela estremecia e demorava a responder. Mas nem em seus piores temores ela poderia esperar o que acontecera. Quando as contagens terminaram e o fiscal lhe entregou o resultado, ela parecia estar engasgada, e durante a noite inteira, mais o dia seguinte inteiro, não conseguiu retomar o alento.

Chorava, se lastimava, amaldiçoava, e, aos prantos, desejava morrer. Quando pensava na morte sentia alívio, sumiria para algum lugar no além-túmulo e de lá veria como as crianças

---

²³ Diminutivo de Klávdia (Cláudia).

²⁴ Hipocorístico de Ekatierína.

e Kuzmá viveriam sem ela, e deixaria de sentir pena de si mesma. Mas isso não durou muito tempo, pois o desfalque, como um carrasco que lhe deu uma trégua, mal lhe tirando do caminho o desejo da morte natural, retornou para torturá-la – era doloroso e terrível pensar em qualquer coisa, e era doloroso e terrível ficar deitada em qualquer posição, e ela ficava deitada sem se mover.

Depois Kuzmá chegou e disse que o presidente do kolkhóz prometera um empréstimo. No início ela não entendeu o que isso significava, mas logo em seguida a salvação apresentou-se tão próxima e viva que Maria apavorou-se com a ideia de que Kuzmá pudesse deixar a oportunidade escapar e, envolvendo o pescoço de Kuzmá, derrubando-o, implorou para que ele a salvasse – como se estivesse tendo um ataque. Kuzmá ficou zangado com ela, depois deitou-se ao seu lado e a acariciou, e ela, exausta por não ter pregado o olho a noite inteira, dormiu – não que tenha dormido, exatamente, mas perdeu a memória, sem receios – sua alma estava livre e leve.

Foi acordada por Komaríkha, e Maria alegrou-se com sua visita, pediu-lhe que lesse para ela o futuro. As cartas mostraram-se boas; Maria pensou consigo que, se Deus quisesse, sairia dessa, se Kuzmá conseguisse arranjar a quantia necessária... reacendeu nela a esperança, e Maria decidiu que também deveria andar pela aldeia em busca de dinheiro.

Vítka veio correndo da escola e trouxe quatro rublos e oitenta copeques: os Tchujóvi o surpreenderam no caminho e ordenaram que entregasse o dinheiro à mãe.

Depois do almoço Maria foi à casa de Kláva, com quem mantinha amizade desde a infância. Kláva, calada, fez Maria sentar na cama, sentou-se perto dela e, abraçando-a, estreitando-se contra ela, pôs-se a chorar em voz alta e clara, como as usadas em coros. Maria tornou a se sentir aterrorizada, e desatou a chorar. Kláva, ouvindo seu pranto, chorou ainda mais alto. Assim, em prantos, Maria percebeu que não estava ajudando em nada, então logo enxugou as lágrimas e, para desgosto de Kláva, levantou-se e saiu.

Na trilha para o rio, Nádia Vorontsóva deteve Maria e disse que ela, Maria, certamente havia perdido o juízo quando aceitou cuidar da loja, e que ela mesma decidira não se deixar levar para a cadeia – de forma alguma. Logo ficara evidente que a loja não traria nenhum bem a ela.

Maria, sem dar ouvidos, virou as costas e foi para casa. Ela não andou mais pela aldeia. Deixou de acreditar que Kuzmá conseguiria arranjar algum dinheiro.

Na cabine para a qual Kuzmá se mudou ao trocar de lugar com o jogador de preferans,

havia um velho e uma velha com os cabelos igualmente grisalhos até a completa brancura e rostos igualmente brancos, também grisalhos e volumosos. Em um dos leitos baixados, a roupa de cama está amarrotada, ou seja, há também um terceiro passageiro, que, pelo visto, tinha saído.

Kuzmá torna a descalçar as botas e já está prestes a subir para o seu leito, quando irrompe na cabine um rapaz bêbado. Ele, por um tempo, olha para Kuzmá com espanto e, sem tirar-lhe os olhos, senta-se ao lado da velha, levanta-se rapidamente, alegra-se de repente e estende a mão a Kuzmá:

— Qual o seu nome?

Kuzmá se apresenta. O rapaz alegra-se mais ainda, mas logo fica com uma expressão séria.

— Entendi — diz ele. — Kuzmá, então. A gente vai se lembrar. E esse é o vovô. — Ele estica a mão para a esquerda. — Essa é a vovó. — Ele abaixa a outra para a direita. — E este sou eu. — Ele junta as mãos em seu peito e gargalha.

— Que bonito! Que bonito! — a velha balança a cabeça. — Um homem desconhecido, e você se permite essas liberdades. Não dê atenção a ele, fique à vontade, — diz ela a Kuzmá. — Ele veio do restaurante de novo.

— O que foi que eu disse? — brada o rapaz. — Por acaso eu ofendi ele? Kuzmá, eu ofendi você?

— Por enquanto não teve nenhuma ofensa — respondeu Kuzmá com prudência.

— Ei! Ouviu essa, vovó? Kuzmá não se ofendeu. Ora, vovó, você me pegou de novo!

Ele se senta ao lado da velha e, piscando para Kuzmá, abraça-a.

— Vá embora! — zanga-se a velha. — Essa viagem que não termina nunca. Palavra de honra, estou farta de você!

— O quê? Será que está farta mesmo? Você viveu sua vida toda com o velho – e não ficou farta, eu só abracei – e já está farta! Vó! — grita ele. — Posso roubar sua velha?

— Como se você soubesse — responde o velho sem pressa.

O rapaz fica calado. Com um devaneio bêbado ele olha para o velho, depois para a velha, e declama com ar cansado:

— “Era uma vez um vovô e sua vovó, eles comiam mingau com leite...”

— Que bonito! Que bonito!

— “O vovô zangou-se com a vovó e deu-lhe um murro na barriga”.

O rapaz anima-se.

— Vovô, quando era mais novo, você batia ou não na sua velha?

— Nunca na minha vida encostei um dedo nela — responde o velho com dignidade.

— Nem uma vez sequer?

— Nem uma vez.

— Hoje não existe homem assim, como o meu velho — diz a velha.

— Não mesmo!

O rapaz espera que alguém retruque, mas estavam todos em silêncio. Olha para eles, um de cada vez, sem nenhuma razão particular, franze o rosto sem motivo e pergunta a Kuzmá com um derradeiro esforço:

— E você, Kuzmá, vai viajar com a gente?

— Sim.

— É isso aí.

Ele baixa os olhos e fica olhando longamente para os próprios pés. O vagão balança de modo suave e ritmado. O rapaz baixa as mãos e a cabeça e fecha os olhos. Mesmo com o barulho do trem que passa em sentido contrário, o rapaz não dá ouvidos.

Kuzmá sobe para o seu leito. A velha embaixo sacode o rapaz:

— Vá se deitar, você está numa posição desconfortável. Pode se deitar aqui no meu.

— Como assim? Pois não tenho o meu?

Ele se levanta, sobe longa e pesadamente e já em seu leito resmunga algo incompreensível.

Kuzmá vira-se na direção dele – o rapaz está deitado com os olhos fechados, e em seu rosto não há nada além de sono.

Kuzmá também fecha os olhos. Mas não pega no sono de imediato. O bater das rodas ora distancia-se dele, ora aproxima-se com um estrépito – então Kuzmá, assustado, abre os olhos e se põe a escutar. Olha pela janela – lá fora o vento continua. Kuzmá acomoda-se melhor e pela enésima vez tenta dormir. No final das contas pega no sono.

Tem um sonho estranho. Parece estar havendo uma reunião ordinária no kolkhóz, em que será discutida a questão relacionada com o dinheiro para Maria. Há tanta gente reunida naquele momento que o clube, onde eram conduzidas somente as reuniões de balanço, está lotado. Muitos vieram com seus próprios banquinhos, muitos ficaram em pé nos corredores, mas as pessoas continuam a chegar.

— Camaradas do kolkhóz! — levanta-se o presidente. — Proponho que as portas sejam

fechadas. De qualquer modo, o espaço não abriga mais os que desejam entrar.

Fecham-se as portas.

— Para dar prosseguimento à reunião, devemos eleger um presidium operário — diz o presidente. — Por parte do conselho administrativo, propomos eleger ao presidium os seguintes camaradas: Maria e Kuzmá. Suas crianças não poderão avançar ao presidium por razão de menoridade. Quem estiver a favor, peço que levante a mão.

Todos estão a favor. Kuzmá e Maria sobem ao palco sob os aplausos do salão e sentam-se à mesa do presidium. Kuzmá examina o salão e por alguma razão não avista nenhum rosto conhecido. “Maria — sussurra ele, com espanto, — veja: não são gente nossa, é outra gente”. — “O que está falando? — responde ela. — O que há com você, Kuzmá? São todos gente nossa”. Kuzmá examina o salão com mais atenção e agora, após silenciarem os aplausos, vê que as pessoas são de fato a sua gente, os aldeões.

— Camaradas do kolkhóz! — diz o presidente. — Proponho que Maria receba ajuda.

Novamente soam os aplausos.

— Discutimos aqui entre nós essa questão — prosseguiu o presidente —, e decidimos o seguinte: é preciso conferir agora e pôr a limpo quantos de nós estão aqui, e assim, sabendo de quanto dinheiro Maria necessita e quantos de nós estão presentes, teremos uma ideia de quantos rublos entregar. Há alguma outra sugestão?

— Não.

— Então peço que contem cada fileira. Mas advirto: qualquer um que tentar se passar por duas pessoas será levado do salão.

Enquanto contam, junto à mesa do presidium Kuzmá cutuca Maria nas ancas. Ela se sacode e ri. “Sem-vergonha — sussurra ela. — Isso não se faz num presidium. Se contenha”. Ele se acalma.

— Duzentas e vinte e cinco pessoas — alguém grita no salão.

— Mil rublos divididos por duzentas e vinte e cinco pessoas — calcula o presidente atrás da tribuna —, para cada um sairá quatro rublos e quarenta copeques.

— Que tal cinco rublos para cada — logo arredondam algumas vozes.

Eis que a mesa, à qual estão sentados Kuzmá e Maria, já não é uma mesa, mas um baú, onde cai o dinheiro de várias mãos vindas de todos os lados. Cinco minutos depois o baú está cheio. Maria não se contém e chora, e suas lágrimas, como grãos de ervilha, caem no dinheiro e escoam para dentro com um tinido.

— Todos entregaram? — pergunta o presidente. — Nesse caso, peço para a comissão

de contagem que dê início às suas obrigações.

Algumas pessoas saem do salão e começam a contar o dinheiro. Elas o recolhe em maços – empilhando separadamente as notas de cinco, três e um, e como num banco, sobrescrevem o montante e ordenam as pilhas em pilhas menores.

— Mil cento e vinte e cinco rublos — por fim anunciaram.

O presidente balança a cabeça, descontente.

— Cento e vinte e cinco rublos excedentes. O que faremos?

— Deixe que levem tudo — aconselham-no.

— Não, impossível — ele discorda. — Cento e vinte e cinco rublos é muito dinheiro.

Proponho o seguinte: levar todo esse dinheiro para a sala de música e entrar lá um de cada vez. Quem estiver precisando de dinheiro, que venha pegar de volta um ou dois rublos. Peço que não façam barulho e não se revoltam: nós não somos milionários. Quem não quiser pegar não precisa, mas para que se esclareça quem pegou e quem não pegou, todos são obrigados a ir até lá. Há alguma outra sugestão?

— Não.

O dinheiro é levado. As pessoas, uma de cada vez, levantam-se, vão à sala de música e logo retornam a seus lugares. Por último vai Komaríkha. Kuzmá a vê se erguer de um salto, olhando em redor, e fechar a porta atrás de si. De repente, de dentro da sala de música ressoam seus berros.

Komaríkha sai correndo, contorna o salão com olhos enlouquecidos e grita:

— Não têm nada! Nem um copeque! Eu queria pegar apenas um rublo.

Explodem os risos no salão. As pessoas põem as mãos na barriga, lançam gritos e gemem, apontam Komaríkha uma para a outra. Komaríkha permanece em pé no meio do salão, boquiaberta, e de repente, sem se conter, começa a rir também. Kuzmá olha para o salão com surpresa e horror; sem entender nada, volta-se para Maria: de cócoras, ela se contorce de rir.

Kuzmá desperta e ouve a velha dizer ao velho:

— Seriôja,²⁵ dê a bolsa de água quente, vou encher.

Apertando a bolsa contra o peito, ela sai. Silêncio. É apenas o trem que passa pelos trilhos, mas o som é tal que nada ouviria se não prestasse atenção. Pela janela cai uma luz acinzentada, atormentada pelo vento, e no vagão que balança suave ela amaina, repousando sob o aconchego crepuscular. O rapaz dorme, apoiando o queixo no punho enorme.

---

²⁵ Diminutivo de Serguêi.

A velha retorna com a água borbulhando na bolsa e a enfia sob o cobertor do velho. No espelho de baixo, Kuzmá pode ver como o velho estica as pernas e fica imóvel.

— Não está doendo hoje? — pergunta-lhe a velha

— Não, hoje está tranquilo.

— Ainda bem.

Eles trocam palavras serenas, em voz diligente e imperceptível que não corta o silêncio, como se eles não escutassem o bastante e apenas se adivinhassem um ao outro. Kuzmá sente que não adormecerá, mas reconhece que também não quer admitir isso; então precisa pensar em algo ou fazer alguma coisa. E fica deitado com os olhos fechados. Mais que tudo, teme pensar no significado do sonho com o dinheiro. Que sonho, aquele! Com certeza não quer dizer nada, basta você pensar o tempo todo numa única coisa que ela se mete de volta quando estiver inconsciente. E está ainda mais perturbado. Um por um: o vento, a história com o bilhete, e agora esse sonho. Será que nada vai dar certo? Será tudo em vão?

— Seriôja — chega até Kuzmá a voz da velha, e Kuzmá se alegra por poder dar ouvidos a alguma coisa e afastar-se de seus medos. — Seriôja, nosso telegrama já deve ter chegado, não é verdade?

— Agora receberam, com certeza — responde o velho.

— Estão esperando.

A velha carinhosamente abre um sorriso de alegria, e as faces de seu rosto grande e largo ampliam-se ainda mais. Por alguns minutos o sorriso parece ter congelado em seu rosto, mas depois, fatigado, o sorriso vai saindo suavemente do rosto.

No mesmo dia em que Kuzmá esteve na casa de Ievguiéni Nikoláievitch, um garoto chegou correndo da casa do diretor da escola.

— Ievguiéni Nikoláievitch disse que não poderá ir ao centro amanhã e que só irá depois de amanhã e fará tudo conforme o combinado.

— Está bem, está bem — concordou Kuzmá.

Naquele momento vovô Gordiêi estava em sua casa, sentado no chão com as pernas cruzadas, próximo ao forno. Quando a criança saiu correndo, vovô Gordiêi perguntou:

— Ele prometeu muito?

— Cem rublos.

— Pode dar mais, ele tem dinheiro.

— Ele diz que não tem mais.

— E você ainda dá ouvidos! — desaprovou o velho. — Não tem — até parece! Essa peste é estudada, e como! Mais astuto que estudado, é o que lhe digo. Um irmão da gente não é mestre da astúcia, e dá para ver na hora quando ele quer ser ardiloso, mas Ievguiéni Nikoláievitch é ardiloso, e você fica sem jeito na frente dele, como se você fosse o ardiloso, e não ele. Mas como é estudado!

Kuzmá ficou em silêncio.

Vovô Gordiêi já estava ali sentado há uma hora e meia. Kuzmá precisava sair para resolver as coisas, mas estava ali ouvindo aquelas baboseiras do velho. Dizer que você, velho, está equivocado, também é desagradável — e ainda se ofenderá. Kuzmá guardou silêncio, esperando que o velho ficasse entediado e fosse embora.

Vovô Gordiêi tinha mais de setenta anos, mas mal envelhecera. É verdade que no último ano, por alguma razão, ele entortara de um lado, e por isso na aldeia começaram a apelidá-lo de tenente Schmidt, em homenagem ao navio “Tenente Schmidt”,²⁶ que já passava pelo rio há uns trinta anos e que, depois da guerra, de velhice ou algum outro motivo, começara a inclinar a estibordo e seguia acumulando água. O navio foi levado para conserto algumas vezes, mas de jeito nenhum conseguiram endireitá-lo, e tornava a aparecer, para a latente alegria das aldeias à beira do rio, com seu jeito velho e conhecido por todos.

A tortuosidade do vovô Gordiêi, pelo visto, não o afetara muito, pois ele corria tão bem quanto antes. À noite o vovô tomava conta das oficinas, e pela manhã, sem nada a fazer, vagava pela aldeia. Se ele se sentava no chão e tirava seu velho cachimbo impregnado de fumo na parte de baixo, não havia dúvidas: isso ia demorar. O vovô nunca tinha pressa. Vivia sozinho em uma isbazinha pequena e descuidada nos limites da aldeia, e deixara sua antiga isbá para o filho e sua família grande e briguenta, com a qual não se dava bem, e depois da morte de sua velha mudou-se para o “galinheiro”, como chamava sua isbazinha. E era tão suja quanto um galinheiro: não era de seu costume limpá-la, e apenas Komaríkha, que era uma parente distante, uma vez por mês, ou até uma vez a cada dois meses, lamentando-se, retirava da isbazinha os detritos. Mas nisso o vovô não reparava.

Procurando uma posição mais confortável, vovô Gordiêi estirou uma perna, ajeitou-a de modo que pudesse apoiar-se nela, e disse:

— Peste, para mal dos pecados, não tenho nenhum dinheiro, senão você não ia passar por esses problemas.

---

²⁶ Referência a Piotr Pietróvitch Schmidt (1867-1906), líder da Revolta de Sebastópol durante a Revolução Russa de 1905.

— Vamos lá, vovô — esquivou-se Kuzmá — Onde ia arranjar dinheiro? Não tem por que falar disso!

— Pois é, não tenho nada. Senão, a gente não estava aqui sentado matutando, estava pegando meu dinheiro.

— Eu já vou dar um jeito nisso — disse Kuzmá, dando a entender ao velho que resolveria o problema sem ele. — Para que envolver você nisso?

O vovô ficou calado, ofendido. Virou o cachimbo para fazer cair as cinzas em seu joelho, deu um sopro nele e tornou a enchê-lo, prensando o tabaco concentradamente com seu dedo grande. Não pretendia ir a lugar nenhum e, acendendo o cachimbo, já tinha esquecido a ofensa.

— Então você dizia que esteve na casa de Ievguiéni Nikoláievitch? — recomeçou ele.

— Sim, estive.

— Ele tem dinheiro, ele quis poupar com você. Quer que eu peço para ele?

— Não precisa, vovô. Eu vou atrás disso. Essa é uma dor de cabeça minha, não sua. É melhor você ir descansar.

Nesse momento, o velho ficou definitivamente zangado.

— Você, Kuzmá, parece mais um bebê. Acha que estou querendo ganhar com isso, é? Pois eu vivi minha vida toda sem dinheiro e ainda posso viver muito bem sem — não preciso dele. Tenho o meu próprio tabaco, tenho também um pedaço de pão e ainda posso acender meu cachimbo nas brasas. Para um velho que nem eu, tanto faz se tem ou não esse dinheiro de...

— Tudo bem, vovô, já entendi — disse Kuzmá em tom conciliatório.

— Tenho trapo suficiente para me cobrir até o dia da minha morte. E se quero beber, então improviso um aparelho e dou um gole tal que queima que nem fogo, tão bom quanto seu álcool. Dá para contar nos dedos quantas vezes na minha vida já peguei em dinheiro, lá na infância fui ensinado a fazer tudo sozinho e viver do meu próprio trabalho. Quando é preciso, prego uma mesa e costuro botas de feltro. Na fome de trinta e três, arranjei sal nas salinas para o caldo. Agora tem tudo na loja, mas antigamente as pessoas iam para a venda duas vezes no ano. Tinham suas próprias coisas. E eles viviam, eles não definhavam. Mas agora não dão um passo sem dinheiro. É dinheiro para todo lado. São movidas por ele. Desaprenderam a improvisar — é claro, na loja tem tudo, é só ter dinheiro. Têm que dar graças a Deus aqueles que não têm dinheiro — porque seus filhos não vão desaprender a usar as mãos, vão poder contar com elas, e não com o dinheiro. Mas o que está acontecendo? A gente vai ficar na dependência. Os pequenos e os adultos.

— Você está se alterando, meu velho.

— Estou dizendo a verdade. Quando é que você ouviu falar na nossa aldeia de gente que se ajuda por dinheiro? Quer levantar uma casa, quer consertar o forno – era assim que chamava: ajuda. Tinha vodca na propriedade – oferecia, não tinha – tem nada não, numa próxima vez você vinha me ajudar. Mas hoje é tudo por dinheiro. Se a pessoa ara a horta – dez rublos, se carrega o feno – dez rublos, se ela se vira e não espirra em você, é mais barato – um rublo. Está todo mundo trabalhando por dinheiro e vivendo do dinheiro. ‘Tão tentando tirar proveito de tudo – mas não é uma vergonha?

— Vamos lá, vovô, acabe com isso, essa conversa já durou muito.

— Já disse tudo o que tinha que dizer. Você acha que sou tolo porque sou velho. Eu sei das coisas, sou mais vivido que você. Já vi todo tipo de gente.

Durante esse tempo, seu cachimbo se apagou, ele se apercebeu e, dando estalidos, tornou a acendê-lo. Em seguida fumou – em silêncio, com os olhos fechados. Kuzmá achou que era hora de ir embora. Já anoitecia, vez por outra a vaca se esgoelava no quintal para ser ordenhada, mas Maria saíra para algum lugar depois do almoço, e a vaca se esforçava e em vão.

— Se você começar da parte alta da aldeia — voltando a si, o velho tornou a falar e explicou a Kuzmá: — estou só matutando para quem você pode ir. Na parte alta da aldeia, quem tem dinheiro? Você já esteve com Ievguiéni Nikoláievitch. O-oh, você não vai querer pisar no calo dele. Se acontecer de ele peidar de lá da parte alta, a aldeia toda é que vai sentir o fedor entrando, mas se alguém carecer de ajuda, ele vai pensar dez vezes antes de dar um rublo, como se fosse perder a saúde dando um rublo. E é assim: chega no limite, e a saúde também se desgasta.

— Que ele vá para os diabos, você veio me importunar com esse Ievguiéni Nikoláievitch! – encolerizou-se Kuzmá.

O vovô Gordiêi, como se não tivesse escutado, prosseguiu:

— Piotr Lariónov não tem, esse é um simplório. Esse daria para você o mundo inteiro, se o mundo fosse dele. A vida é feita de um jeito que Piétka²⁷ Lariónov vive perto de Ievguiéni Nikoláievitch, e são um par o outro como o céu é para a terra. Nasceram num mesmo lugar, conversam numa mesma língua, mas não, não são da mesma gente. — Com tranquila surpresa o velho balançou a cabeça e continuou: — E se você se encontrar com o agrônomo, vê lá, esses tempos ele gastou de novo com remédio. Pode dar uma passada – de repente sobrou um dinheiro. O salário dele é bom: dizem que o governo dá dinheiro e o kolkhóz paga por dia

---

²⁷ Hipocorístico de Piotr. No contexto acima, é também desrespeitoso, em oposição ao tratamento formal dado a Ievguêni Nikoláievitch.

também. É verdade isso?

— É verdade.

— Então vai. Vê se ele dá. Se não der, tem o Míchka,²⁸ o vizinho dele, dá uma olhadinha. — O vovô deu uma breve gargalhada, como se tossisse. — Com esse você enriquece! Esse gastou em bebida tudo o que tinha para os próximos três anos. Eita, mas ele beeebe! Você pode pegar com mais quem? — o vovô puxava da memória. — Não sei o que dizer para você, Kuzmá. Parece que as pessoas não vivem mal, mas gastam tudo para viver. Você não pode guardar nada num esconderijo. Tem criança, tem necessidade. A desgraça de você acertou justo agora que a gente está numa época de fartura, boa até, e não na primavera, que não dá nem para catar batata ou grão pelos quintais. Para quem você venderia eles? Aí é que está. Num raio de cem quilômetros vivem homens que nem você.

O velho disse o que Kuzmá já pensava com pavor: há pouco dinheiro na aldeia e parece que não há excedentes. Para as jornadas de trabalho são distribuídos apenas cereais, não haveria a quem vendê-los, e o preço seria insignificante. Mas Kuzmá não podia concordar com o velho, pois mesmo que a situação estivesse muito ruim, ele não tinha o direito de pensar assim. E disse:

— A gente vai achar dinheiro, vovô, vai achar.

— Vai achar — imitou-o o velho. — Ele está escondido embaixo do rabo da égua — vai lá procurar.

— As pessoas têm dinheiro.

— De onde elas são?

— Está dizendo que até Stepanída está sem dinheiro, quando ela arrenda todo ano ou a vaca, ou o boi? Ela deve ter uns mil escondidos.

— Nesse caso é verdade, Stepanída tem dinheiro.

— Então, Stepanída tem. Os operadores de máquinas devem ter também. Na colheita, de um jeito ou de outro, eles recebem gratificações.

— Mas isso já foi faz tempo.

— As pessoas têm dinheiro, vovô. Está dizendo que, com toda essa aldeia, eu não vou conseguir? Que não vão ajudar? Pois está errado, vovô, eles vão ajudar.

— Mas eu não disse nada disso.

— Então está certo — Kuzmá criou ânimo, acreditou em suas próprias palavras. — A gente dá um jeito, vovô. Agora vá indo para o seu serviço, que eu vou fazer uma ronda. Vou

---

²⁸ Hipocorístico de Mikhail, comum para crianças.

pegar um saco e no saco vou juntar tudo. Mas como? Apanho um e vou logo atrás do outro. Daí contrato você para tomar conta do meu dinheiro.

— Você é um tagarela, Kuzmá. — O velho estreitou os olhos com seu sorriso.

Ele resolveu se levantar: primeiro de quatro, e só depois ficou de pé.

Friccionando o lado torto do quadril, disse a Kuzmá:

— Vou voltar aqui para me inteirar.

— Volte, meu velho, volte. Ao invés de vigiar um monte de ferro, você vai ficar encarregado de cuidar do meu dinheiro. Você é um vigia perfeito para mim, tem um cachimbo, não vai usar as notas na hora de fumar.

— He-he-he, — Tossiu o velho enquanto ria.

Quando um homem está chegando aos cinquenta anos, é difícil dizer se tem amigos ou não. As mais diferentes pessoas, como visitas, estiveram a seu lado durante esse tempo em caráter de amizade, mas permaneceu apenas a sabedoria adquirida com a idade e a relação silenciosa e tranquila com os mais próximos. Não se encontram com mais frequência do que com os outros, não compartilham segredos, mas se há oportunidade, cada um deles, como se não confiasse em si mesmo, se lembra com carinho daquele que, em caso de necessidade, o entenderá e o ajudará.

À noite Kuzmá foi à casa de Vassíli. Logo depois da guerra trabalharam um tempo juntos no caminhão – naquela época, em todo o kolkhóz, só havia um veículo que eles podiam dirigir: os dois eram motoristas, os dois eram carregadores. Depois Kuzmá passou para um “Studebaker”²⁹ americano, e o caminhão ficou com Vassíli, que, para surpresa de todos, foi gasto por um bom tempo nas encomendas do kolkhóz, até que finalmente caiu aos pedaços. Certa vez o kolkhóz recebeu dois veículos ZIS-150³⁰ novos, que foram dados a Kuzmá e a Vassíli, mas Vassíli trabalhou em seu ZIS por pouco tempo: começou a ter um problema nos olhos, então realizaram um exame e, para mal dos pecados, ele foi afastado do serviço. Nos últimos quatro anos Vassíli foi líder da brigada de horticultores.

Eles se encontravam quase todos os dias, do mesmo modo como todos se encontravam na aldeia, mas com o passar do tempo foram aos poucos se afastando. Eles se cumprimentavam, trocavam algumas palavras sobre um assunto qualquer e se separavam. Mas o velho, e nunca

---

²⁹ Empresa automobilística norte-americana que produziu caminhões para os Aliados durante a Segunda Guerra Mundial. No texto, trata-se provavelmente de um Studebaker US6, que fora usado pelo Exército Vermelho.

³⁰ Modelo mais popular de caminhão da União Soviética na década de 1950. Em 1931, o nome ZIS (Zavód Ímeni Stáлина), substituiu o nome AMO (Avtomóbilnoe Moskvóskoe Obshchéstvo), e foi substituído em 1956 pelo nome ZIL (Zavód Ímeni Likhatchóva), em referência ao ex-diretor Ivan Alekseevich Likhatchóv.

substituído, sentimento de que Vassíli era um amigo de verdade continuava vivo em Kuzmá, e ele guardava para si esse sentimento, pensava em Vassíli com bondade e diligência e silenciosamente depositou nele suas esperanças. Havia mais uma pessoa que Kuzmá tratava como camarada, e essa outra era o presidente, do qual Kuzmá se esforçava para manter-se o mais distante possível, para não acontecer de pedir favor a uma autoridade em nome da amizade.

Vassíli recebeu Kuzmá sem espanto ou alegria, apertou-lhe a mão em silêncio, como era de praxe, e perguntou como ia a vida. Estava claro que ele já tinha ouvido a respeito do desfalque e agora não sabia como se comportar, mas não sabia lamentar nem dar conselhos inúteis. Estavam sentados e fumando. Às vezes a esposa de Vassíli saía da cozinha e ia até eles, olhava para Kuzmá com receio e pena, mas, não escutando nada de interessante, desaparecia novamente. Não se atreviam a indagar Kuzmá, e ele permaneceu em silêncio. Sentiu-se como um homem que foi surpreendido pela noite numa aldeia estranha, desconhecida, e que precisava pedir abrigo nessa casa para passar a noite. Está cedo para deitar-se, então permanecem ali, eles, os proprietários, e ele, o hóspede, não familiarizados e sem o que conversar, matando o tempo com relutância.

Kuzmá se levantou e despediu-se. Vassíli acompanhou-o até a saída. Pararam ao portão e titubearam, sentindo que o encontro fora estranho, mas que era tarde demais para repará-lo. Vassíli disse:

— Venha sempre que puder, Kuzmá.

— Pode deixar — prometeu Kuzmá.

Então, pela primeira vez, Kuzmá pensou em seu irmão. Na pior das hipóteses, se não conseguir juntar o dinheiro na aldeia, poderá ir à cidade falar com Alekséi. Dizem que o irmão vive bem.

Kuzmá nunca esteve na casa do irmão na cidade, e eles se viram pela última vez sete anos atrás, quando o pai faleceu.

Foi no outono, no auge da colheita, e Alekséi, que vinha da cidade em resposta ao telegrama, passou dois dias na aldeia e partiu logo depois do funeral. Havia combinado de ele vir na cerimônia de quarenta dias,³¹ quando seria preparado em memória do pai um tranquilo e minucioso banquete onde se reuniria toda a gente, mas por alguma razão não apareceu, e o banquete foi realizado sem ele. Depois de uns dois meses, escreveu que tinha estado em uma

---

³¹ Cerimônia tradicional russa, mesmo durante o período soviético ateuista.

viagem de negócios.

Kuzmá raras vezes lembrava de Alekséi. Acontecia quando pensava no pai ou na mãe; então vinha do nada à memória o fato de que não era único, que foram dados à luz dois irmãos. Mas estavam tão desacostumados um com o outro que pensar em Alekséi parecia a Kuzmá irreal, algo que lhe era alheio, como se alguém tivesse sugerido isso a ele. E de imediato tornava a esquecer-se de Alekséi por um bom tempo. Era como se nem sempre tivessem sido irmãos, não em todos os minutos, mas somente em encontros, ou ainda antes, na infância, quando cresceram juntos.

Três anos atrás Maria foi ao hospital na cidade e ficou na casa de Alekséi. Ela passou duas noites lá, e depois, ao retornar, disse que era melhor ter ficado na casa de estranhos. Do fato de Alekséi e sua esposa viverem no luxo ela falou sem espanto e sem inveja. “Tinha televisão e máquina de lavar, mas eu não podia nem olhar, eles ficavam atrás de mim para eu não estragar nada, não podia pisar em nada, eles iam atrás de mim para limpar minhas pegadas. Conversam sem nenhum interesse. Para eles, tanto faz se a gente existe ou não. Não volto mais nem que me paguem”.

No ano seguinte Kuzmá deu o endereço de seu irmão a Mikhail Medvedev, que nascera no mesmo ano de Alekséi e com qual estudara na FZU³² depois da guerra. No inverno, o kolkhóz enviou Mikhail para os cursos de gerente rural, e ele decidiu visitar Alekséi. Quando retornou, Kuzmá interessou-se pelo encontro:

— E aí, esteve com meu irmão?

— Estive sim, visitei ele.

— E como ele está?

— Está bem. Está vivo, com saúde. Trabalha como operário-chefe na fábrica — respondeu Mikhail de modo evasivo.

Só depois de bêbado é que se queixou:

— Conhecer ele me conhecia, mas considerar como camarada não quis. Nem mesmo uma garrafa a gente dividiu.

Matutando sobre isso, Kuzmá se deu conta de que o irmão já era um filho absolutamente desgarrado da aldeia – porque não se sente atraído a viajar para cá, ver como vivem os familiares e os que não são da família, caminhar pelos velhos lugares, conhecidos desde a infância, e com isso reavivar a alma, e porque não está interessado em conversar com os aldeões, nem mesmo

---

³² Sigla para Chkola Fabritchno-Zavodskovo Ytchenitchestva (Escola de Formação Industrial), escola de ensino técnico-profissionalizante da URSS entre as décadas de 1920 e 1940.

saber uma palavrinha sobre o que houve com o vovô Fiódor, que certa vez se queimou com urtigas, ou com as garotas que ele acompanhou ao voltar da clareira. Em seu íntimo, Kuzmá ressentia-se de Alekséi, mas este era um ressentimento débil, indolor.

No final das contas, seu irmão é que sabe o que está fazendo, não é mais uma criança. Para o pessoal da aldeia o sentimento era recíproco: o irmão fora aos poucos esquecendo a aldeia, por consequência sua infância, e a aldeia foi aos poucos esquecendo que tal pessoa vivera por lá.

Mas se Kuzmá fosse até a casa dele, Alekséi com certeza ajudaria. Eram irmãos, apesar de tudo, tinham o mesmo sangue. Ele deve ter dinheiro. Kuzmá explicaria que é por pouco tempo, que dali a dois meses lhe dariam um empréstimo no kolkhóz e ele imediatamente o enviaria. Como não pensara antes no irmão?

Em casa, para tranquilizar Maria, Kuzmá disse:

— Se durante esses dias eu não juntar a quantia necessária, vou até a casa de Alekséi.

— Ele não vai dar, não — disse ela, depois de uma pausa.

E toda a confiança que Kuzmá depositava na necessidade de ver o irmão desapareceu de imediato.

Ao longo de sua vida, a atitude de Kuzmá com o dinheiro era muito simples: tem – bom, não tem – tudo bem, então. Essa relação se desenvolveu principalmente porque o dinheiro sempre faltou. Em casa, eles tinham uma refeição quase sempre boa e nutritiva: os cereais Kuzmá ganhava à vontade, e até mesmo em época de vacas magras o leite e a carne vinham de seu quintal. Mas dinheiro... Ele ouviu sobre kolkhózes onde as jornadas de trabalho eram pagas em um rublo e meio ou até dois rublos, acreditou que isso acontecia de fato, mas em seu kolkhóz de taiga, no qual os campos, como remendos, ficavam espalhados aqui e ali, ninguém nunca recebera mais que meio rublo. Nos últimos três anos, desde a época em que pegaram o empréstimo para a construção da casa, durante o inverno, dos cálculos anuais Kuzmá recebia, no total, muito pouco. Aquilo que Maria ganhava na loja ia para os meninos. Quando há quatro rapazes na família, as roupas se desfazem neles como se pegassem fogo. Mais surpreendente é que Maria fazia face às despesas e os meninos andavam limpos, tão bem vestidos quanto os outros; os mais velhos não tinham vergonha de ir à escola, os mais novos, porém, como é costume desde tempos imemoriais, usavam os restos dos mais velhos.

Kuzmá não achava que viviam mal. Em sua casa havia tudo o que é mais necessário, e ninguém andava sem roupa ou descalço. Não invejava ninguém. Tratava do mesmo modo

aqueles que viviam melhor que ele e os que eram mais altos. Se não crescera tanto quanto estes, não era o caso agora de andar nas pontas dos pés. No final das contas, cada um trilha o seu próprio caminho.

Kuzmá não entendia e nem tentava entender como as pessoas guardavam aquilo que era usado para sobreviver. O dinheiro servia-lhe mesmo para tapar os buracos, suficiente para o caso de necessidade. Podia pensar nos estoques de cereais e carne – é impossível se arranjar sem isso, mas os pensamentos sobre estoques de dinheiro pareciam-lhe ridículos, palhaçada, e não dava atenção a eles. Estava satisfeito com o que tinha.

No correio, onde também havia uma caixa econômica, já faz alguns anos que tinha um cartaz pendurado na parede, com um homem rosado, em nada parecido com os mujiques da aldeia, chamando a todos incansavelmente: “Bebida faz crescer a pança – abra agora uma poupança”.³³ Mas quando Kuzmá estava no correio, o homem não lhe dava atenção. Kuzmá, por diversão, deslocava-se de um lugar para o outro, metendo-se em seu campo de visão, mas todas as vezes o homem se virava e olhava para algum lugar perto de Kuzmá e, apesar de tudo, não lhe dava atenção. Kuzmá ia embora satisfeito.

De repente precisava de muito dinheiro com urgência. Kuzmá estava confuso. Por que o dinheiro o havia escolhido? Pois ele nunca o levava a sério. Parece até que foi por isso que decidiu se vingar dele. Quer queira quer não, agora ele precisava não somente ponderar, mas ficar constantemente pensando sobre uma única coisa: onde conseguir o dinheiro? Fora logo para a casa de Ievguiéni Nikoláievitch porque sempre ouvira: ele tem dinheiro. E depois? Mesmo antes de vovô Gordiêi, ele atravessara mentalmente a aldeia de uma ponta a outra e voltara para casa sem nada: uns viviam melhor, outros viviam pior, mas cada um vivia sua vida privada, cada um tinha seus próprios buracos que precisavam ser tapados.

Kuzmá nem em pensamento atrevia-se a pedir-lhes dinheiro. Imaginava sua ronda da seguinte forma: entrava e ficava em silêncio. O simples fato de chegar já explicaria tudo às pessoas. Mas elas também ficariam caladas, e o silêncio, por sua vez, lhe diria tudo, de modo mais claro que qualquer outra palavra. Ele se despediria e seguiria adiante. Não fazia sentido entrar em todas as casas, ele visitaria apenas aquelas em que parecia haver dinheiro. Mas você não avista dinheiro logo na entrada, por alguma razão ele está sempre escondido: enfiado nas fendas onde vivem baratas, nos bolsos dos velhos casacos, no fundo das malas. Acredita-se que dinheiro tem medo de luz. Se ele, como a fotografia dos donos, ficasse à vista de todos, Kuzmá

---

³³ “*Bros kubýhku – zaviedí sberkníjku*”, no original. Literalmente, “Largue a garrafa – abra uma poupança”. Mas há na frase publicitária original uma rima que optei por preservar.

saberia que ali, naquela casa, podia pedir, não pegaria mais que o necessário. Mas, entre a casa onde o dinheiro está escondido e a casa onde não há absolutamente nenhum, ele se encontrará em uma situação igualmente complicada: será recebido em silêncio, mas o que haverá por trás disso – penúria, avareza ou indisposição para entender seu problema – ele não saberá.

Mas, mesmo assim, Kuzmá esperava que a realidade fosse bem diferente. Alguns guardarão silêncio, mas outros se porão no lugar dele e dirão um simples e fácil: “Parece que temos aqui uns cinquenta, juntamos para comparar um motor no verão, mas você está precisando mais – tome”. O dono lhe entregará o dinheiro ao acaso, e Kuzmá também ao acaso pegará na mão um maço fino e quente de alguns papeizinhos, sem dar muita atenção o meterá no bolso, e ele e o dono voltarão a travar conversa sobre o que têm feito, mas nenhum deles dirá uma só palavra sobre o dinheiro.

Por isso Kuzmá foi primeiro à casa de Vassíli, para poder imaginar quais seriam as suas chances, queria começar com sorte, e não com azar, para não desistir na hora de seguir adiante. E não conseguiu nada. Kuzmá voltou para casa e não se sentou, mas caiu de qualquer jeito na banqueta perto da janela, sem saber de que lado prosseguiria com a busca por dinheiro. Mas depois lembrou-se do irmão, e Kuzmá se sentiu mais leve.

Ele sabia: há dinheiro na aldeia, nem que seja pouco, mas há. Todos querem viver tão bem quanto os outros. A fim de juntar dinheiro para uma motocicleta, um homem vai usar sua última calça, mas guardará um rublo que seja; ele sonha e se vê numa motocicleta, e não se importará com os remendos na calça.

Era com esse dinheiro que Kuzmá contava. Enquanto ele não for suficiente para a motocicleta ou para o motor, repousará imóvel e inútil, sem fazer bem nenhum a ninguém. Será que na hora as pessoas se recusarão a dar dinheiro a Kuzmá para que ele consiga defender Maria? Não pode ser!

Alguém bateu nas folhas fechadas da janela.

— Quem está aí? — levantou-se Kuzmá.

— Kuzmá, venha cá um minuto — alguém chamou da rua.

Maria pulou para fora do quarto, assustada, pressionando as mãos contra o peito.

— Quem é?

— Pela voz deve ser Vassíli. Se assustou com o quê?

— Nem eu sei.

Vassíli estava parado junto ao portão, destacando-se da escuridão como uma figura alta

e corpulenta.

— Por que não entra em casa? — perguntou Kuzmá.

— Não fui gentil — disse Vassíli, sem responder. — Você chegou, e não disse o que queria dizer. Então, por que foi?

— Você sabe por quê.

— Eu imagino o motivo.

— Ora. O que mais posso dizer? Eu sei que você não tem dinheiro — disse Kuzmá com uma leve esperança.

— Não tenho. Minha mulher tem vinte rublos guardados em algum lugar, e só.

— Não quer entrar?

— Não. Lá dentro a gente não vai conseguir conversar. Vamos nos sentar aqui mesmo.

Sentaram-se em um banco perto do portão, fumaram e, olhando o negrume à sua frente, ficaram um longo tempo em silêncio, um silêncio leve, compreensível. À direita deles estavam acesas as luzes da aldeia, e de longe chegavam vozes, risos intermitentes eram ouvidos perto do clube. Não era muito tarde, mas a aldeia já havia se acalmado, desacostumada à escuridão precoce. Vozes e sons ressoavam isoladamente e tornavam-se cada vez menos frequentes.

Os cigarros se acabaram; eles atiraram as bitucas aos pés quase simultaneamente e permaneceram em silêncio. Em seguida Kuzmá se moveu e disse:

— Você vive, vive, e não sabe de qual lado vão atingir você.

— É verdade — respondeu Vassíli.

— Ainda ontem estava tudo certo.

— E amanhã vai ser a vez de outra pessoa. Talvez não na nossa aldeia, em outra, mas depois vai voltar para nossa – para mim ou para outra pessoa. E assim deve se manter, um atrás do outro.

— Pois é.

— Sei que Ievguiéni Nikoláievitch vai lhe dar, mas tem mais alguém?

— Ninguém por enquanto. Quero passar amanhã na casa de Stepanída, mas já sei que nem vai dar muito certo

— Stepanída? — Vassíli balançou a cabeça em dúvida, e disse depois de uma pausa: — Então vamos botar a casa abaixo. Vamos pressionar ela juntos. Ela está na minha equipe, talvez se recuse a passar vergonha na minha frente.

— Vamos. Para não perder tempo.

— Como ficou sabendo de Ievguiéni Nikoláievitch? — perguntou Kuzmá, já no

caminho.

— Minha mulher me disse. Provavelmente ele não resistiu e espalhou a notícia. E ele não ia se gabar? Vai fazer uma boa ação!

— Pareço até um astronauta — brincou Kuzmá com tristeza. — Aonde quer que eu vá, a aldeia toda fica sabendo.

— E como achou que ia ser? Agora, quando você for para a casinha, vai ter de olhar em volta para não ser fotografado. Eles podem rir o quanto quiserem, mas tenho certeza de que a aldeia toda está contando os seus rublos.

— Agora nem preciso dizer para Stepanída por que fui até a casa dela. Ela deve estar esperando desde cedo.

— E achou um lugar para se esconder.

Riram. Ao lado de Vassíli, Kuzmá se sentia mais leve, agora sua desgraça não parecia um nódulo na garganta, mas se espalhara pelo corpo, tornara-se suave, como que maleável. Embora fosse pouca a esperança no fato de que teriam sorte, Kuzmá sabia que da casa de Stepanída eles sairiam juntos, conversariam antes de se separarem, e, provavelmente, traçariam alguns planos para o dia seguinte. Isso o tranquilizava e ajudava a não pensar o tempo todo numa mesma coisa.

Stepanída vivia numa casa grande, para duas famílias, com a sobrinha Gálka, de quem passou a cuidar após a morte da irmã.

Gálka tinha quase dezessete anos, mas era uma garota corpulenta e há muito tempo ultrapassara Stepanída em altura e em largura. Não havia paz entre elas, e viviam como cão e gato; quando a isbá se tornava pequena demais para as duas, saltavam para o quintal e por toda a aldeia, gritavam uma com a outra, e eram gritos tais que os cães dos vizinhos olhavam para trás com o rabo entre as pernas e atravessavam para o lado oposto da rua.

Quando os homens entraram, Stepanída atrapalhou-se toda, começou a tagarelar de alegria, mas uma expressão inquieta surgira e não saía de seu rosto, com o seguinte pensamento: o que os terá trazido? Então, o sorriso sumiu, mas Stepanída o pôs de volta no rosto e, atrapalhando-se, esperou. Os homens tiraram os casacos e sentaram-se lado a lado no banco. Gálka saiu do quarto em direção às vozes – em seu vestido justo e curto, com os joelhos robustos à mostra.

— Chegou bem na hora! — encontrando algo para fazer, Stepanída repreendeu Gálka. — Olhem para ela, bela como uma pintura. Pelo menos vá se vestir, não fique mostrando para

os homens as suas vergonhas.

— Não tem nada que já não tenham visto! — refilou Gálka com indolência.

— Ora, mas não tem vergonha na cara!

— Não, e você tem?

— Saia daqui.

Gálka, dando uma piscadela para os homens, saiu.

— Ela me deixa exausta — Stepanída começou a lamentar-se. — Deus nos livre dessa menina. Já sugou todo o meu sangue!

— Ora, como se você tivesse sangue — retrucou Gálka. — Você tem água suja nas veias, não sangue.

— Vocês ouviram isso? Diga para ela uma palavra, e ela devolve dez. Diga dez, e ela devolve mil. Nem eu sei como ainda aguento. Aí está a felicidade que me coube na velhice.

— Vocês brigam porque não têm nada para fazer — disse Vassíli. — Stepanída, é melhor me dizer outra coisa: você não tem nada para oferecer para gente?

Stepanída apertou os olhos, perplexa.

— Você é um finório, Vassíli!

— Por que finório? Estou falando com você sem rodeios. Eu e Kuzmá estávamos caminhando e concluímos: Stepanída é nossa única esperança, ela vai dar o que tiver.

— Ora, Vassíli, eu sou boa com as pessoas boas. Por acaso eu sou avarenta quando tenho ela? É para isso que eu guardo ela: de repente uma pessoa boa aparece, e não tenho nada para servir.

— E faz bem.

Levantando a saia, Stepanída desceu até o porão e tirou de lá uma garrafa verde, da terra, coberta com o lacre de cera. Kuzmá, que estava sentado próximo ao porão, pegou a garrafa, apertou um dos olhos e a analisou contra a luz.

— Legítima — assegurou Stepanída.

— Assim é que tinha que ser — animou-se Vassíli —, mas em vez disso ficou encrencando com essa sua Gálka.

— Nem me fale dela.

Stepanída enxugou a garrafa na bainha da saia, colocou-a no meio da mesa ainda desocupada e correu para o celeiro — pelo visto, atrás de petiscos.

— Não fale sobre o dinheiro ainda — advertiu Vassíli. — Vamos aguardar até a hora certa.

— Então você mesmo fala.

Gálka saiu do quarto, avistou a garrafa sobre a mesa.

— Uau, já ludibriaram minha tia! Que espertinhos!

— Gálka, você é realmente uma cobra! — zangou-se Vassíli. — Alguém perguntou alguma coisa para você? Ainda não cresceu o bastante para falar comigo nesse tom.

— Olha só para você! E como quer que eu lhe trate? Como paizinho, ou, quem sabe, como mãezinha?

— Não dá para falar com você! Você é capaz de entender?

— Ora, então não fale. Não estou obrigando. Você não vai me ofender! Acha que não sei por que vieram até aqui?

— Fique calada! — chiou Vassíli.

— Ora essa, ficou com medo! Não tema, não vou dizer nada. Só não mexa comigo, entendeu? Eu ajudo vocês se me tratarem bem. — Ela olhou para Kuzmá e disse com voz lamentosa: — Tenho pena da tia Maria. — Ela voltou seu olhar para Vassíli. — Acha que tem o direito de gritar assim comigo só porque é mais velho? Grite com a sua mulher. Não trabalho para você.

— Você é boa em abrir o berreiro — refreando-se, Vassíli ficou impressionado.

— Com certeza, você não sabe com quem está lidando.

— Parem os dois, — Kuzmá resolveu acalmá-los.

Stepanída chegou correndo, atarantou-se diante da mesa. Acomodando os homens à mesa, dirigiu às visitas seu lamento usual, que substituía a oração:

— Não tenho nada para oferecer – realmente uma vergonha! Se soubesse que viriam, teria preparado alguma coisa, mas foi tudo tão depressa. Que vergonha, que vergonha...

— Não precisa se fazer de pobre, Stepanída. Dá para passar a semana toda com esses petiscos — tranquilizou-a Vassíli.

— Você diz cada coisa, Vassíli.

Encheram três copos. Em um momento cuidadosamente calculado, no qual brindavam e prendiam a respiração, Gálka se intrometeu:

— E eu?

Stepanída chegou a se contorcer de raiva e inclinou-se para a frente.

— Ora, me digam vocês se ela não é mesmo uma sabotadora! Mas não é possível! Nem antes, nem depois, adivinhou a hora certa para estragar o apetite das pessoas. Ai, ai, ai. Por qual motivo Nosso Senhor me puniu com essa praga?

Gálka, com um risinho no rosto, pegou um copo, colocou-o diante de Stepanída, e tomou para si o copo da tia.

— Não toque nisso, menina dos diabos! Estou falando com você, ponha no lugar!

— Encha esse que eu devolvo.

— É que não quero passar vergonha na frente das pessoas por sua causa, senão eu ia mostrar para você como é que se fala com a própria tia, ia ensinar você...

— Até parece!

— Oh, menina dos diabos! Oh, menina dos diabos! — Stepanída começou a lamentar-se, mas encheu o copo. Gálka o pegou, verteu nele um pouco do que havia no copo de Stepanída e o ergueu para brindar.

— Não é muito cedo para você beber em pé de igualdade com os homens? — Vassíli não se conteve.

Gálka estreitou os olhos e os cravou em Vassíli de modo sugestivo, mas ele continuou:

— Mal secou o leite na boca e já entrou nessa. O que vai ser de você no futuro?

— É mesmo — assentiu Stepanída. — Escute o que as pessoas mais sábias dizem para vocês, já que não dá um tostão pela sua tia.

Mas Gálka olhava para Vassíli.

— Você sabe onde enfiar essa lição de moral — disse ela calmamente. — Sei me cuidar sem sua ajuda, entendeu?

— Isso são modos de tratar uma pessoa? — Stepanída começou a tremer. — Ele é o que seu – seu tio? – para você tratar dessa maneira? Perdeu o juízo de vez, é isso?

— É bom ele ficar calado, senão vou logo pondo tudo em pratos limpos.

Por debaixo da mesa Kuzmá tocou em Vassíli com o joelho, para que deixasse Gálka em paz.

— Um bom rapaz está andando por aí e mal sabe que aqui dentro uma força espera por ele — Vassíli não conseguiu se conter na hora. — Eis o tesouro que ele vai receber.

— Não sendo você, tudo bem.

— Deus me livre.

— Diz isso, mas ficou se lambendo todo quando apareci naquele vestido.

Kuzmá os interrompeu:

— É melhor por tudo de volta na garrafa para gente poder ouvir vocês dois?

Beberam. Gálka piscou para Kuzmá e dirigiu o olhar a Stepanída. Kuzmá balançou a cabeça de modo imperceptível. Gálka não via a hora de tirarem dinheiro de sua tia. Aquela

cobra! Ofereceu-se como assistente, mas ela, com sua mentalidade infantil e arrogância, botava tudo a perder.

— Por que você não foi ao clube? — perguntou a ela de maneira despropositada.

Gálka estreitou os olhos.

— Estou atrapalhando, é isso? Eu já disse que ajudo vocês se ele — ela indicou Vassíli — não me atormentar mais.

— Como é que é? — Stepanída mostrou-se inquieta.

— Esquece — cortou Gálka.

Kuzmá ficou imóvel. Falar com Gálka era perigoso. Ela não tinha ideia de que existem manobras envolventes, ou achava-as desnecessárias com sua tia, com quem, dizem, não costuma pisar em ovos, precisando agarrá-la como a uma galinha, enquanto está parada no lugar, e depená-la. Franzindo a testa, indicou-lhe que ficasse em silêncio. Gálka não deu atenção.

— Tia, o que você tem que não está bebendo? — notou ela. — Está querendo bancar a espertinha?

— Ora, ela não aguenta beber como a gente — levantou-se Vassíli. — É essa a questão, minha senhora? Vamos, vamos. Não é assim que se faz.

— Oh, ela me deixa doente. — Stepanída começou a fraquejar.

— Você, Stepanída, é fora de série, e é assim que vejo você: olha, caros visitantes, eu não vou beber para que vocês me notem e também parem de beber. Isso procede?

— Vassíli, por que está falando de mim desse jeito? Acha que sou assim? Você diz cada coisa. Por acaso sou avarenta com ela? Podem beber tudo, foi para isso que eu trouxe.

— Sem você não podemos, você é a dona.

— Já, já — Stepanída se apressou e terminou de beber. — Você, Vassíli, me ofendeu de verdade. Vou ficar pensando nisso. Pois eu não recuso nada para as pessoas boas.

— É o que vamos ver — disse Gálka.

— O que é que você está se preparando para ver, sua víbora?

Kuzmá disse apressado:

— Provavelmente, se preparava para ir ao cinema, mas não tem dinheiro para o ingresso. Ainda não arranjou um namorado que pague para ela.

— Mas todos os projecionistas deixam essa eguinha entrar de graça. Ela tem namorados por toda a aldeia. Uma pessoa decente com um rublo, não vão deixar entrar, mas essa, onde quer que desfile as belas pernas, não vai precisar de dinheiro. Acha que é Vassilíssa, a Bela,

com toda a sua bondade! Por isso não vou mais ao cinema, não quero passar vergonha na frente das pessoas por causa dela.

As narinas de Gálka inflaram, mas Kuzmá não lhe deu chance de explodir.

— Vamos, mais uma rodada — disse ele. — Gálka, vai beber?

— Para azar dela, vou beber, para ela explodir com essa avareza.

— O-oh, sua peste! Ela não vê a hora da minha morte chegar, eu que cuidei dela como mãe desde os nove anos. Dei de comer e de beber e vejam só no que se transformou, minha boa gente. Fiz tudo por ela, e não escuto dela uma palavra gentil. Muito obrigada!

Stepanída preparava-se para chorar, subiu a barra da saia.

— Já chega — disse Kuzmá. — Stepanída, vamos beber para que você viva mais cem anos sem conhecer nenhum problema!

— Para que vou querer viver mais cem anos, Kuzmá? Já passei por maus bocados, e é certo que logo, logo descansarei. Não consigo mais trabalhar, e as pessoas não acreditam. Pois eu só pareço saudável, por dentro estou toda estragada. Ela ri, mas o tempo vai passar, e ela vai entender como é isso. Vai entender, minha cara, vai entender, não ria — a voz de Stepanída voltou a ficar firme.

— Quantas jornadas de trabalho você ganhou esse ano, Stepanída? — perguntou Vassíli.

— Duzentas e cinquenta.

— Você não trabalhou tanto assim.

— Estou doente, Vassíli.

— Estou dizendo isso só para saber se você tem alguma reclamação contra mim como líder da brigada.

— O que é isso, Vassíli? Reclamação nenhuma! Onde mais eu ia poder ganhar tanto? Eu agradeço.

— Você não vai ser levada à administração, você tem seu mínimo.

— Sim, sim. Agora estou tranquila, não vão criar intrigas. E você continua com seu repolho. Oro a Deus por você com alegria, e você pensou que eu me lamentava por causa de uma garrafa. Oh, Vassíli, como isso foi lhe passar pela cabeça?

Vassíli disse:

— E sabe por que estamos aqui, Stepanída?

— Nã-ão. — Stepanída, sem se conter, olha rápida e inquietamente para Kuzmá. — Pensei que fosse apenas para sentar e conversar.

— Dissimulada — disse Gálka com crueldade.

Vassíli a repreendeu.

— Você cale a boca! Vamos resolver sem você. — Disse ele a Stepanída: — Sentar e conversar também. Mas eu e Kuzmá ainda temos um negócio para tratar com você. Ficou sabendo do grande desfalque de Maria?

— Ouvi de passagem.

— Ajude eles, Stepanída. O negócio é sério: se eles não juntarem o dinheiro até amanhã ou depois de amanhã, Maria vai ser presa. E você, com certeza, tem dinheiro.

— Oh, mas como eu poderia ter dinheiro?

— Dê para eles, Stepanída. Peço em nome de toda a aldeia. É isso.

— Nós vamos devolver logo — disse Kuzmá. — Vão me dar um empréstimo depois da reunião de balanço. Não vai demorar.

— Viu só? Não vai demorar — prosseguiu Vassíli. — São pessoas de confiança, dê para eles, Stepanída.

— E você acha que eu não ia dar para eles se tivesse, hein?

Gálka começou a gritar:

— Você tem dinheiro sim, não acreditem nela! Você tem dinheiro, tia! — ela gritou para Stepanída. — Por que está mentindo?

— E você viu ele comigo? Contou o meu dinheiro? — Stepanída deu um pulo.

— Não vi e não contei, mas sei que tem. Você já tinha se enforcado faz tempo se não tivesse. Você tinha roubado. Você é um kulak,³⁴ pior que um kulak, devia ser expropriada.

— Você vai responder por essas palavras! Vai responder no tribunal. Vai responder! — aproximou-se Stepanída aos galopes.

— Que medinho! Quero só ver quem vai responder. Kulakezinha, kulakezinha!

— Caladas! — gritou Vassíli. Reinou o silêncio, em seguida Vassíli disse em voz baixa: — Stepanída, confira se tem alguma coisa. Confira. Você mesma sabe: Maria tem quatro crianças.

— Não precisa, Vassíli — pediu Kuzmá.

Gálka olhou para ele e, sem virar o rosto, começou a chorar.

— Coitada da tia Maria — lamentou-se ela. Suas lágrimas eram copiosas, e da face larga e ruborizada escorreram até o pescoço. Stepanída curvou-se, passou a barra da saia nos olhos

---

³⁴ *Kulak* significa literalmente “punho”, mas durante o regime soviético o termo foi usado para designar os camponeses ricos. “Não havia uma definição precisa de *kulak*, e essa imprecisão servia os fins dos bolcheviques, permitindo-lhes usar o termo como uma arma política. Do ponto de vista bolchevique, ser relativamente abastado e opor-se às políticas soviéticas eram situações idênticas” (KENEZ, 2005, p. 121).

molhados e disse, com voz chorosa:

— Para mim Maria é da família. Eu dava para ela meu último copeque sem reclamar. Ela me fez tantos favores.

Silêncio novamente. Stepanída continuava arqueada, enxugando os olhos na barra da saia como se estivesse lustrando botões para que finalmente brilhassem. Assim curvada, quase embaixo da mesa, olhava para os homens e soltava ruídos que não eram nem soluços nem mugidos.

— Gálka, basta de choro — disse Vassíli. — Ainda é cedo para lamentar Maria.

— Ela está mentindo, está mentindo! — tornou a gritar Gálka. — Eu sei. Não quero nem olhar para cara dela.

— Se não quer, então cai fora daqui! — revidou Stepanída. — Não vou chorar. Pode dar o fora agora. Estou por aqui de você.

— Vamos indo, Vassíli — disse Kuzmá.

— Vamos.

Vestiram seus casacos e saíram. Na isbá de Stepanída os gritos ficaram intensos; dos dois lados da aldeia os cães uivavam em resposta, latiam em tons graves e agudos. Vassíli, caminhando ao lado de Kuzmá, ameaçou expulsar Stepanída da equipe. Kuzmá sentia-se indiferente a tudo. Sofreu por Maria e pelas crianças, exasperou-se à mesa quando conversaram sobre o dinheiro, mas agora passou, e o desfalque parecia tão assustador quanto os latidos dos cães. O que tiver de ser, será. Kuzmá sentia-se cansado apenas e queria dormir, o resto não tinha importância.

— Amanhã eu volto — disse Vassíli, desviando-se para sua casa.

— Tudo bem.

Kuzmá ficou sozinho. Seguiu para a extremidade da aldeia, para a sua nova casa, construída para que vivessem nela felizes para sempre. A aldeia dormia, apenas os cachorros continuavam a latir um para o outro. As pessoas dormiam, e junto com elas dormiam seus assuntos, descansando para no dia seguinte moverem-se de um lado a outro. Por enquanto tudo estava em seu devido lugar, tudo estava imóvel.

Kuzmá chegou em casa e foi logo se deitar. Adormeceu rápido e dormiu profundamente, alheio a tudo na terra.

Assim terminou o primeiro dia.

O trem segue em disparada, espalhando pelo vento as luzes trêmulas e pálidas de suas

laterais. Em seguida, as luzes se apagam, e por trás da janela persiste uma escuridão esbranquiçada, que ainda não derramou totalmente. Uma luz distante e solitária tornou a aparecer, a iluminar tristemente e a se afastar, e atrás dela de repente surgem duas, até três luzes agrupadas, expondo à frente um pedaço de terra – bem pequeno, um terreno com uma minúscula casinha e uma pilha de lenha ou um cantinho de celeiro. Ele imediatamente se retira, desaparece na noite, e é preciso esperar outra vez a próxima luz e a próxima casinha, porque sem elas existe um certo desconforto.

Kuzmá está deitado e olha pela janela. Está cansado de ficar deitado sem movimento, de olhar para a escuridão como para uma parede, mas não sabe ainda o que pode fazer. Ainda bem que o trem segue adiante e a cidade vai ficando cada vez mais próxima. Assim, procurando luzes, pode não pensar em nada – esse é o jogo para enganar a si mesmo.

O rapaz revira-se em seu leito, rangendo os dentes em seu sonho, e a velha embaixo, também cochilando, abre os olhos e olha o relógio.

— Seriója — ela chama em voz baixa. — Acorda, Seriója.

— Não estou dormindo — responde o velho. — Só deitado.

— Hora de tomar o remédio.

— Se é hora, então vamos lá.

— Não está doendo agora?

— Não, não.

Kuzmá está deitado de barriga para cima; agora que o velho e a velha começaram a conversar, pode de novo escutá-los sem precisar ficar com os olhos fixos na janela. Ouvindo as vozes, o rapaz se vira novamente e, cenho carregado, logo se levanta e deixa cair as pernas.

— O-oh. — O rapaz avista o velho bebendo algo do copo. — Nosso vovô já resolveu dar um gole. Nada mal.

— Você só pensa nisso — responde a velha sem zanga. — Seriója tomou remédio com água, e você já pensou sabe lá Deus o quê.

— E daí? Aposto que o vovô bebia antigamente.

— Não, Seriója nunca bebeu muito. Beber, bebia, mas nunca vi ele bêbado.

— Ah, todo mundo sempre diz isso. Se viver até a velhice, também vou dizer que bebi só um kvas.

— Diga você mesmo para ele, Seriója.

— Para quê? — responde o velho com ponderação.

— Você está certo. Eles não vão entender.

Outra hora o jovem com certeza haveria de encontrar argumentos, mas agora não está disposto. Com cuidado, gemendo e grunhindo, ele desce do leito e admite:

— Minha cabeça vai explodir – é insuportável!

— E como não explodiria, meu caro, se você a maltratou tanto? — diz a velha.

— Maltratei quem?

— Maltratou a própria cabeça.

O rapaz sorriu com esforço.

— Você é fora de série. Diz que maltratei minha cabeça. Minha mulher gritava que eu a maltratava, e você diz que eu maltrato minha cabeça.

— Viu só o que você está virando? Nem parece um ser humano.

— Esse problema é remediável, vovó. Aposto que Kuzmá sabe o que é uma ressaca da tarde. Melhor morrer que suportar ela. — O rapaz calça as botas lentamente, endireita-se com dor e enfia a mão no bolso da jaqueta. — Agora vamos dizer a ela: Pai Nosso que estais no céu, e é como se ela nem existisse. E a gente pode seguir viagem. É normal.

Ele sai. A velha balança a cabeça, seguindo-o com o olhar, e suspira. Kuzmá vê pelo espelho que o velho, olhando para ela, dá um leve sorriso.

— O que foi, Seriója? — pergunta ela.

— Nada, nada.

— Estou fazendo alguma coisa errada?

— Está tudo bem. Não se preocupe.

— Se não estiver, me diga.

— Digo sem falta, eu sempre falo para você.

— Sim, sim.

Kuzmá sente prazer em escutar sua conversa, e um tanto sem jeito, como se tivesse se tornado testemunha por acaso do que é dito só entre marido e mulher. Ele fecha os olhos e finge dormir, mas é impossível continuar deitado assim, tem vontade de se virar de lado e olhar para qualquer lugar. Kuzmá, como um garoto, remexe-se, aperta os olhos com força. E de repente escuta a porta abrir. Mas não é o rapaz, é a encarregada.

— Querem tomar chá? — pergunta ela.

— Seriója, chá — diz a velha.

— Traga, traga. Um chá cai bem.

Kuzmá desliza para baixo.

— Também vou tomar um copinho — diz ele.

— Precisa beber sem falta — responde a velha. — Estava aqui pensando se devia acordar você.

Acomodando-se à pequena mesinha, eles tomam o chá, e a velha oferece a Kuzmá biscoitinhos caseiros. Lá em cima na sacola Kuzmá tem ovos cozidos e toucinho, mas não se atreve a tirá-los, fica pensando que precisa tirar, e não pode se atrever. Para que vão querer seu toucinho? São pessoas inteligentes e falam entre si como se tivessem se conhecido ontem e ainda não tivessem tido tempo para admirar um ao outro. Mas já têm uma longa vida juntos; a velha conta a Kuzmá que estão indo à casa do filho em Leningrado, na realidade o filho é que viajava todo verão para a casa deles, mas há pouco esteve em uma viagem de negócios no exterior e não pôde visitá-los. Ela faz perguntas a Kuzmá, e Kuzmá responde que está indo visitar seu irmão que não vê há sete anos. O velho é mais reservado, mas escuta atentamente. Kuzmá sente-se à vontade com eles, e já não se acanha mais, especialmente com a velha, que revela também ter crescido em uma aldeia e estimar os aldeões.

Ela diz a Kuzmá que todas as pessoas vêm de lá, da aldeia, só que algumas no começo, outras mais tarde, e alguns sabem disso, outros não. Kuzmá gosta dessa ideia, lança um olhar para o velho para ouvir o que ele tem a dizer, mas o velho fica em silêncio. E a bondade humana, o respeito pelos mais velhos e a laboriosidade também vêm da aldeia, diz a velha, mas dessa vez ela mesma olha para o velho.

— Certo, Seriója? — pergunta ela.

— Pode ser.

Então chega o rapaz, pela canção podia-se ouvi-lo à distância. Fechou a porta atrás de si e continuou a cantar:

As mais belas do mundo
Estão no meu mar negro
Estão no meu mar negro³⁵

— Que bonito! Que bonito! — A velha balança a cabeça, em censura. — Quem foi que lhe ensinou essas canções?

— Que foi? Acha as canções ruins?

— E o que têm de bom?

— Mas você, hein, vovó! Sempre querendo procurar defeitos. É uma canção aprovada

---

³⁵ Paródia dos versos da canção “Tchórnoie mórie móie” (“Meu mar negro”), escrita por Mikhail Matussóvski e interpretada no filme *Matros s “Kometa”*, de 1958. Os versos originais dizem “Cámoe cíneie v mÍrie/ Tchórnoie mórie móie/ Tchórnoie mórie móie” (“O mais azul do mundo/ O meu Mar Negro/ O meu Mar Negro”).

pela censura, sem obscenidades. Pode ser aprendida até em concertos. — O rapaz senta-se ao lado de Kuzmá e sacode a cabeça, como se a agitasse. — Está quase normal — avisa alegremente. — Ainda está aí, mas vai passar. O que foi que me disse, vovó? Que maltrato minha cabeça?

— É verdade. Não para de beber. E não se importa com o dinheiro.

— Dinheiro é bobagem, coisa que se arranja.

— É preciso respeitar o dinheiro também. Ele não vem de graça. Você trabalha por ele, dá a sua força, sua saúde.

— Tenho muito dinheiro. Ele gosta de mim, vovó. Ele é como as mulheres: quanto menos atenção dar a elas, mais vão gostar de você. Aquele que treme por cada coque não vai ter nenhum.

— Como não, se não joga o dinheiro fora à toa e não gasta com bebida do jeito que você faz?

— É assim. O dinheiro vai achar que ele é avarento e – adeus!

— Isso eu já não sei.

— Tenho certeza. Você, vovó, não pense que dinheiro não tem princípios. Pros avarentos só se acumulam migalhas, mas para mim, para uma pessoa simples, o dinheiro vem com simplicidade. A gente se entende. Não me importo com ele, ele não se importa com ele mesmo. Vem e vai, vem e vai. Mas se começo a acumular, ele percebe na hora que não sou mais a pessoa certa, e acontece comigo alguma asneira: ou fico doente, ou meu trator é roubado. Já aprendi tudo isso.

— Filosofia interessante — observa o velho. — Então é preciso apenas ser simples para ter dinheiro?

— De jeito nenhum. É preciso trabalhar — responde o rapaz com seriedade. — Eu gosto de trabalhar. Tiro duzentos e cinquenta em um mês, com muito esforço trezentos, e no inverno, quando começa o transporte de madeira, quatrocentos no máximo. Não é todo mundo que consegue me acompanhar. Se não trabalhar, de onde vai vir o dinheiro?

— E de onde você tira tanto dinheiro? — Kuzmá não se contém.

— Trabalho numa madeireira. Os operadores de máquinas recebem bons salários.

— Qual a vantagem? — diz a velha. — Você acaba gastando em bebida.

— Gasto mesmo. E daí? Passo frio todo dia, fico cansado, e não posso beber? Que vida é essa? Também tenho direito a descanso.

— E é sua esposa que lhe serve uma garrafinha toda noite, eu suponho.

O rapaz ri.

— Está brincando, vovó? Eu dava tudo por uma esposa dessas.

— Quer dizer que a sua não gosta muito quando você bebe?

— Ora, ela não entende. Mas isso não importa agora. Eu me separei dela.

— Você se separou?

— Sim. Faz pouco tempo. A gente se separou, e fui embora imediatamente.

— Mas por quê?

— Ela não sabe de nada, e não me entendia. Por isso. Nasceu numa casa de banhos e precisa de empregada até para tossir. Ora essa! — o rapaz se exalta. — Há muitas mulheres no mundo.

— Mas, meu querido, nenhuma delas gosta de homens que bebem. Todas querem viver como seres humanos. Mas você aparece em casa sem se aguentar em pé, e ainda quer dar provas do seu caráter, com certeza vai provocar desordens.

— Não. Sou tranquilo. É só não me tocar que eu deito e durmo. Mas também não me azucrine quando eu estiver bêbado. Não gosto. Pela manhã pode dizer o que quiser que eu aguento, mas quando estou bêbado é melhor me deixar em paz.

— Falta de respeito com a mulher também vem da aldeia — diz o velho à velha.

— Não, Seriója.

— Como assim? — o rapaz não entende.

— Seriója diz que a mulher é mais respeitada na cidade do que na aldeia.

— E para que respeitar tanto assim? Ela vai acabar pisando na sua cabeça com todo esse respeito. Eu sei. Tem que impor limites sempre, e nada de estragar com mimos. Se sentir que você é um fracote — está perdido. Vai fazer você de gato e sapato. Elas podem maltratar você.

— E com você não existe maltrato — diz a velha com suspeita.

— Comigo é outra história. Aqueles de caráter fraco vão sofrer as consequências.

— Ora, do que está falando? Do que está falando? Olhe só, que defensorzinho! É você que bebe, e a mulher que é culpada — a velha estava entre zangada e surpresa. — Bem, você cometeu erros, agora vai viver sozinho.

— Por que sozinho? Vou encontrar alguém.

— Quem vai querer ficar com um bêbado como você?

— Vovó! — pronuncia o rapaz em tom de afável censura. — É preciso apenas assobiar... Esse mundo tem mulheres de sobra. Elas também querem viver. As mulheres são frágeis, não é verdade? Não podem viver sem nós. Eu mesmo sou da aldeia, e quando vou para

a cidade, sempre encontro alguma mulher. Dizem que é preciso dar para elas dinheiro e outras coisas – mas isso é bobagem, isso é coisa de antes da revolução. Agora elas têm consciência. Gostam de ser bem tratadas, não é verdade? É só não ser bruto com elas, saber se aproximar – e tudo fica bem.

— Sua mulher fez bem em se separar de você — diz a velha.

— Por que diz isso? — o rapaz se espanta. — Porque eu pulava a cerca? Esse é um motivo insignificante. Todos fazem isso.

— Não julgue os outros por si.

— Então me diga você, vovó. Certa vez me mostraram o trecho de um livro. O autor, não me lembro o sobrenome dele, escreve que aquele, sabe... que não trai a esposa, é uma espécie de tolo que não sente interesse pela vida. E aí? É verdade. Viver a vida toda com a mesma pessoa cansa. É entediante.

— Seriója, está ouvindo o que ele diz? — pergunta a velha, sorrindo.

— Estou ouvindo.

— Diga para ele.

— Para quê?

— Não, fale. Afinal, ele acha que é assim que deve ser. Pois ele não sabe de nada.

— Isso é problema dele.

— Faz o que ela está pedindo, vovô. Você está com pena ou o quê? — diz o rapaz.

— “Faz o que ela está pedindo, vovô” — arremeda-o a velha. — Esse vovô que está na sua frente é um exemplo vivo, em toda a sua vida, nunca me traiu uma única vez. E você diz que todos são assim. Esse que está na sua frente, esse vovô, olhe bem para ele, caso nunca tenha visto outro igual.

O rapaz piscou para o velho.

— Vovó, acha que eu contava à minha mulher sobre, digamos, os meus casos? — Imaginando as consequências disso, o rapaz desata a gargalhar. — Teria sido divertido, ela teria me...

A velha olha para ele e sorri pacientemente. Diz em seguida – mantendo o sorriso tenaz:

— Mas ele de fato nunca me traiu. Por que você não pode acreditar nisso?

O rapaz ainda ria.

— Como pode saber, vovó?

— Acredito nele.

— A-ah... você acredita.

— Diga para ele, Seriója. Ele não compreende nada.

— E para que eu a haveria de trair? — pergunta o velho ao rapaz.

— Como para quê?

— Sim... Para quê?

— Você é que sabe. A velha é sua, não minha.

— Por que você trai sua esposa?

— É interessante.

— O que é interessante?

O rapaz dá um risinho sugestivo:

— Tudo é interessante. Qualquer mulher e... em geral... todas. Nenhuma mulher é igual.

— Mas Seriója estava interessado em ficar comigo. — diz a velha de modo natural. — Ele não estava interessado em ficar com outras.

O rapaz olha para o velho com franca curiosidade, como se olhasse para um estrangeiro.

— Não acredito nele — diz.

— Isso é problema seu.

Reina o silêncio, e o rapaz, inquieto, balança a cabeça, olhando ora para a velha, ora para o velho. De repente nota Kuzmá.

— E você, Kuzmá, já pulou a cerca ou não?

Kuzmá sorri, desconcertado. No momento dessa conversa, Maria vinha à sua memória muitas vezes e de modo penetrante, dolorido até, e ele sentiu o quanto precisava dela. Tudo o que houve de bom e de ruim entre eles agora desaparecera, e eles ficaram sozinhos, como se sua vida a dois não tivesse começado ainda, mas ele, Kuzmá, já sabe que sem Maria não pode viver. Queria descobrir por si mesmo o motivo que leva uma pessoa a apegar-se tanto a outra, mas não conseguiu. Será que apenas as crianças, como pregos, unem os dois a marteladas? Não. Agora, enquanto o velho e a velha discutiam com o rapaz, esquecera-se de seus filhos, que ficaram para trás, mas era como se Maria estivesse o tempo todo sentada sobre os seus joelhos, e assim Kuzmá sentia sua respiração, e ela a tudo escutava.

— E você, Kuzmá, já pulou a cerca ou não? — pergunta o rapaz.

E Kuzmá admite:

— Teve uma vez.

— Vejam só, até Kuzmá... — o rapaz quer dizer alguma coisa, mas Kuzmá o interrompe.

— Espere. Comigo foi diferente. Eu vivia com outra antes da guerra, mas não era de papel passado. Depois da guerra me juntei com Maria, mas teve uma vez com a primeira, pelos velhos tempos... Ela me encontrou à noite...

A velha olha para Kuzmá com desgosto.

— E sua Maria ficou sabendo?

— Ficou. Ela me abandonou, mas eu convenci ela a voltar, fiz promessas. Nunca mais aconteceu.

— E você acredita em nós? — pergunta a velha.

— Acredito. Na aldeia também existem pessoas assim.

— Na aldeia! — o rapaz explode. — Lá dá tudo na vista. Lá, se um homem dá uma olhada na mulher do outro, na mesma hora a aldeia toda está sabendo. Lá todo mundo tem medo.

— Não é por isso — objeta Kuzmá. — Lá as pessoas se juntam para viverem juntas.

— Veja, eu e Seriója vivemos a vida toda juntos — a velha diz e olha para o velho. — Para onde ele for, lá eu vou estar. E se a gente se separa, é por pouco tempo. Sem ele eu não fico bem, sem mim ele não fica bem. Certo, Seriója?

— Para que falar disso?

— Quando era jovem ainda, a gente decidiu como ia viver, e viveu. A gente decidiu compartilhar tudo – a alegria, a tristeza, e a morte também. — A velha fala com calma e em voz baixa. — Hoje Seriója tem um coração doente, e o meu coração está bom, mas o que importa para nós dois é apenas o coração doente de Seriója.

— Vocês são o quê, aqueles... batistas, é isso? — pergunta o rapaz, estupefato.

— Nós, batistas?! — rindo um riso frouxo, a velha responde. — Você ouviu, Seriója? Já nos consideram batistas.

E o trem segue adiante, e a cidade vai ficando cada vez mais próxima.

O segundo dia começou bem cedo com o aparecimento do vovô Gordiêi - as crianças nem tinham ido para a escola ainda. Como sempre, sentou-se no chão próximo ao forno, acendeu seu cachimbo e, enquanto permanecia em silêncio, não o tirava da boca. Kuzmá não dava início à conversa. Por que viera com o raiar do dia – insônia, ou o quê? Quem precisa dele, de seus conselhos, qual o sentido? Kuzmá se lembrou de ter dito a Maria pela manhã, ao se levantarem, para que ela não falasse tanto do desfalque perto das outras mulheres, e Maria respondeu com

raiva:

— Eu sei, eu sei! Já estou virando a mais sábia, já sei como viver meus próximos mil anos. Estão todos me ensinando.

Mais tarde, depois que os meninos mais velhos foram para a escola, e Maria saiu para cuidar de seus afazeres, Kuzmá perguntou:

— E você, vovô, veio tratar de quê?

— Oi? — o velho atrapalhou-se e resolveu se levantar. — Aqui está... — e estendeu dinheiro a Kuzmá. — Ontem implorei para o meu filho quinze rublos, e agora estão comigo...

— Não precisa, vovô.

— Como não precisa? — desconcertou-se o velho. — Para que eu peguei ele? Não se preocupe, não contei que era para você.

Ficou em pé diante de Kuzmá com a mão estendida, e dela se sobressaía umas notinhas enroladas de cinco rublos. Olhava para Kuzmá com medo de que não pegasse. Kuzmá pegou.

— Não se preocupe, — alegrou-se o velho. — Se tiver dinheiro, você devolve, se não — o que um velho como eu vai fazer com ele? Dou um jeito.

Preparou-se para sair — algo absolutamente incomum para ele.

— Pode se sentar, meu velho.

— Não, preciso me apressar.

— Vovô!

— Sim?

— Só não me traz mais dinheiro, não precisa.

— Como assim?

— Eu resolvo. Sei que sua ideia é ficar tentando arranjar dinheiro pela aldeia.

— Se você não quer, não vou.

— Não precisa, meu velho, não precisa.

O segundo a chegar correndo foi um garotinho, vizinho de Ievguiéni Nikoláievitch.

— Ievguiéni Nikoláievitch mandou avisar que está se preparando para ir ao centro e que retornará à noite.

Kuzmá perguntou:

— E quando ele vai para a casinha, também manda você avisar a aldeia?

O garotinho, dando uma risadinha, meteu-se porta afora.

Depois Vassíli chegou e foi breve:

— Vai se vestir e me acompanhe.

— Para onde?

— Minha mãe.

Há muito tempo Kuzmá não via tia Natália, desde a época em que ela ficara de cama, uns três, quatro anos atrás. Não conseguia imaginá-la deitada na cama – nenhum lugar para ir e nada para fazer senão ficar deitada, igual a todas as velhas, esperando a morte chegar, olhar com olhos moribundos as pessoas que chegavam à sua casa para visitá-la e virar-se com esforço de um lado para o outro. Tudo isso calharia a qualquer um, até mesmo ao próprio Kuzmá, mas não à tia Natália. Do quanto Kuzmá se lembrava, ela sempre, a todo instante, trabalhava feito máquina, conseguia tempo para o kolkhóz e para a sua casa, ganhava por ano seiscentas jornadas de trabalho e sozinha, sem marido, criara três filhos, sendo Vassíli o mais velho. Não bastava dizer que ela era trabalhadora, há muitas trabalhadoras na aldeia, mas nenhuma como tia Natália. Ela nunca andou em passo normal, e os aldeões, vendo-a correr pela rua, gostavam de perguntar:

— Tia Natália, aonde vai?

Em movimento, respondia às pressas:

— Não importa, mas tem que ser rápido.

Essa expressão permaneceu na aldeia, as pessoas a repetem com frequência, mas não se adequa mais a ninguém do jeito que se adequava à tia Natália.

No kolkhóz todos se lembram de como tia Natália administrava os montes de feno. Se por acaso houvesse alguma tempestade após a montagem, a água escorria até o chão, e os montes, sem ruírem, resistiam até o inverno. Tia Natália, ainda por cima, sabia pescar tão bem quanto os homens. No outono, quando saía para pescar à noite e acendia a lenha em sua canoa, os homens, blasfemando, afastavam-se dela ao máximo.

Por nunca ter aprendido a andar normalmente, com as suas últimas forças correu até a cama e caiu. E hoje, bem diferente do que era, como se tivesse sobrevivido a si mesma, dia e noite, sem poder levantar, fica deitada em um quartinho separado da gornítsa.³⁶ As velhas visitam-na, sentam-se, reclamam da vida, e ela, em cuja vida inteira não tinha nem cinco minutos para conversar, escuta-as e concorda com a cabeça.

Quando Vassíli e Kuzmá chegaram, tia Natália dormia e não os escutou. Uma janela estava completamente fechada com a cortina, a outra aberta pela metade por uma das folhas do

---

³⁶ Principal cômodo de uma isbá, onde ficam o forno e os móveis, como mesas, cadeiras e camas.

batente, e o quarto estava na penumbra. Nela, Kuzmá não conseguiu distinguir tia Natália de imediato.

— Mãe! — chamou Vassíli.

Ela despertou, sem qualquer espanto, como se os esperasse, olhou para os homens e disse:

— Vassíli chegou. E o segundo – Kuzmá. Faz tempo que não vejo você, Kuzmá.

— Faz tempo, tia Natália.

— Veio me ver? Estou doente. Não sobrou nada para ver.

Emagrecera bastante, definhara, tinha a voz fraca e falava devagar, com esforço. O rosto, por alguma razão, estava menor do que era, e endurecera; quando falava, o rosto continuava imóvel, nem os lábios se mexiam, e por isso parecia que a voz não vinha de dentro dela, mas soava de algum lugar por perto.

— Não estou tão velha. Nem setenta eu tenho. Outros vão mais longe. Mas agora estou presa — disse ela, e ouvi-la demorava tanto que era preferível procurar algo para fazer durante esse tempo.

— E dói muito? — perguntou Kuzmá.

— Muito, não. Mas não consigo andar. Se levanto, a perna não aguenta. Estou fraca.

— Já que não dói, então, pelo seu bem, fique deitada, tia Natália. Você já correu demais nessa vida. É hora de descansar.

— Ah, mas é fácil falar, Kuzmá! Também tenho vontade de levantar. No verão, faz pouco tempo, eu me levantava, andava sozinha na rua.

— Você se levantava, pode ser que ainda se levante.

— Não-ã-ão, não vou levantar. Meu vigor vem diminuindo.

Vassíli os interrompeu:

— Mãe, você tem dinheiro?

— Tenho um pouquinho. Mas eu não vou dar para você, Vassíli. Deixe ele aí.

— Dê o dinheiro, mãe. Não é para mim, é para o Kuzmá. Para Maria. Eles não têm de onde tirar.

Tia Natália voltou os olhos na direção de Kuzmá e, piscando, olhava para ele.

Kuzmá esperava. Vassíli levantou-se e saiu do quartinho, disse alguma coisa à irmã, que vivia com a mãe, e logo em seguida retornou.

— Estou guardando esse dinheiro para o dia da minha morte — disse tia Natália.

Kuzmá ficou surpreso:

— Tem que pagar para morrer hoje em dia? Achei que fosse de graça.

— Não-ão. — Os olhos de tia Natália tinham um brilho fraco. — Quero eu mesma me enterrar e fazer o velório. Para não tirar dos meus filhos.

— Como se a gente não fosse fazer um velório para você — resmungou Vassíli.

— Vocês vão fazer. Mas eu quero pagar. Para vir mais gente lembrar de mim por mais tempo. Nunca fiz mal a ninguém. Sempre fiz tudo sozinha. Vou fazer isso também.

Para dar um descanso, ela ficou em silêncio e não se mexeu. Kuzmá achou que era hora de retirar-se, e olhou para Vassíli. Mas tia Natália perguntou:

— E Maria, chora muito?

— Chora.

— Vou dar o dinheiro para você, e daí eu morro... Como vai ficar?

— Lá vai você de novo com isso, mãe — Vassíli fez uma careta.

— Eu já fiz acordo com ela — disse tia Natália com ar de culpa, e ficou claro que falava da morte.

Kuzmá estremeceu e, com medo, olhou para tia Natália.

A morte está sempre, a todo instante, contra o homem, mas diante de tia Natália, como diante de uma santa, ela se afasta um pouco para o lado, deixando-a na porta que divide os dois mundos. Recuar tia Natália não pode, e ainda não pode avançar; ela fica e observa um lado e outro. Isso pode ter acontecido porque tia Natália, correndo a vida toda, cansou sua própria morte, e agora não consegue de jeito nenhum tomar fôlego.

Tia Natália moveu a mão e apontou para debaixo da cama.

— Pegue, Vassíli.

Vassíli tirou de debaixo da cama uma valise velha, surrada, e encontrou nela um embrulho feito com trapo vermelho. Ela o desembulhou e disse:

— Juntei por muitos anos. Preciso dar. Vou suportar o quanto puder. Mas você, Kuzmá, não demore. Minhas forças não vão durar muito.

— Você vai ficar melhor, tia Natália — disse Kuzmá, fora de propósito.

Ela não lhe respondeu.

— Se por acaso não aguento, e morro, você entrega o dinheiro para o Vassíli. Entregue rápido. Quero pagar a minha morte.

— Vou entregar, tia Natália.

Ela perguntou:

— Você vai para o funeral?

Ele hesitou.

— Vai sim. Vai beber em minha memória. Vai ter muita gente, e você vai também.

Ela lhe estendeu o dinheiro, e ele o pegou, como se fosse um presente do outro mundo.

Apesar de Kuzmá ter dito a tia Natália que Maria estava chorando, ela não chorava mais. Ficava em silêncio. Se você perguntasse qualquer coisa, respondia com duas ou três palavras e tornava a calar-se, ou então não respondia, fingindo não ter ouvido. Andava, cuidava dos afazeres, como se não estivesse vendo nada, como se a levassem e mostrassem o que precisava fazer. Caía na cama depois e ficava deitada, sem se mexer. As crianças vinham correndo, perguntavam o que havia para comer – ela se levantava e voltava a andar, fora de si, como uma lunática.

As crianças também se puseram quietas, cessaram a algazarra e a gritaria. Ouviam cada palavra dos adultos e esperavam o que aconteceria a seguir. Nunca se separavam uma da outra, por medo. Ficavam por perto, enfileiradas, e olhavam para a mãe, mas ela não as notava.

A isbá era grande, nova, mas o silêncio reinava nela, como se estivesse abandonada.

Teria sido melhor Kuzmá não ter voltado para casa. Quis alegrar Maria, mostrar-lhe o dinheiro que tia Natália lhe dera. Ela olhou para o dinheiro como se fossem simples papeizinhos, e se afastou. Kuzmá esperou, mas ela ainda assim não disse nada. Ele entendia que para ela era tudo indiferente. Ontem, no primeiro dia, quando o medo iniciou seu trabalho, ela adoeceu, chorou e implorou a Kuzmá que a salvasse. Hoje petrificou-se. Via sem olhar, ouvia sem escutar. Poderia permanecer assim enquanto seu destino não fosse definitivamente selado, enquanto não a levassem ou não lhe dissessem que tudo acabaria bem e que poderia voltar a viver como vivia antes. Nesse caso, as lágrimas recomeriam e, caso tudo se resolvesse, sua alma começaria a descongelar pouco a pouco. Era preciso entendê-la.

Kuzmá não suportou mais ficar em casa e saiu.

O dia ficara nublado e opressivo, pesado e decadente em seus horizontes. Estava quieto, tudo em redor parecia abandonado e desarrumado, como se um proprietário já tivesse ido embora daqui e o outro ainda não tivesse sido encontrado. E era assim – nem outono, nem inverno. O outono já estava aborrecido, mas o inverno não chegava. Névoas arrastavam-se sorrateiramente sobre as isbás e não se atreviam a subir para o céu, como se ainda não fosse hora para isso. Com aspecto melancólico, sem saberem o que fazer, os cães perambulavam pela aldeia. Crianças espiavam das janelas, mas não iam para a rua, e ela estava vazia. A mata atrás da aldeia escurecia inquieta e solitária.

Todos esperavam alguma coisa. Esperavam os feriados, quando poderiam festejar. Esperavam o inverno, quando começaria novo trabalho e viriam novas preocupações. Esperavam o dia de amanhã, que estava mais próximo que os feriados e o inverno. E o dia de hoje, ao que parecia, era desnecessário para todos, que só queriam deixá-lo passar. Apenas Kuzmá, sozinho, a quem o dia começara com sucesso, aguardava a prolongação dessa fortuna, e depositava nele suas esperanças.

Kuzmá andava e pensava a quem seria melhor recorrer agora, mas não decidiu nada e, para não voltar para casa, lançou um olhar à administração.

O presidente lhe perguntou:

— Como vão as coisas?

— Até que bem.

— Conseguiu bastante?

— Por enquanto não muito.

— Mas quanto – sabe dizer?

— Se Ievguíeni Nikoláievitch trouxe hoje, dá quase duzentos e cinquenta.

— E é tudo?

— Por enquanto sim.

O presidente examinava os papéis em sua mesa, estava descontente com alguma coisa. Carregava o cenho, bufava. Fechou com estrondo uma pasta, jogou-a longe e pegou outra. Perguntou, sem tirar os olhos da folha:

— Onde você quer pegar o restante? Tem alguém em vista?

— Estou andando por aí — Kuzmá deu de ombros.

O presidente ficou absorto em seus papéis, em silêncio. Kuzmá, para não o perturbar, resolveu ir embora.

— Fique sentado! — o presidente não estava pedindo, estava ordenando.

Depois agiu como se o tivesse esquecido.

Sentado, Kuzmá recordava setembro de quarenta e sete. Os cereais estavam maduros, a colheita estava em seu auge, mas as máquinas estavam paradas. Não havia combustível. O presidente vivia cinco dias por semana no centro do distrito, corria do comitê à MTS³⁷ e vice-versa, por meio das mais variadas verdades e inverdades arranjava a gasolina, que as máquinas

---

³⁷ Sigla para Máshinna-Tráktornaia Stántsia, em português Estação de Máquinas e Tratores. Cf. *infra* cap. 2.

consumiam em dois dias para de novo deixarem de funcionar. E o tempo ficou sob medida – nem uma nuvenzinha. Os parques cereais já começavam a desmoronar sem isso. Era duro ver os grãos tombarem – depois de tudo o que sofreram durante a guerra e durante os dois últimos anos de penúria. Mais uma vez usaram as foices, puseram em movimento as ceifeiras a cavalo – mas dá para conseguir muito com isso, quando o número de pessoas e de cavalos fora reduzido a um terço depois da guerra?

Foi então que o próprio diabo deu um jeito de aquele batelão parar à beira do rio. O capitão, homem carnudo como uma mulher, com as calças arregaçadas, pescava o dia todo, e à noite acendia uma fogueira e cozinhava sopa de peixe. Para o fogo queimar melhor, ele derramava a gasolina dos barris. O presidente foi até a fogueira.

Entraram em um acordo rapidamente. Na manhã seguinte fizeram rolar pela beira do rio dois barris de combustível, e o batelão foi embora. Nesse dia o trator voltou a empurrar a debulhadora pelo campo, e Kuzmá saiu para transportar o trigo. A aldeia toda sabia da gasolina comparada do capitão, mas é de crer que o presidente sozinho já sabia claramente dos riscos que corria.

Foi levado no começo de novembro, como se tivessem esperado até o fim da colheita. Pediu para passar os feriados em casa – não deixaram. E os feriados não foram feriados para a aldeia. No começo, todos ficaram perplexos: para quê? Ele não tinha roubado a gasolina, mas comparado, e comparado não para ele, mas para o kolkhóz, porque não havia gasolina na MTS, e os cereais não podiam esperar. Depois explicaram: a gasolina era do Estado, o capitão não tinha o direito de vendê-la, e o presidente não tinha o direito de comprá-la. Alguns entenderam, outros não. Em uma reunião, escolheram para a delegação três pessoas que deveriam interceder pelo presidente. Fizeram tudo o que podiam: foram várias vezes ao centro do distrito, certa vez foram até o centro da província, enviaram cartas para Moscou, mas não conseguiram nada, e talvez tivessem até prejudicado o presidente, porque lhe deram quinze anos. Aquilo sim foi uma surpresa.

Retornou em cinquenta e quatro, depois da anistia.³⁸ Todos queriam que ele retomasse o cargo de presidente – não podia: fora processado, expulso do Partido. Trabalhou como líder de brigada. E só cinco anos atrás, após a sucessão de uma bela dúzia de presidentes e a fuga de metade do povo do kolkhóz, escreveram para o comitê regional, pedindo para que o cargo de presidente fosse dado a ele, o presidente. Permitiram. Chamaram-no para o seu velho lugar de

---

³⁸ Durante a desestalinização, no período do governo de Kruschóv, a liderança declarou anistia para algumas sentenças de prisão.

patrão já no outono, depois da colheita, mesma época em que o levaram — como se nada tivesse acontecido e não fosse considerado que, entre esses dois outonos, mais de dez anos haviam se passado.

O presidente interrompeu sua leitura e gritou na direção da porta:

— Polína!

Polína veio da sala de contabilidade.

— Polína, veja, quanto os nossos especialistas³⁹ recebem por mês? Se incluir meu salário?

— Tudo junto, é isso?

— Sim, tudo junto.

— Mas isso eu sei: seiscentos e quarenta rublos.

O presidente pensou, e perguntou:

— O guarda-livros não chegou ainda?

— Não, ele vai vir à tarde, antes não.

— Muito bem, pode ir. Envie alguém, chame eles aqui.

— Quem?

— Todos os que estão na lista de pagamento. Diga: assunto urgente, eles vão se arrastar um atrás do outro. Não vou ficar esperando duas horas.

A Kuzmá ele disse:

— E você fique sentado.

E voltou aos seus papéis.

Os especialistas foram chegando.

O primeiro a chegar foi o agrônomo, que tinha acabado de retornar de um tratamento; no meio da colheita teve uma crise repentina de úlcera, e foi para um balneário.

Há dois anos, o agrônomo chegou à aldeia vindo do departamento de administração agrícola, escolheu voluntariamente um kolkhóz distante, e foi respeitado por isso, apesar de ter sido recebido com incredulidade: sentou em seu gabinete, tornou-se uma autoridade, só o diabo sabia como conversar com ele, e talvez estivesse disfarçado de agrônomo para fazer o trabalho

---

³⁹ Segundo Belov, “depois da guerra o governo embarcou em um programa de treinamento para especialistas em agricultura em escolas especiais de dois anos que foram organizadas e todas as províncias. Essas escolas, que começaram a operar em 1947 e asseguraram seus primeiros graduados em 1949, treinou líderes de brigada pecuária, logística, etc. Elas aceitavam pessoas com idade acima de trinta e cinco anos e com uma educação de ao menos sete anos. Todo kolkhóz enviava alguns de seu pessoal para essas escolas sob ordens especiais do comitê do Partido do distrito, considerando que uma vez treinados, eles não costumavam voltar às suas respectivas propriedades, mas eram enviados para trabalhar em outro lugar [tradução minha]” (BELOV, 1955, p. 47-48).

de delegado, daqueles que antes eram enviados a todos os kolkhózes. Mas depois de vigiarem o agrônomo, os temores foram sendo esquecidos: ele gostava do seu trabalho, no verão, de manhã até a noite desaparecia nos campos, e bem rápido tornou-se um homem da aldeia.

Ele chegou, cumprimentou e olhou para o presidente com ar interrogativo. O presidente, sem responder, disse:

— Por enquanto sente-se, vamos esperar.

Em seguida, chegou correndo o veterinário, que vivia na aldeia há tanto tempo que são poucas as pessoas que lembram que ele é um especialista também.

Chegou a zootécnica, mulher grande e com voz de homem. Falava pouco, era tranquila, mas no kolkhóz era temida mesmo assim, como se soubessem que tamanha força e tamanha voz, como as dela, não poderiam ficar muito tempo sem prática e logo, logo deveriam ser usadas para alguma coisa.

Esperaram o mecânico. O presidente resmungou, olhando para a porta:

— Ele não chega nunca! Precisa de dez convites.

Finalmente compareceu o mecânico, um rapaz jovem que ainda não tirara o crachá do instituto. Um homem de passos intencionalmente cansados, que fazia seu trabalho enquanto ficavam ali sentados, foi até o divã e sentou-se em sua extremidade.

Os especialistas estavam sentados no sofá de um lado, e Kuzmá no lado oposto, de frente para eles.

Parecia que só agora o presidente se dera conta de que o negócio que decidira resolver com eles não era nada fácil. E vacilou, não começava. Os especialistas perceberam isso e ficaram em silêncio.

Finalmente iniciou:

— Eis o motivo de ter reunido vocês aqui. Amanhã receberemos nossos salários. Se o guarda-livros chegar hoje à noite trazendo o dinheiro, amanhã terão todo o direito de receber. Mas trago mais um assunto. — O presidente fez uma pausa, dando a entender que o assunto não era insignificante, depois tornou a falar, com voz tranquila e comedida. — No verão, e na primavera também, nós atrasamos seus pagamentos mais de uma vez. Vocês aguentaram de algum jeito, acharam uma saída. Acredito que teremos de achar essa saída agora, e proponho entregar o dinheiro a Kuzmá. Sua história, todos aqui sabem, é a pior possível. Ele precisa coletar mil rublos em três dias, e onde conseguirá, se não oferecermos ajuda? Nós decidimos lhe dar um empréstimo depois, mas ele não pode esperar muito tempo. Será tarde demais. Nós daremos um jeito, não vamos nos dar mal. Kolkhózniki vivem assim. Essa é a minha proposta.

Vamos decidir. Não podemos obrigar ninguém a aceitar.

Kuzmá proferiu em um gemido:

— Por que está me colocando nessa posição? Poderia ter dito, ter avisado que a conversa ia ser sobre isso.

— Ninguém lhe perguntou. Quando perguntarem, aí você responde. — O presidente virou a cabeça para o outro lado. — E, então, camaradas especialistas?

Os especialistas ficaram em silêncio.

Kuzmá não conseguia olhar para o lado deles. Pareceu-lhe que a vergonha o deixara transparente, e que naquele momento era visível dentro dele tudo o que há de deplorável e indecente em um homem. Estava sentado diante deles como se estivesse num tribunal e não sabia se desejava ser perdoado, só sentia vergonha, uma vergonha amarga e mordaz de uma pessoa adulta, já vivida. Agora, naquele minuto, sem pensar no que aconteceria, até desejou que lhe recusassem o dinheiro, porque não precisaria sentir-se obrigado a eles.

Mas alguém disse:

— Dar, com certeza, é preciso.

— É preciso dar — repetiu com firmeza o presidente. — Digo o seguinte: não vamos nos dar mal, mas uma pessoa vai. É óbvio que vocês estavam contando com esse dinheiro, mas em novembro vamos pensar em alguma coisa, vamos nos esforçar para o banco liberar o dinheiro mais cedo. É isso aí. Sendo assim, amanhã será preciso vir aqui e assinar a folha de pagamento, e o dinheiro será dado a Kuzmá. Se alguém discordar, que diga agora.

— Concordamos, é claro! — respondeu por todos o agrônomo. Os demais ficaram em silêncio.

— Então, Kuzmá, venha logo pela manhã e pegue o dinheiro. Polína diz que dá seiscentos e quarenta rublos. Para você é pouco, mas não há mais. Eu falo com o guarda-livros, ele vai ficar sabendo.

— Não consigo entender: nós todos devemos dar nossos salários, é isso? — olhando para os especialistas em volta dele, inquietou-se o veterinário.

— Você não deve nada — disse o presidente com voz hostil. — É uma ação voluntária. Não quer, pegue o seu dinheiro. Por que ficou em silêncio antes, quando decidimos? Nós daremos todo o nosso dinheiro. Você faça como quiser. É isso aí.

— Tudo bem, concordo, concordo — assentiu o veterinário rapidamente.

— Veja bem.

— Concordo, concordo.

— Não precisa dar tudo. — Kuzmá, dirigindo-se ao presidente, levantou-se. — O que pensam que sou, um ladrão de longa data? Eles também precisam viver, e estou pegando todo o dinheiro deles. Se for necessário, se vocês concordarem, eu pego metade, e a outra metade fica com vocês. — Então disse aos especialistas: — Decidimos assim? Como pode uma coisa dessas? Pois vocês trabalharam...

O presidente o interrompeu:

— Aqui não tem barganha. Se eles dão, você pega, se eles batem, você corre, mas nada de barganha.

— Mas eu tenho uma consciência, não tenho?

— Vá para a casa de sua mãe com essa sua consciência! Ele tem consciência. E você acha que não temos consciência nenhuma? É melhor pensar onde vai arranjar o restante ao invés de se preocupar com consciência. Você se apegando tanto a essa consciência que não sobra nenhuma outra. Está achando que vão levar o dinheiro até a sua casa? Vá esperando! Você quis apelar para a consciência de Stepanída, mas, e aí, ela lhe deu muito? — O presidente, irritado, jogava de um lugar a outro as pastas cheias de papéis. — Venha amanhã e receba todo o dinheiro, ou pode fazer as malas da Maria. Se quer saber, eu também preciso do dinheiro, mas estou dando a você, porque posso viver sem ele, e você vai se dar mal. E é assim com os outros também. Se você tem uma consciência, então a gente também tem um pouco.

— Por acaso eu...

— Isso é tudo. Chega de conversa! Quem precisa, pode ir.

O mecânico foi embora rapidamente. Logo depois dele a zootécnica se levantou, perguntou algo ao presidente em voz baixa, algo sobre a granja, e também foi embora. Olhando em redor, o veterinário meteu-se porta afora. Restaram três: o presidente, o agrônomo, e Kuzmá.

Kuzmá sentou-se de novo em seu lugar, de frente para o agrônomo.

Silêncio.

O agrônomo levantou-se, despediu-se do presidente e de Kuzmá com um aperto de mão e disse a Kuzmá, indicando o presidente:

— Não pense que ele nos forçou a fazer. Ele fez a coisa certa. Pegue este dinheiro, não se acanhe. Considere-o seu.

Acenou com a cabeça de modo encorajador, e saiu. O presidente notou que Kuzmá também se preparava para sair, e disse:

— Espere por mim.

Tirou sua pasta da mesa, verificou se tinha trancado o cofre-forte, e começou a vestir o

casaco.

Anoitecia. Luzes débeis iluminavam as janelas de duas ou três isbás, as demais dormitavam. A aldeia deitou-se cansada, acampando junto ao rio que chegava não se sabe de onde e, descansando, tornava a seguir para algum lugar adiante.

Era estranho perceber que tal sensação decorria do fundo de seu cansaço, pois a aldeia não dormia, apenas esperava passar as horas de transição, completamente inúteis, entre o dia e a noite; depois, quando baixasse a escuridão completa, seria possível ocupar-se com algum trabalho, fazer qualquer coisa, até a hora de dormir, mas agora seria preciso apenas esperar – essa é uma hora infrutífera.

Iam em silêncio, e só quando estavam perto de sua casa o presidente disse:

— Vamos entrar, se não estiver com pressa.

Dobramos. O presidente destrancou a porta, ligou a luz. Estavam sozinhos na casa. O presidente tirou de algum lugar uma garrafa já aberta, verteu meio copo, levou água em um púcaro. Apontando para a garrafa, disse:

— Puro álcool.

— Onde conseguiu isso?

— Já faz muito tempo. Ainda na primavera fui às minas e comprei uma. Sobrou um pouquinho. Vamos lá. Por Maria. Para que ela não vá parar onde não deve.

Tudo o que havia dentro de Kuzmá escondia-se dessas palavras: ele bebeu rápido e matou, queimou com o álcool, aquilo que queria adoecê-lo. Logo em seguida bebeu água, tomou fôlego e, tranquilo e sem dor, disse:

— Parece que agora sairemos dessa. Você me ajudou muito.

— Vou dar uma lição na asquerosa da Stepanída. Deixe o ano começar — ameaçou o presidente.

— Talvez ela realmente não tivesse.

— Como é que você me diz isso, se em setembro nós lhe pagamos pela vaca! Ela o comeu, ou o quê? Está guardado, embrulhado num trapo, enfiado em algum lugar!

— Não a ofenda. Ela é assim. O que se pode pegar dela?

— Dou uma lição com graciosidade para que ela entenda. Ela tem esse dinheiro, sem proveito, vai deixar guardado, e não, não vai dar. E ela se proíbe de pegar – que situação! O dinheiro é todo seu, mas você não gasta, nem a peste você compara com ele. As pessoas vão ver e entender que ela engana. Ela gasta só um rublo por vez. Imaginou punições para si mesma

e perdeu a confiança das pessoas. Muito mais barato seria dar a você esse dinheiro. Não, a ganância existia antes de ela nascer.

— Deixe ela para lá. Eu não contava muito com ela. Mas foi tudo muito estranho com os especialistas, fiquei preocupado. Eles esperavam muito pelo salário, e eu é que vou receber. Devem estar zangados comigo. E com você também – você obrigou eles.

— Não foi nada, eles dão um jeito. Ora, se você fosse amanhã à casa do agrônomo e entendesse a situação, ele com certeza ia precisar do dinheiro. Talvez lhe desse – não muito, para você não há saída. E o veterinário, aquele com certeza não daria. Individualmente, é mais fácil recusar. Mas eu juntei todos eles. — O presidente deu um sorriso. — Eu sei: quando acompanhado – você não pode simplesmente recusar, um não quer mostrar para o outro aquele lado escondido, mas quando sozinho – você é mais dono do seu juízo, e ninguém vai ver que está usando de astúcia, a conversa rola sem testemunhas. Reparei nisso há muito tempo.

— Isso é verdade — concordou Kuzmá, surpreso.

— Sim, é verdade. Tínhamos lá no campo, quando estive preso, um parvo, ele rabiscou sobre isso por todo o seu caderno bem grosso e comum. Muito do que tinha lá era coisa inventada, mas isso eu lembro, pois isso eu sei por experiência própria.

— Sempre quis lhe perguntar — disse Kuzmá. — Quando lhe prenderam, você se ressentiu de nós ou não?

— De quem? De você?

— Sim, de mim, dos aldeões todos. Todos nós usamos aquela gasolina, mas condenaram apenas você. Seus esforços não foram para você mesmo.

— E por que eu haveria de ficar ressentido com vocês? Vocês não tinham nada a ver com isso.

— De certo modo a gente tinha e não tinha, depende do ponto de vista.

— Pare com isso, Kuzmá — o presidente deu de ombros com impaciência. — Por que falar disso agora?

Entornaram o restante e beberam. O presidente, pensativo, fez uma pausa, e então, ruborizando após o álcool, não parecia em absoluto um presidente: seu rosto ficara abúlico, carnudo, sem a firmeza de sempre, os olhos olhavam melancólicos. Se Kuzmá não tivesse visto que o presidente não bebera quase nada, acharia que ele estava bêbado.

— Você pergunta se fiquei ressentido com vocês? — disse ele depois, com a voz completamente sóbria, e olhou para Kuzmá. — Vocês não tinham nada a ver com isso. Talvez, bem no comecinho, tive pensado que não tinham intercedido o suficiente por mim. Pensei

também: não cuidei de mim mesmo, mas do kolkhóz, deveriam levar isso em conta. O kolkhóz escreveria uma garantia, eles dariam um trabalho forçado, e só. Para mim bastava isso. Mas no tribunal vejo: me acusaram de sabotagem. Veja só — como se estivesse inconformado desde aquela época, o presidente bufou. — Ressentimento houve, mas de outro. Eu, com certeza, fui o culpado por aquela gasolina, não tiro a minha culpa. Mas se pararmos para pensar, não fui o único culpado, não foi para sabotar que eu de fato acabei comparando aquela gasolina. A necessidade me obrigou. Os cereais estavam caindo. Acontece que aquele em posição mais alta também era culpado, em algum lugar descuidaram do combustível, que não havia. Mas ninguém quis assumir minha culpa, só eu fui condenado.

— Pois é.

— Quando me deixaram voltar ao cargo de presidente, no começo não quis ir. Mas depois pensei: em quem eu descontinuari meu brio? No kolkhóz? Ele não tem culpa. No Estado? Nem pensar... — O presidente ficou em silêncio, em seguida, sorrindo, adicionou com firmeza: — A pena é que estes sete anos da minha vida tenham sido arrancados em vão.

Em casa Kuzmá era esperado por Ievguiéni Nikoláievitch.

— Você passeou demais, Kuzmá, passeou demais. E eu aqui sentado, pensando: se a montanha não vai a Maomé, Maomé vai à montanha.

— Está esperando há muito tempo, Ievguiéni Nikoláievitch?

— Um pouquinho já. Mas resolvi ficar sentado até a vitória final. Eu sou assim: se prometi – preciso cumprir. Fui hoje à caixa econômica, e ela estava fechada para reformas. Fui de uma agência a outra, não podemos, foi o que o disseram, e só. Corri até a casa do gerente. Bem, sou conhecido lá. Entregaram o dinheiro. Você teve sorte, Kuzmá.

— Mas olha o que você teve que passar!

— Sim, sim. E então fico aqui sentado, pensando: será que fui em vão, corri em vão? E nada de você aparecer. Penso, será que já encontrou o dinheiro? Mas fico sentado, não me levanto. Se prometi, preciso levar até o fim. Para que não haja ressentimento.

— Claro que não haveria ressentimento, Ievguiéni Nikoláievitch! Eu lhe agradeço.

— Ainda precisa do dinheiro?

— Preciso sim, Ievguiéni Nikoláievitch.

— Então tome. Pronto. O valor completo, pode contar.

Kuzmá pegou o maço de dinheiro de Ievguiéni Nikoláievitch, escondeu-o no bolso.

— Para que contar? Está tudo aí.

— Ora, veja, isso é problema seu. Não vou enganar você. Cumpri com o prometido. Quero meio litro.

— Nem precisa pedir, Ievguiéni Nikoláievitch.

— Que nada, estou brincando. Foi só modo de dizer. Depois, quanto tudo isso terminar, podemos beber, agora não. Sei que agora você está contando cada copeque. Precisa ter juízo. Precisamos ajudar um ao outro, sem tirar proveito. Assim como os príncipes russos se uniam nos velhos tempos contra os comanos,⁴⁰ nós devemos nos unir contra as infelicidades. Sua desgraça – sabe o que é? São comanos, um exército de comanos. Lembra da história? Nós, como os príncipes russos, juntos resistiremos a tudo. Agora, experimente nos atingir. Somos muitos, não desistiremos tão fácil. E então, Kuzmá? Estou certo?

— Está certo — riu Kuzmá. — Olha só como ele dá a sentença! — E ri mais uma vez.

Vítka inclinou-se para fora do quarto, olhou para eles e sorriu alegre.

— Estou certo, Vítka? — gritou-lhe Ievguiéni Nikoláievitch. — Vocês já passaram pelos comanos?

— Está certo. Li um livrinho sobre eles.

— E então? Parece?

— Parece.

— Viu como seu diretor entende uma coisinha ou outra?

Vítka, acanhando-se, desapareceu. Ievguiéni Nikoláievitch suspirou por algum motivo, ainda que fosse visível em seu rosto uma inteira satisfação consigo mesmo, e levantou-se.

— Preciso ir. Além do mais, não é tão fácil combater comanos. Hoje me cansei. Vou dormir.

— Dei trabalho para você, Ievguiéni Nikoláievitch.

— Nada de mais, nada de mais. Não estou lhe acusando. Fiz o que era preciso. É minha gente. Você fará algo por mim em outra hora. Para viver entre humanos é preciso ser humano. Senão ninguém respeitará você. Estou certo?

— Está certo.

— Viu — Ievguiéni Nikoláievitch olhou em redor. — E Maria, está doente ou o quê?

Kuzmá não sabia onde estava Maria, mas disse por via das dúvidas:

— Está doente.

— O que ela tem?

---

⁴⁰ Povo tártaro que avançou sobre o território da antiga Rus em 1055, mas um acordo feito com Vsevolod I de Kíev evitou uma batalha. Em 1061, porém, os comanos invadiram e devastaram o principado de Pereiaslavl, dando início a uma guerra que durou 175 anos.

— Dor de cabeça.

— Ah, bem, isso não é tão ruim.

À porta Ievguiéni Nikoláievitch perguntou em voz baixa:

— Como foi lá, prometeram o empréstimo?

— Prometeram.

— Certo. Bem, quando derem, então você liquida a dívida. Não vou lhe apressar. Sei que você é um homem de confiança, o dinheiro não vai se perder em suas mãos. Bom, vou indo.

Maria estava sentada na cama e, pousando em seus joelhos um álbum velho, com os cantos gastos, passava os olhos pelas fotografias. Quando Kuzmá se aproximou, ela olhava para si mesma a trinta anos atrás: tinha uma pesada trança jogada por cima do ombro, segundo a moda da época, e o rosto redondo e bochechudo – estava pronta para casar, sem saber o que é parir, sem saber o que é sofrer, chorando apenas lágrimas infantis, insignificantes. Ainda não sabia nada sobre si mesma, além de seu nome, além de que nascera e crescera nesta aldeia em que então continuaria vivendo. Não sabia da guerra, dos filhos, da loja, do desfalque, e, sobre os problemas e sofrimentos do mundo, pensava que havia pessoas demais para que as desgraças escolhessem a ela, uma aldeã imperceptível, e afugentava a ideia de uma vida difícil, com lágrimas e tristeza. E agora, sofrendo, admirava a si mesma – aquela que não sabia de nada, invejava-a e despedia-se dela para sempre. Antes de tudo o que houve em sua vida, não teve tempo para despedidas, mas agora que chegara a hora, ela está sentada e percebe que nada restou nela daquela garotinha, nada, exceto o nome e as memórias, todo o restante, como em uma guerra, desapareceu sem dar notícias. Era terrível pensar no dia de amanhã.

Kuzmá aproximou-se e disse:

— Hoje tudo correu bem. Agora falta uma ninharia.

Maria não respondeu. Pousou o álbum no peitoril da janela e saiu. Ele não foi atrás dela. Ficou sentado na cama e sentiu-se cansado. Tinha vontade de dormir.

Pareceu-lhe que alguém o olhava: ergueu a cabeça – era Maria. Olhava para ele da gornítsa, como se puxasse pela memória o que ele havia dito. Ele entrou na gornítsa, e Maria saiu para a cozinha. Sentiu que de lá ela continuava a observá-lo, como se não pudesse recordar de forma alguma sobre o que ele havia falado. Esperou, mas ela não fez uma pergunta sequer.

Então ele se despiu e se deitou.

E o segundo dia chegava ao fim.

Há muito tempo, ainda na mocidade, Kuzmá entendera: cada dia começa não como de

hábito, igual para todos, mas chega para uma só pessoa à qual serão entregues apenas milagres. Se a pessoa está sem sorte ou se por um mês ou dois está tendo dias sem fim – então foram dias de outras pessoas, e o seu próprio já estaria a caminho.

Pegando no sono, Kuzmá sabia com certeza: o dia de hoje fora o dia dele. Ainda pela manhã não ousaria sonhar com tamanha sorte. Primeiro vovô Gordiêi trouxera quinze rublos, tia Natália dera mais de cem, depois o presidente reuniu os especialistas, e foi logo arranjado um montão de dinheiro, restando apenas ir pegar na manhã seguinte, e no final Ievguiéni Nikoláievitch trouxe a prometida centena. O dia estava sombrio, sem perspectivas, mas tão milagroso e rico! Ainda bem que fora tudo acertado, quando pareceu a Kuzmá que seria preciso sair da linha e pedir socorro – não havia outra saída.

Kuzmá adormeceu feliz, agradecido por seu dia e pelas pessoas, pela bondade e pela ajuda prestada. E assim caiu no sono, esquecendo que seu dia já tinha passado.

No meio da noite, aqui no trem, Kuzmá é acordado pelo rapaz.

— Kuzmá! Ei, Kuzmá! Está dormindo?

— O que é?

— Dá um cigarro. Não consigo dormir, quero fumar, e os meus acabaram.

Kuzmá se ergue, tateia o suporte de metal da parede à procura dos cigarros. Joga-os ao rapaz, que geme:

— Que bo-o-om. Achei que estaria perdido.

Kuzmá não tinha mais vontade de dormir. Desliza para baixo logo atrás do rapaz. A velha desperta com o ruído e ergue a cabeça para dar uma olhada.

— Vá dormir, vovó, vá dormir, somos nós — murmura o rapaz.

Saem para o corredor. Não há ninguém aqui, permanece a penumbra sonolenta e acolhedora para as horas noturnas. Fechando a escuridão, cortinas rosas balançavam um pouco nas janelas, e o chão tremia um pouco sob o carpete.

Põem-se a fumar. Ficam um de frente para o outro na janela e fumam: o rapaz, rapidamente, suspirando alto de prazer, Kuzmá – como de costume, tranquilamente. O fumo arrasta-se pelo corredor até o fim do vagão e lá, dando voltas, some.

O rapaz, saciando a vontade imediata de tragar, fuma com mais calma. Quer saber de Kuzmá:

— Tudo bem ter lhe acordado?

— Eu praticamente não estava dormindo. Só cochilando.

— E por quê?

— Devo ter dormido à tarde. Agora já estou para chegar.

— Hum. E eu sempre durmo mal quando estou de ressaca.

Em seguida, olhando de lado, com uma indiferença premeditada, ele diz:

— Esses dois velhos são engraçados. Você reparou?

— Sim.

— Eles o quê, são assim mesmo ou fingiam?

— Para mim, são assim mesmo. Existem vários tipos de gente.

— Enche de cuidados: Seriôja, Seriôja. Acaricia a cabecinha dele. E ele também suporta, como se precisasse disso. Eu teria morrido de vergonha – ainda mais na frente das pessoas.

— Eles, pelo visto, são sempre assim.

— Ele mente que nunca deu uma escapada.

— Quem sabe? Talvez não esteja mentindo. Eu acho que não mente.

— E ela acredita mesmo. Está na cara dela. Percebeu?

— Sim.

— E, se ela acredita, não precisa pular a cerca também. Deve ter esperado até o fim da guerra. Não dá nem para imaginar!

O rapaz fica parado, não fuma. Mastiga os lábios, com um ar pensativo. Acrescenta:

— É preciso entregar uma medalha por isso. Inventariam uma medalha dessas, especialmente para as mulheres.

A encarregada, ouvindo as vozes, sai de seu quartinho, anda na direção deles. Em silêncio, para do lado e olha.

— Estamos fumando — diz-lhe o rapaz.

— E não encontraram outro lugar para fumar.

— Você já vai logo gritando. Vocês são todas iguais! Pois tome esse exemplo, aqui viaja uma velha, ela em toda a sua vida nunca gritou com o seu velho. E você começa a latir por nada. Que gente! Por que as mulheres não eram assim antes?

— Não se atreva a me insultar...

— Mas quem a insultaria? Não preciso de você! Estou apenas lhe explicando.

O rapaz realmente não fala em tom ofensivo, era antes um tom ofendido, queixoso, de alguém que ficou magoado. E a encarregada, refletindo, vai embora. O rapaz começa a fumar o segundo cigarro e, mergulhado em meditação, apoia-se na parede. Kuzmá, dando-se conta subitamente, alcança a encarregada e pergunta quanto falta para a cidade. Três horas apenas.

Agora já não vale mais a pena ir se deitar. Kuzmá volta sem pressa até o rapaz.

O rapaz olha para algum lugar perto de Kuzmá e fala:

— Nunca houve nada de mais com a minha mulher. Mas nossa vida não deu certo.

— Você, provavelmente, foi o culpado.

— Como dizer a você, Kuzmá? Fui e não fui. Bebia, com certeza. Mas outra se acostumaria, e continuaríamos vivendo. Eu, por acaso, bebo sozinho? Mulheres se acostumam sim. Assim, para manter a ordem, elas soltam uns rosnados e ficamos juntos de novo. Já vi isso. Mas essa mulher era cabeça dura, deu um ultimato, e foi embora. Se ao menos bebesse todos os dias. Não sou alcoólatra. Só quando estou afim, entre amigos. E ganho o suficiente – tanto para a vodca quanto para a família. Vou lhe falar: princípios. — Após um descanso, ele diz com mais calma: — Sou um tolo, com certeza. Eu devia ter visto com quem estava me amarrando. Para outra teria sido bom assim, mas não combino mais com essa, nem com a sua raça.

— Vocês têm alguma criança?

— Uma garotinha. Vai fazer quatro anos.

— Ela tem que voltar. Como pode a criança ficar sem pai?

— Não sei, não posso dizer. Ela já tinha fugido de mim uma vez, mas na hora eu sabia que voltaria, não tinha outra saída. Porque sabia, não entendi, mas senti que viria, que tinha sido de propósito, para mostrar seu caráter. Pensei, vá em frente, o problema é seu. Para mim tanto faria. Chega. E agora não sinto nada. Pelo visto, a situação era séria. Estava na cara que a situação era séria para ela.

— E você não foi até ela, não conversou?

— Não. Como ela tinha ido embora, eu logo tirei licença e viajei com autorização. Paguei na mesma moeda. Também sou doido.

— Si-im.

O vagão dorme. Eles conversam em voz baixa, e sua conversa não incomoda ninguém, como se tivessem sido deixados aqui em serviço para o caso de alguém que não dormiu pensar e conversar sobre a vida – não é possível que todos juntos passem por ela dormindo. Vez por outra a locomotiva elétrica solta um silvo na noite e silencia – agora podem apurar o ouvido caso volte a gritar. À noite nada é simples, tudo aflige e assusta, o dia de amanhã parece muito distante, e, além disso, não se sabe se ele nascerá, se algo não irá se romper nessa ordem perene entre o dia e a noite, se não parará na escuridão, se não congelará. Talvez alguém se encarregue de dizer com total exatidão que isso é impossível.

O rapaz diz:

— Volto a pensar: também não seja fácil ficar sozinha com a criança. Vai andar em círculos e entender. É jovem, ainda não entendeu. Quando elas nos xingam, pensam que não precisam de nós. Perdem as estribeiras e... disso e daquilo, chamam de tudo quanto é nome. Mas depois pensam melhor e muda de ideia: bajula, presenteia. Seres vivos precisam de seres vivos. O que ela vai fazer sozinha? Aposto que não vai aguentar.

— Por que sozinha? — diz Kuzmá de propósito. — Ela vai encontrar alguém.

— Deixe ela tentar — remexeu-se o rapaz. — Isso se conseguir achar alguém! Pensa que vou ficar só olhando? Não vai ser nada bom nem para ele, nem para ela.

— Mas uma vez que vocês se separaram...

— Que ela corra então para bem longe da minha vista. Mesmo que consiga encontrar alguém — acha que vai ser agradável ver outro vivendo com sua mulher, mesmo sendo divorciada? É como se arrancassem um pedaço de carne da sua barriga. É certo que ninguém na nossa aldeia, por exemplo, ousará ficar com ela. Eles me conhecem. Sabem que não vou suportar.

O rapaz quis jogar a bituca no balde de lixo, pisou no pedal — a tampa saltou com um estampido, não se manteve e tombou de volta com um estrondo.

— Diabos! — praguejou ele.

A encarregada saiu para averiguar o barulho, lançou um olhar chamejante e desapareceu. Alguém se revirou numa cabine, mas também se acalmou — pelo visto, despertou e imediatamente pegou no sono. E o trem continuava seu curso.

O rapaz amassa a bituca na mão, e o tabaco se espalha pelo carpete. Olhando ao redor, ele se inclina e tira o tabaco do carpete. Em seguida, levanta cuidadosamente a tampa com as mãos e enfia a bituca no cesto. Carrancudo, fica calado.

Novamente a paz e o silêncio.

E não se vê, nem se ouve, se o vento havia se tranquilizado. Não se vê para onde o trem vai, se há terra sob os pés. Bom para quem dorme. Acordará, e já será manhã, talvez até haja sol. Sob o sol há conforto.

Kuzmá pensa: a cidade está próxima. Poderia viajar e viajar e continuar sem saber de nada — não, logo chegaria e saberia de tudo.

O rapaz pergunta de repente:

— Só o diabo a conhece, será que devo voltar? Elas gostam quando você rejeita alguma coisa interessante por causa delas. Eu chegaria e diria: assim e assado. O que você acha, Kuzmá?

— Não sei — diz Kuzmá cuidadosamente. — Isso é você quem tem que decidir...

— Está certo. Sei que sou eu. — O rapaz funga de emoção como uma criança, — Só o diabo a conhece... — Enquanto pensa, o trem leva-o cada vez mais longe. E ele decide: — Hum, agora é tarde. Se decidi ir, preciso ir. Quando chegar, resolvo de algum jeito. Não é não — não existe só ela no mundo. — Ele quer levar a conversa na brincadeira: — Se volto, onde vou pôr o dinheiro? Será preciso gastar com bebida de novo. Melhor gastar com viagens.

Confessa:

— Tudo por causa desses dois velhos. Olhei para eles, e por algum motivo fiquei fora de mim. Fiquei comovido. Sou meio sensível. Talvez tenha nascido um tanto anormal. No cinema, certa vez, sentei e por pouco não me pus a chorar quando mostraram lá uma coisa qualquer. Tenho medo de me sentar perto dos rapazes por causa disso. Vergonha de uma coisa: elas dão risadas, e eu aperto os lábios para não abrir o berreiro. Tenho um coração de mulher.

O trem solta um grito agudo e começa a frear. A encarregada, com uma lanterna, vai até a saída sem se apressar — provavelmente nada de assustador, apenas uma parada. O rapaz afasta a cortina da janela e olha para a escuridão. Vê uma luzinha. E fala:

— Tem gente que vive aqui também.

Agora falta muito pouco para chegar à cidade.

Teve início o terceiro dia.

Kuzmá levantou com a mesma tranquilidade e emoção de quando tudo deu certo. Teve que despertar as crianças para a escola, parou, ficou olhando como elas, agitadas, vestiam-se, e pensou consigo que precisaria dizer-lhes sobre o dinheiro de algum jeito para que se animassem. Quando Maria sentou-se à mesa e, como sempre, entornou leite para as crianças e chá para si e para Kuzmá, Kuzmá piscou para Vítka e apontou para os copos:

— Vamos trocar.

Vítka ficou espantado, agitou-se alegremente:

— Vamos.

— Tem bastante leite — você está tirando das crianças! Se precisar — eu ponho! — levantou-se Maria.

— Não precisa.

Kuzmá não se sentiu nem um pouco ofendido por Maria e até sentiu o coração satisfeito por ela ter se zangado: se pode zangar-se, então pode alegrar-se, talvez não fique completamente desanimada e se acalme logo. Ele e Vítka, enquanto estavam sentados, lançavam olhares conspiradores o tempo todo, e então Kuzmá sabia que Vítka entendera a seu modo: está tudo

bem. Ele correu saltitando até a escola.

Kuzmá esperou até amanhecer por completo e, lentamente, restando a pressa, vestiu-se. Ao sair, disse a Maria:

— Vou pegar o dinheiro.

Ela não respondeu, mas ele não esperava que respondesse, precisava apenas falar, para que suas palavras se gravassem nela e realizassem o seu trabalho.

O dia nasceu sombrio, parecido com o anterior, que era de Kuzmá – e hoje, pelo visto, também será seu dia. Tudo apontava para isso. Kuzmá andava e sentia seus passos se entregarem ao peso agradável que havia em seu corpo, e o corpo esperava os novos passos os passos seguintes. Isso acontecia frequentemente com ele, quando tinha vontade de ficar andando e andando, e o momento da marcha o descansava.

Mas ainda lhe parecia que o dia nascera frágil, como se fosse de vidro, um vidro fino e quebradiço. Pensou que estava assim por causa do tempo: nem outono, nem inverno, o outono a cada minuto poderia perder as forças, e o inverno chegaria. A neve, para surpresa de todos, até agora não dera as caras. Já não será preciso esperar muito.

Não muito longe da administração, Kuzmá foi chamado pelo mecânico, que se aproximou e cumprimentou-o com um aperto de mão. Kuzmá sentiu-se embaraçado diante do mecânico: afinal, receberia o dinheiro dele. O que havia de agradável nisso? Tinha a vergonha nos olhos ao olhar a pessoa.

O mecânico disse:

— Você, Kuzmá, com certeza me desculpará por estar chegando até você desse jeito. Sei que não deveria fazer isso, mas nem mesmo o diabo pode imaginar. Sabe, convidei um camarada meu a passar as férias na minha casa, estudamos juntos no instituto, mas estou sem dinheiro. Não tenho nem para pegar uma garrafa.

— Mas então lhe darei! — alegrou-se Kuzmá. — Não tem que se desculpar por pedir seu próprio dinheiro. Nem me faça uma coisa dessas!

— Pois bem, se puder, dê uns vinte rublos. Não conheço quase ninguém por aqui, ninguém para pedir emprestado.

— Vou dar, vou dar. Não se fala mais nisso!

Entraram no escritório, e o mecânico fez um aceno para a sala onde foram reunidos os especialistas:

— Ficarei por aqui.

Kuzmá foi até o guarda-livros. Ele avistara Kuzmá da entrada, ajeitou-se no encosto da

cadeira e esperou Kuzmá aproximar-se, demonstrando por toda a sua fisionomia que o estava aguardando. Como todos os guarda-livros, era minucioso e um tanto avaro, e Kuzmá notou subitamente que por algum motivo não pensara nem uma vez que poderia não receber o dinheiro: era o mais provável de tudo, porque poucos conseguem receber essa quantia em sua primeira visita, o guarda-livros acharia isto insuficiente, e os faria voltar três, quatro vezes.

Kuzmá ficou surpreso consigo mesmo, porque ontem, e ainda hoje de manhã, estava crente que receberia o dinheiro.

E, aproximando-se do guarda-livros, todo angustiado, preparou-se para o pior.

— Saudações!

— Olá! — respondeu o guarda-livros com ar desafiador. — Chegou?

— Cheguei.

— Quer receber?

— Se puder dar.

O guarda-livros pareceu ter percebido que Kuzmá entendia o quanto dependia dele, do guarda-livros, e, mantendo silêncio, dando tempo ao tempo para Kuzmá se inquietar, disse:

— Algo desagradável aconteceu. — Ainda com prazer, carregou o cenho, e continuava ganhando tempo. — Eu não sabia que você receberia nosso dinheiro agora. Peguei e gastei meu salário.

— Como gastou?

— Gastando. Na loja. Posso prestar contas: comprei um casaco de inverno para minha esposa e botas de feltro para mim.

Kuzmá finalmente entendeu, acenou com a cabeça.

— E o resto? — perguntou ele.

O guarda-livros, pelo visto, tinha prazer em não responder de imediato, e ele, olhando para Kuzmá, ficava em silêncio. Então disse tudo, com raiva:

— O restante está no cofre-forte, com Polína. Nem todos assinaram a folha de pagamento. Se Polína der tudo por sua própria conta e risco, que dê.

Kuzmá foi até a mesinha de Polína. O guarda-livros gritou-lhe às suas costas:

— Faça uma lista para você em um papelzinho, com a quantia que está devendo para cada um. Precisará devolver.

Ele, a contragosto, deixou Kuzmá se afastar, e se arrependeu de ter dito tudo tão rápido.

Polína sussurrou:

— Darei a você, apenas encontre imediatamente a zootécnica e o veterinário para que

venham aqui.

— Certo.

Ela ficou contando o dinheiro, manejava os papéis com muita destreza, e mesmo assim demorava para contar: o dinheiro era apenas de notas de um e três rublos, em seguida ela os recontou mais uma vez. Kuzmá estava em pé, olhava sem interesse ou emoção o jeito como os papeizinhos passavam pelas mãos de Polína, e esperava. Entregando-lhe o dinheiro, ela ainda assim perguntou num sussurro:

— Falta muito ainda?

— Agora falta muito de novo.

Kuzmá enfiou o dinheiro nos bolsos, e os bolsos se alargaram. Ele os esmagou por cima com as palmas das mãos, depois lembrou que precisava dar logo vinte rublos ao mecânico, e tirou o maço do topo, que tinha notas de três; contou não vinte rublos, porque vinte não é possível em notas de três, só trinta. O guarda-livros, com fria curiosidade, observava-o de seu canto, e Kuzmá, em resposta, também olhou para o guarda-livros e não desviou o olhar enquanto ele não se virasse. O guarda-livros resolveu se vingar:

— Não gaste em bebida.

— Vá à... — respondeu Kuzmá sem muita maldade.

Ele entrou na sala dos especialistas, onde o mecânico esperava, e em silêncio, como um suborno, pôs em sua mão trinta rublos. O mecânico, sem se virar, murmurou:

— Certo.

No corredor, Kuzmá foi surpreendido pela mulher do veterinário, mas não reparou que ela o olhava com aquela intenção cobiçosa e hostil com a qual acossava sua presa. Ele quis entrar na sala do presidente, deu uma olhada – tinha gente em sua sala – e fechou a porta. O que diria a ele? Melhor ir para casa.

O dia continuava sombrio, não mais quebradiço, agora parecia amassado, descolado de um velho papel translúcido. Sobre-o, e ele levantará voo, mas não havia vento, e não havia ninguém para soprá-lo. Tudo em redor farfalhava, ressoava, latia às escondidas – como se farfalhassem as paredes desse dia de papel. Os espaços estavam turvos. Kuzmá achou que o dia de hoje, provavelmente, nascera para o guarda-livros – combinava com seu focinho magro.

As notas nos bolsos impediam Kuzmá de andar livremente, e ele continha o passo – não andava, mas levava as notas, como se pudessem se esparramar. Elas não o alegravam: algo aconteceu com a alegria, ela não se movia. Ele sabia que precisava do dinheiro, e só, satisfação, prazer pelo fato de tê-lo, não experimentava. Tinha vontade de guardá-lo logo, liberar os bolsos.

Em casa Kuzmá jogou o dinheiro em um pote grande de guardar pirulito que trouxera da Áustria depois da guerra e guardou o pote em cima do armário. Sentia-se mais leve. Animando-se, pensou que na aldeia não havia ninguém com a quantia em dinheiro que ele tinha no pote. Fez tudo o que podia, com os dois dias restantes precisaria juntar os mil rublos. Como – ele ainda não sabia. Pensaria alguma coisa, não era possível que tudo acabasse dessa maneira. Se precisa de mil, dará um jeito de consegui-lo. Só não agora, não hoje. Sentia que não poderia pedir dinheiro hoje, e que havia se consumido demais para isso. Precisava descansar.

Passos foram ouvidos na entrada, mas Kuzmá tomava-os como passos simplesmente, não os relacionando a ninguém que viesse. Quando a esposa do veterinário chegou, ficou admirado pelo caminho que fizera até ali. E logo se lembrou de que não tinha encontrado o veterinário nem a zootécnica, não falara com eles para assinarem a folha de pagamento.

A esposa do veterinário permaneceu à porta com os lábios crispados, que estremeciam nos cantos. Tinha um corpo fino, era feia, e Kuzmá não podia compreender porque ela, com frequência, parecia digna de pena. Sabia que ela e o veterinário não se davam bem, e ela, ao que tudo indicava, era uma prova daquilo que acontece com as mulheres quando não há paz em família. Kuzmá, mais por hábito do que de caso pensado, fez um convite:

— Entre, melhor do que ficar aí na porta.

Ela não saiu do lugar. Seus lábios tremeram ainda mais:

— E como é que vamos viver, Kuzmá? Você pensou nisso? Por que fez uma coisa dessas?

Kuzmá não entendeu de imediato, mas quando entendeu, não conseguiu responder.

— Esperamos um mês por ele. — Sua voz estava trêmula, contida, para não perder o controle, não cair em desgraça. — Temos uma dívida de cinquenta rublos. Como ficamos agora?

Kuzmá levantou-se e tirou do armário o pote com o dinheiro. Virou-o na mesa, primeiro encontrou o papelzinho em que estavam transcritos os pagamentos de cada especialista, e em seguida, com cuidado para não cometer erros, contou o dinheiro. A esposa do veterinário aproximou-se mais, e ele, entregando-lhe o dinheiro, de repente avistou Maria. Ela parou só por um segundo e foi para a cozinha. Kuzmá sentiu asco e vergonha, como se tivesse roubado o dinheiro de Maria e ela o pegasse no ato.

A esposa do veterinário desapareceu.

Kuzmá juntou o dinheiro restante no pote, guardou o pote de novo em cima do armário, mas na beirada, não tão distante quanto antes. Enquanto houver esse tanto de dinheiro no pote,

com certeza poderão aparecer atrás dele.

Tinha que esperar. Alguém poderia precisar do dinheiro.

Ficou esperando.

Várias vezes Maria passou, olhando para ele, mas ele não se virou.

Ele esperou.

Passaram-se uma, duas horas, e Kuzmá ficou inquieto, porque ninguém apareceu por um longo tempo, mas então passos foram ouvidos na entrada. Agora tinha entendido: se tem passos – então alguém está vindo. Não esperou em vão.

Veio uma garota, filha do agrônomo, e Kuzmá, com descontentamento, pensou: porque os próprios especialistas não vêm, por que mandam em vez disso esposas e filhos? Afinal, a garota pode perder o dinheiro. De quem será a culpa depois?

— Olá — tímida, olhando de soslaio, disse a garota.

— Olá, olá — Kuzmá respondeu e levantou-se para pegar o pote. Ainda bem que ele não o encostara contra a parede, mas deixara na beirada.

— Tio Kuzmá — a garota começou a falar rapidamente. — Diga ao seu Vítka para não ficar correndo atrás de mim.

— O quê? — Kuzmá parou e baixou o braço esticado.

— Diga ao seu Vítka para não ficar correndo atrás de mim. Porque ficam chamando a gente de marido e mulher. Os meninos não me dão sossego. Ficam gritando: “Com quem será que ela vai casar?”.

Kuzmá, desconfiando, começou a rir.

— Será que não vai?

— Ora. Por que ele faz isso? Eu já falei para ele, mas ele não liga. Por que ele não corre atrás de outra garota?

— Que parasita! — Kuzmá riu alto. — Fica correndo, é isso?

— Sim. Ficam me irritando, mas não tenho culpa.

— Quando chegar, darei umas palmadas nele! Fica correndo atrás de você, aquele safado!

— Não, só fale com ele. Ele vai escutar o pai.

— Direi sim. Direi a ele.

— Vou indo — a garota pediu licença.

— Corra e não tenha medo: agora ele não vai mais nem olhar para você. Você vai ver.

Ela assentiu respeitosamente, quase se curvando, e saiu correndo. Kuzmá ainda suspirou

de alegria depois de sua saída, sorriu, mas já sentia que retornava àquela condição vazia e fria em que se encontrava antes de a garota chegar. Deu uma olhada no pote e sentou-se. Precisaria contar o dinheiro, mas não tinha vontade de se levantar novamente; tinha medo de que fosse pouco, e então seria ainda pior.

Tentou se acalmar com o fato de que ainda ontem sequer esperava conseguir esse dinheiro. Não se acalmou. Decidiu: melhor pensar no que fazer. A quem ele ainda poderia recorrer, a quem pedir?

Em seguida, de algum modo esqueceu que queria pensar no que fazer, e não pensava em nada. Ficou sentado perto do pote, como um guarda, quando não havia ladrões e nem poderia haver. Mexia-se, fumava.

As crianças chegaram correndo da escola, e Kuzmá ficou tentando lembrar por que precisava de Vítka, mas não lembrou.

Comeram sozinhas na cozinha: nem Kuzmá, nem Maria foram ficar com elas.

A isbá estava em silêncio e com medo; estavam todos em casa, mas havia silêncio e medo.

Antes do anoitecer, arquejando, vovô Gordiêi chegou trotando. Chamou Kuzmá, girou pela sala sem conseguir achar lugar e, por fim, acenou para ele o seguir até a porta. Na entrada começou a cochichar:

— Você, Kuzmá, não precisa mais de dinheiro nenhum. Entendeu? Dá para ser sem dinheiro.

— O que está inventando aí, vovô? — disse Kuzmá, carregando o cenho.

Vovô Gordiêi deu risadinhas alegres:

— Você é que está inventando! O vovô não fica inventando, ele simplesmente sabe. Eu sugiro o seguinte...

Kuzmá ficou em silêncio.

— Viu, aí está. Dá para ser sem dinheiro. Não vai precisar nem de um copeque. E não vão levar Maria. E será dentro da lei. — O vovô achegou seu rosto bem perto de Kuzmá e cochichou: — Faça ela engravidar, e isso se resolve. Na lei está escrito: grávidas não vão para a cadeia.

— Está falando sério, vovô? — Kuzmá recuou.

O vovô falou mais alto e com mais intensidade:

— Uma pessoa de confiança me disse, ela não ia mentir. Pura verdade. Faça Maria

engravidar, e pronto. É difícil para você? Hein?

— Vá embora, vovô, e não me venha mais com essas ideias. Mas que conselheiro eu fui achar!

— Como assim? — o vovô ficou pasmo.

Kuzmá deu meia volta, foi para casa.

— Estou lhe dizendo o que fazer, e você volta para o seu buraco! — gritou o vovô. — Então volte – meus problemas são pequenos. Só não venha me dizer que eu não avisei.

Depois Kuzmá mudou de ideia, e a proposta de vovô Gordiêi já não lhe parecia absurda. Com certeza não era assim tão ruim. Tudo se resolveria de imediato. Ele mesmo ouvira que grávidas eram poupadas, não eram julgadas, mas por algum motivo se esquecera disso – talvez porque não soubesse exatamente se falavam a verdade. Lá, onde há seis bocas, alimentam-se sete, onde crescem quatro, criam-se cinco. Só que agora já deve ser tarde demais. Se tivesse sabido antes. Precisava sugerir a Maria. Não, melhor não, ela vai achar que o dinheiro não dará para nada, e ficará petrificada. E anda como se estivesse morta. É um beco sem saída. O que fazer? A quem recorrer amanhã? A quem você recorrerá? A ninguém. Talvez jogar tudo para o alto e ir pela manhã até a casa de seu irmão? Mas será que ele tem dinheiro? Dará?

Mas que grande bagunça isso virou.

O terceiro dia também chegou ao fim. Sua hora se aproximava, e ele partiu para debaixo da terra, como se fosse para um túmulo – e, dele, você não encontrará nem os ossinhos. Restavam agora dois dias apenas, no máximo três, para o retorno do fiscal.

À noite Kuzmá adormeceu, mas no meio da madrugada foi acordado por um carro que iluminou o quarto com seus faróis e com a luz afugentou o sono. Kuzmá se levantou e se sentou junto à janela. Atrás da janela havia uma escuridão mortal, ela escondia todas as coisas vivas e parecia infinita. Para matar a ansiedade circundante, Kuzmá se pôs a fumar, e por ter conseguido fumar, sentiu-se mais leve. Pensamentos de todo tipo passam pela cabeça à noite – por isso as pessoas procuram dormir durante a noite.

Depois deitou-se, e teve sorte, adormeceu. Teve um sonho interessante: ele anda naquele mesmo carro que o acordara, e junta dinheiro para Maria. O próprio carro sabe onde há dinheiro e estaciona, e Kuzmá apenas bate na janela e pede para que o entreguem. Entregam o dinheiro, e o carro segue seu curso.

Tornou a acordar, mas a noite não passara, e a escuridão nem saíra do lugar. Outra vez

passavam por sua cabeça pensamentos de todo tipo, e um deles foi bem desagradável. Pareceu a Kuzmá que havia ficado sozinho no mundo – e ainda pensou: sendo este ou o outro mundo, é como se ele não mais existisse. Mas um avião começou a zunir como se caísse aos pedaços e silenciou rapidamente – como se tivesse desmoronado, e Kuzmá ficou esperando os próximos sons que se escondiam no escuro. Por muito tempo não houve, mas agora ele sabia que não estava sozinho, e podia pensar em outras coisas. De algum lugar lá no fundo, com uma dor surda, avançaram pensamentos sobre Maria e o dinheiro, e já ligando à corrente, como o último elo, lembrou-se do irmão. Kuzmá decidiu: pela manhã seguiria até a casa do irmão.

Pela manhã, o vento batia contra o lado de fora da parede, e Kuzmá se apressou. Disse a Maria que iria à cidade, e ela, muda e imóvel nos últimos dias, deu sua opinião: o irmão não dará. Porém, Kuzmá não tinha mais para onde recuar. Maria, percebendo que ficaria sozinha, teve medo de ser deixada em desamparo, repetiu diversas vezes que o irmão não daria o dinheiro, e se pôs a chorar. Kuzmá não foi tranquilizá-la – que chorasse, agora até suas lágrimas eram um alívio para ele: melhor que o silêncio.

No ônibus ficou sentado do lado da janela e viu como o vento enlouquecia. Kuzmá entendeu que assim devia ser, que o tempo não podia ficar calmo quando ele e Maria se encontravam em tamanha confusão, mas o vento soprava com tal força que Kuzmá teve medo de que ficasse ainda pior. Esperou o dia todo a hora em que o vento baixaria, mas não obteve o esperado; mesmo com os olhos fechados ele via como a terra lutava contra o vento e gemia.

E apenas quando anoiteceu Kuzmá conseguiu se acalmar. No momento não sabia o que estava acontecendo na rua, não sabia e não queria adivinhar o que o esperava. Estava satisfeito por não poder fazer nada, por enquanto o trem fazia por ele. Kuzmá descansava, mas era o descanso do réu antes da sentença, e ele sentia isso.

Tinha vontade de continuar seguindo viagem, mas o trem já o conduzia até a cidade. Kuzmá pensou com medo que agora deverá pedir dinheiro outra vez. Não estava preparado para isso. Tinha medo da cidade, não queria ir até ela. E quando o trem começou a frear, ele se lembrou do vento e estremeceu, dizendo a si mesmo que era apenas por causa do vento.

Kuzmá desce do trem e para surpreso: neve. Ela cai pela terra em flocos grandes e desgrehados, e no avançado crepúsculo da manhã a terra começa a embranquecer.

Nenhum sinal de vento. O silêncio suave, etéreo, que cai na terra junto com a neve, cobre e abafa por ora os sons escassos.

Tentando pisar nos passos de alguém para não esmagar a neve, Kuzmá atravessa os trilhos até a estação. Envolve-o o sentimento amargo e melancólico da inevitabilidade do que

estava para acontecer. Força-se a pensar que não chegou à casa de uma pessoa qualquer, mas à casa de seu irmão, mas o irmão, como salvação, esquivava-se de seus pensamentos o tempo todo, e resta apenas uma palavra, curta e frágil demais para acalmar. Então Kuzmá pensa na neve – isso é bom sinal. Pode ser que já tenha chegado à aldeia, e Maria, com olhos que começam a brilhar de esperança, olhe para ela como se fosse um milagre. É provável que Maria pense que Kuzmá está com seu irmão e que ambos chegaram a um acordo – além disso, como um bom sinal, para que ela não sofra em vão, começou a nevar. Ela é capaz de imaginar.

Kuzmá vai ao ponto de ônibus e, tendo o envelope com o endereço em mãos, pergunta como chegar à casa do irmão. Indicam-lhe o ônibus que deve pegar. Kuzmá toma um lugar. Não há muitas pessoas no ônibus porque são as primeiras horas da manhã de domingo. Kuzmá sente-se muito sozinho e confuso, como se não tivesse viajado, mas sido levado até a cidade. Os pensamentos sobre o dinheiro de repente lhe parecem insignificantes se comparados ao que lhe esperava. Ele observa as pessoas – todas olham pela janela e não reparam nele. Repreende a si mesmo: como lhe passou pela cabeça ir até a cidade atrás de dinheiro, será que não o conseguiria em sua aldeia?

Depois desce do ônibus, olha em volta, mantendo à sua frente o envelope com o endereço, e anda pela rua. Amanheceu. Continua a nevar sem parar, e a neve cai nos ombros de Kuzmá, na cabeça, cobre os olhos, como se quisesse impedir Kuzmá de ir adiante.

Encontra a casa do irmão, interrompe o passo para tomar fôlego e esconde no bolso úmido de neve o envelope com o endereço. Em seguida limpa o rosto com a mão, dá os últimos passos e bate à porta. Enfim, chegou – reze, Maria!

A porta será aberta para ele.

(1967)

2. Valentin Raspútin e a “prosa de aldeia”

2.2. A coletivização e a “prosa de aldeia”

Como efeito da Primeira Guerra Mundial, da Revolução de 1917 e da Guerra Civil, e apesar da reforma de Lênin em que fora instaurada a Nova Política Econômica, em meados da década de 1920 a Rússia encontrava-se em crise. Após a morte de Lênin e a ascensão de Stálin em 1922, o então secretário-geral do Comitê Central do Partido Comunista deu início ao processo de extinção da NEP, por considerar que o sistema antes previsto começava a desmantelar-se e que a situação tomaria outro rumo somente com a introdução de uma nova experiência social.

O Primeiro Plano Quinquenal fora redigido em 1927 e colocado em curso a partir do ano seguinte, fato que mudaria de forma radical o estado da agricultura da União Soviética. Antes desse fato, é importante destacar que havia uma preocupação crescente com o fornecimento de comida às cidades. Os resultados da produção à época foram inferiores aos do período anterior à Primeira Guerra, por conta da destruição e da ocupação das grandes propriedades durante os períodos da revolução e da guerra civil e do nível de vida muito baixo dos camponeses, que preferiam consumir os excedentes ao invés de vendê-los. Peter Kenez (2015) aponta o efeito desses problemas:

Como o governo precisava desesperadamente de capital para investir na indústria, tentou economizar mantendo os preços dos cereais muito baixos. As consequências numa economia de mercado eram previsíveis: os camponeses deixaram de cultivar produtos mal pagos e escolheram outros que prometiam maior retorno. A relutância dos camponeses em vender ao governo a preços artificialmente baixos ameaçava directamente o ambicioso programa de industrialização. O governo tinha também grandes dificuldades em manter um programa de exportações, que era essencial se quisesse comprar maquinaria estrangeira que a indústria nacional ainda não era capaz de produzir. (pp. 116-117)

Os camponeses optavam por vender a compradores privados, que ofereciam preços mais elevados do que os do governo. E, assim, os camponeses mais prósperos tiraram proveito da situação, recebendo, em contrapartida, o ataque da liderança stalinista, que passou a classificá-los como *kuláki*, termo impreciso utilizado com bastante liberdade com o início das requisições forçadas no campo e com a política de “luta de classe”, em que camponeses mais pobres acusavam e denunciavam os mais ricos em troca de parte do saque dos excedentes, como assegurado pelo governo. Essa política, mesmo tendo favorecido parte dos camponeses, pelo uso brutal da violência, destruiu neles a imagem do partido comunista, que já não era lá muito sólida.

Os camponeses nunca foram vistos com bons olhos pelos bolcheviques, que

consideravam como obstáculo à instauração do socialismo a posse privada de terras, que foi permitida por Lênin após a revolução, mesmo o líder considerando-a propriedade da sociedade. Trazer à tona a ideia inicial de coletivizar as terras seria imprudente, pois a reação contrária dos camponeses era evidente. Porém, com a crise, a ideia de reorganizar a agricultura tornou-se necessária, e a comuna não foi o modelo adotado, como muitos filósofos previram anteriormente, e isso se deveu ao fato de a liderança considerar a comuna atrasada, e um entrave à modernização da agricultura.

Mesmo com a crença na superioridade das propriedades coletivas (ou *kolkhózy*), o governo não fez por merecer a confiança dos camponeses. Com o ideal de criar uma agricultura modernizada nas propriedades coletivas, a liderança esperava que os camponeses notassem a superioridade do padrão de vida nas terras coletivizadas já existentes desde o período da revolução, mas a influência foi ínfima, e apenas os mais pobres apelavam para elas, que eram mal administradas, pequenas e instáveis. Mesmo assim, o partido dirigia sua atenção ao papel das propriedades coletivas e o interesse nelas tornou-se mais ativo.

Entre 1929 e 1930, o partido foi de encontro ao modo de vida dos camponeses, que foram obrigados a se juntarem às propriedades coletivas, ou, em russo, *kolkhózy*. A porcentagem de famílias camponesas coletivizadas subiu espantosamente, e Stálin decidiu recuar, acusando as autoridades de “violação do princípio de adesão voluntária” (Kenez, 2015; 120). Com isso, muitos camponeses deixaram os *kolkhózy*, e em fins de 1930 houve uma retomada mais ordenada, resultando na coletivização de quase todos os camponeses em 1934 e na extinção da agricultura privada em 1937.

A oposição camponesa contra o novo modo de vida foi violenta. Some-se a isso a desorganização da campanha do partido nas aldeias, e o resultado é extraordinário, pois o trabalho de coletivização foi realizado. Isso aconteceu às custas de muita brutalidade, entre tributações e requisições absurdas aos mais teimosos, e violência contra aqueles que eram acusados de *kuláki*.

A ideia do partido era criar a impressão de que o único entrave para a coletivização era essa classe em específico. Os *kuláki* tiveram destinos os mais diversos: suas propriedades foram saqueadas e tornaram-se propriedades coletivas; aqueles considerados mais perigosos foram deportados para o Norte e para a Sibéria, onde poucos sobreviveram por conta das más condições; alguns tiveram suas terras confiscadas, mas não sofreram a deportação; outros ficaram com a pior parte de suas próprias terras após o confisco e a coletivização, e arcavam com altas tributações impostas pelo governo. Segundo Kenez (2015), ao que parece, o governo

permitiu que fossem realizados, com essas pilhagens, muitos ajustes de contas pessoais.

Para que o ataque do governo fosse concluído com êxito, não seria sensato por parte da liderança deixar os altos cargos administrativos nas mãos dos próprios camponeses, cuja oposição ao sistema talvez nunca tenha deixado de existir, ainda que fosse de forma velada. Portanto, o partido enviou centenas de milhares de membros para as regiões coletivizadas, além de equipes de operários que ocuparam cargos com funções administrativas e até mesmo de presidência dos *kolkhózy*. A oposição dos camponeses foi violenta, pois não aceitavam ser governados por forasteiros que nada entendiam da vida no campo e da agricultura.

Como resposta às decisões do partido, os camponeses abatiam animais domésticos para não os entregar às propriedades coletivas, assassinavam membros do partido e incendiavam os edifícios dos dirigentes. Houve retaliação por parte dos bolcheviques, e os camponeses revelaram-se incapazes de proteger seus próprios interesses e incapazes de se proteger das investidas do partido. Kenez (2015) faz uma importante elucidação ao apontar as diferenças entre o período da revolução e o da coletivização:

Do ponto de vista dos camponeses, o acto mais significativo da revolução foi o afastamento do odiado latifundiário da aldeia. A revolução da colectivização foi uma transformação diferente, embora tivesse criado mudanças não menos importantes. (...). Veio alterar não tanto a relação de classe – embora isso também tivesse acontecido, visto que a posição relativa dos camponeses na estrutura social decaiu significativamente – mas destruir um modo de vida. (...). Durante os anos 20, os leninistas tinham feito poucas incursões nas aldeias, deixando a estrutura e as instituições da vida camponesa praticamente intactas. A colectivização alterou tudo isso, destruindo os centros de autonomia camponesa e criando progressivamente uma base política para os governantes bolcheviques. (p. 123)

Instaurada a nova cultura coletivizada, era primordial torná-la funcional para os fins econômicos visados desde o início da reforma estabelecida pelo Primeiro Plano Quinquenal. A ideia, desde o início da revolução, era tornar o sistema agrícola um espelho do sistema industrial (ou melhor, uma seção da indústria), e por consequência, tornar o camponês um operário assalariado. E, por esse motivo, as propriedades estatais (ou *sovkhózy*), desenvolvidas em grandes latifúndios confiscados durante a guerra civil, eram a forma organizacional preferida dos bolcheviques, por estarem mais próximas deste ideal. Porém, no período da NEP, os *sovkhózy* se encontravam em estado deplorável, e seu rendimento para a economia agrária era mínimo.

Apesar de tudo, houve forte investimento do governo na criação das propriedades estatais, que ocupavam grandes terras virgens ao longo do território soviético. Entretanto, o retorno delas ainda assim era inferior ao das propriedades coletivas, seus trabalhadores eram desmotivados, e mesmo o plano de culturas específicas nos *sovkhózy*, como o plantio de beterraba e algodão, foi também prejudicial, o que destacou a propriedade coletiva como forma

de organização dominante. Kenez (2015) diz que “por mais mal pagos que fossem os trabalhadores nas quintas estatais, o estado mantinha a obrigação de pagar salários. No caso das quintas colectivas, os camponeses pagavam directamente pelo insucesso” (p.135)

Decisão importante desse período foi a concentração das máquinas nas *MTS* (Estações de Máquinas e Tratores), tomada com o objetivo estrutural de não distribuir as máquinas pelas propriedades coletivas. Os tratores foram confiscados de propriedades privadas e primeiramente distribuídos pelos *kolkhózy*, mas por serem estes em sua grande maioria pequenos demais para as máquinas, os representantes resolveram tomar outra medida. Como não havia animais suficientes para o trabalho mecânico, algumas propriedades coletivas foram prejudicadas com a privação de tratores. Em compensação, *kolkhózy* maiores utilizavam as máquinas, mas eram prejudicados pela falta de manutenção.

A função das *MTS* não era somente estrutural, mas de controle e centralização. Para fazerem uso do maquinário, os camponeses precisavam fornecer, normalmente, um quinto da colheita, eis o contrato. Não só isso, com as *MTS* no meio das aldeias, havia supervisão da educação política entre os camponeses e a averiguação dos procedimentos, de modo a garantir que tudo era feito dentro dos interesses do Estado. No início as estações não respondiam a qualquer organização partidária local, característica que foi remodelada para evitar demasiados entendimentos entre os diretores e os camponeses.

Algumas outras decisões do governo à época foram mais favoráveis para os camponeses. A primeira diz respeito ao tamanho das propriedades coletivas. O ideal para os líderes do partido eram as propriedades gigantes, pois elas refletiam o desejo de tornar a agricultura um ramo da indústria, e era interessante para a economia estabelecer essa comunicação entre os dois setores. Mas os camponeses não concordaram com essa ideia. No fim das contas, estabeleceu-se que o tamanho da propriedade coletiva seria proporcional ao tamanho da aldeia. O plano do partido caiu por terra.

A outra decisão diz respeito ao “grau de cooperação” (Kenez, 2015; 137). Havia três tipos de cooperação na década de 1920, o *TOZ*, com trabalho agrícola feito em comum, enquanto os utensílios e o gado eram privados; o *artel*, com o trabalho, os utensílios agrícolas e a maior parte do gado sendo coletivizados; e a comuna, em que tudo é coletivizado. O partido optou pelo *artel*. Desse modo, os camponeses poderiam ter pequenas hortas em suas propriedades privadas e alguns animais, como porcos. Mesmo o partido não concordando, esse sistema era o único modo de conseguir um mínimo de apoio dos camponeses, cuja renda provinha dos produtos de suas propriedades, o que também ajudava a economia.

Mas o salário do camponês foi descartado. Ao invés disso, optou-se por evitar custos, fator essencial para o caminhar da economia, e provavelmente para haver reservas suficientes para o desenvolvimento industrial, que era a questão maior da reforma estrutural. Os camponeses passaram a ganhar por “dia de trabalho”, que funcionava proporcionalmente ao trabalho realizado, porém a carga horária diferenciava-se dependendo da função dos camponeses no trabalho agrícola. O valor desse “dia de trabalho” era proporcional ao rendimento da propriedade coletiva, que primeiramente pagava ao Estado o que lhe era devido, depois dava a porcentagem do MTS, em seguida guardava o que era necessário para o próximo período de plantio, para ao final distribuir o restante entre os camponeses segundo os dias que foram acumulados.

Os *kolkhózy* não eram igualitários. Diretores e chefes de brigada eram mais abastados que os camponeses, e o direito a propriedades privadas era garantido mediante número determinado de dias de trabalho. As pequenas terras particulares eram mais produtivas que as terras coletivas por contarem com o maior interesse do camponês em sua propriedade. O direito à terra particular garantia a sobrevivência do camponês em período de fome, o que não acontecia com quem não tinha nada. A vantagem era concedida de acordo com a proximidade com a política e com a disponibilidade e a produtividade.

“O trauma da coletivização, a falta de incentivos e a aversão dos camponeses às novas instituições conduziram a uma queda considerável na produção agrícola” (Kenez, 2015; 138). E, apesar de ter havido uma boa colheita em 1930, dali para 1932 a produção caiu, e entre 1932 e 1933, a União Soviética sofreu, segundo Kenez, a maior fome da sua história. E apesar de toda a situação deplorável em que se encontravam os camponeses, o Estado continuou requisitando cereais, mesmo das aldeias que sofriam mais com a fome. O Estado importou cereais e as cidades não passaram fome. O governo não quis admitir o que estava acontecendo e não pediu ajuda estrangeira para não colocar em xeque a eficiência da coletivização e a Rússia não perder prestígio internacional. Para Kenez, “o governo violou um contrato social implícito e elementar: não foi capaz de salvar as vidas dos seus cidadãos” (p. 140).

A crise foi aos poucos sendo sanada, e muito disso se deve às terras particulares. No fim dos anos 30 o rendimento dos produtos agrícolas aumentou consideravelmente até 1940, porém, com o início da guerra, a privação retornou ao cotidiano do povo soviético. Os fatores primordiais para a queda da produção foi a falta de mão-de-obra, pois os homens haviam sido convocados para o combate contra os alemães e, com a invasão nazista em território soviético, ocorreram massacres de seres humanos e animais domésticos e saque dos produtos agrícolas.

Kenez diz que a Ucrânia foi a mais prejudicada.

Com a vitória soviética, o povo ainda sofria com a fome. Uma porcentagem imensa de animais foi abatida, e parte do maquinário agrícola foi destruído. Um período de secas acompanhou o fim da guerra, e a recuperação da produção foi bastante complicada, pois mesmo nesse período de escassez o Estado não poupou os camponeses e requereu quantias abusivas, sem oferecer qualquer retorno em investimentos. Não houve auxílio, o governo escondeu novamente a fome e ainda exportou cereais (Kenez, 2015; 224).

Durante a guerra, os camponeses aumentaram seus terrenos particulares à custa da propriedade coletiva, e isso em muito ajudou a economia à época. A esperança dos camponeses era de que, ao observar o bem que isso fazia, o governo abolisse o sistema de propriedades coletivas. Mas não foi o que aconteceu, e com a vitória soviética na guerra patriótica, o partido obrigou a devolução das terras ocupadas e o retorno à rotina coletiva. As MTS continuavam com seu papel de controle de máquinas e vigilância da educação comunista.

O corpo trabalhista camponês era formado por mulheres e idosos. As condições de vida e de trabalho eram deploráveis e a privação catalisou até mesmo atos de canibalismo. Com o fim da guerra, os mais jovens convocados não quiseram retornar às péssimas condições da aldeia, e o Estado permitiu que não houvesse contato dos jovens combatentes com os aldeões, sob o argumento de evitar subversões.

O investimento na agricultura manteve-se baixo, e igualmente baixo foi o preço pago pelo Estado, pois não cobria custos de produção nem de transporte. A indústria permanecia o foco do governo rumo ao desenvolvimento econômico da União Soviética, e isso acontecia às custas da agricultura, da exploração dos camponeses. Com isso, a desmotivação continuou a existir e o rendimento anterior à Revolução só foi alcançado novamente em meados dos anos 1950. O governo tomou a decisão de reorganizar o trabalho no campo.

Primeiro, Andrei A. Andrêiev, membro do Politburo responsável pela agricultura, criou o sistema de cadeia. Kenez (2015) explica que esse sistema

Implicava que um número reduzido de pessoas (entre cinco a oito) assumissem a responsabilidade pelo cultivo de uma faixa de terra, e o seu rendimento dependia do seu desempenho. A vantagem do sistema era que oferecia algum incentivo aos trabalhadores, e em alguns aspectos pelo menos libertava-os da intervenção constante das autoridades da quinta coletiva. No período logo a seguir à guerra, a questão, muito discutida na imprensa, era saber até que ponto essa forma de organização era adequada, sobretudo para o produto mais importante, os cereais. As EMT [Estação de Máquinas e Tratores], compreensivelmente, opunham-se às cadeias, alegando que elas tornavam mais difícil o uso racional dos tratores. (p. 227)

Por esses problemas, o sistema e seu idealizador foram substituídos. O governo promoveu o novo sistema de brigada, ideia ligada a Kruschóv, em que estavam implicados

muito mais camponeses, até mesmo uma centena deles. O sistema foi implantado em 1950 e seu objetivo principal era aumentar o tamanho dos *kolkhózy*, pois a ideia de superioridade das propriedades gigantes ainda era atual dentro do partido. O controle sobre poucas brigadas compostas por muitas pessoas era melhor que o controle de muitas brigadas de poucas pessoas e, conseqüentemente, o governo resolveu fundir as propriedades coletivas, reduzindo seu número e almejando para o futuro a igualdade entre camponeses e operários, alocando aqueles em apartamentos em pequenas cidades rurais.

Em 1952, a ideia foi execrada no XIX Congresso do Partido. Havia a noção de que os camponeses deixariam sua condição de camponeses e de que certamente não tolerariam essa transformação. A projeção do governo era a de que os camponeses receberiam melhores salários e teriam os mesmos direitos concedidos aos operários, mas os camponeses se recusariam a sacrificar seus terrenos particulares por esse projeto ambicioso e incerto.

Com a morte de Stálin e o início da desestalinização, os cidadãos começaram a importar-se mais com a melhoria do nível de vida. Os camponeses ainda estavam desmoralizados e desmotivados, não receberam os investimentos necessários para um bom desenvolvimento da agricultura, mal conseguiam se sustentar, e eram impossibilitados de transitar pelo território soviético, pois seus passaportes ficavam retidos. Kruschóv viera de uma família camponesa, e talvez por esse motivo deu especial atenção à agricultura, além de acreditar na superioridade econômica soviética. O governo começou a pagar preços mais altos pelos produtos agrícolas e diminuiu o preço dos alimentos.

O governo de Kruschóv, apesar disso, era bastante instável. Ora dava maior independência aos *kolkhózy* para decidirem o que plantar e de que maneira, ora reduzia tal independência, ora incentivava o uso dos terrenos privados, ora criticava-os por serem “insuficientemente socialistas” (Kenez, 2015; 260). Mas durante seu governo houve aumento no preço dos produtos requeridos às propriedades coletivas e baixa nos impostos sobre o lucro nas vendas de animais domésticos. Com essa política de incentivo, a produção passou a melhorar. E o investimento em máquinas e fertilizantes foi acertado, mesmo proporcionando resultados a longo prazo.

Mas a ambição do primeiro-secretário levou o governo a cometer sérios erros, como o plantio em terras virgens em regiões de clima instável e pouco propício, através do convencimento da juventude do Komsomol a viajar para estas terras aceitando uma possível privação em prol do desenvolvimento econômico. Mas os custos do investimento eram muito altos e o clima não foi favorável por muito tempo, tornando o programa um fracasso.

Em 1958, Kruschóv realizou a reforma mais radical de seu governo: a abolição das MTS. Necessárias em um período conturbado de coletivização, para promover o controle e a doutrinação, a supervisão das MTS trazia inseguranças às propriedades coletivas, pois o uso do maquinário era negociável, e dependia muito da disponibilidade da estação, o que poderia ser bastante prejudicial para a colheita, que corria o risco de não ser realizada a tempo. No entanto, a abolição realizada de modo apressado e sem planejamento, como o foi à época, a seu modo não deixou de ser também prejudicial.

Em vez de levar vários anos, durante os quais as quintas podiam ter acumulado capital suficiente para comprar as máquinas necessárias, a reforma foi concluída num único ano. No caso das quintas maiores os problemas eram fáceis de resolver: muitas vezes uma estação de máquinas e tractores servia um único *kolkhoz*, e nessas circunstâncias fazia sentido consolidá-las. As quintas mais pequenas e pobres, contudo, não conseguiam governar-se. Muitas vezes tinham de abandonar projectos de construção a meio, ou contrair dívidas muito pesadas que as privavam de capital durante vários anos. (KENEZ, 2015; p. 263)

Mais ainda, vale destacar que as MTS funcionavam quase que exclusivamente sob a supervisão de operários, que não aceitaram bem a ideia de terem de tornar-se membros das propriedades coletivas, por representar diminuição da renda e rebaixamento de categoria social. O resultado disso foi a saída de muitos operários em busca de emprego nas cidades e a degradação dos maquinários, que não eram consertados e ficavam abandonados até serem sucateados. Os *kolkhózy* não tinham condições de comprar máquinas novas e a venda de tractores caiu consideravelmente, constituindo, portanto, um retrocesso econômico.

Como apontado por Kenez na citação acima, as grandes propriedades coletivas souberam lidar com a abolição das MTS, e isso catalisou ainda mais a ideia do governo de amalgamar os *kolkhózy* em um único *kolkhóz*. Junto a isso, o governo resolveu transformar propriedades coletivas em propriedades estatais, o que para o camponês significava ter um salário, um rendimento seguro, mas perder a propriedade particular, o que era bastante arriscado. Outro empecilho para o camponês das propriedades estatais era afastá-lo dos centros administrativos, tornando-o alheio às decisões importantes.

O fim do período Kruschóv, para a agricultura, foi marcado por desastres econômicos. O primeiro-ministro, com sua convicção na superioridade soviética, decidiu numa projeção utópica acerca da produção pecuária no país e requisitou um rendimento absurdo de carne em uma União Soviética cujos animais eram muito poucos depois de grandes catástrofes passadas. Como só um milagre faria a meta ser alcançada, o único sucesso nesse empreendimento foi uma fraude.

O distrito de Riázam, dirigido por um Larionov, conseguiu atingir as metas comprando carne de outros distritos e obrigando os camponeses a abaterem seus próprios animais. Levando

em conta o sucesso de Riázam, o governo decidiu aumentar as metas. Ao descobrir-se a fraude, Larionov, que recebera honrarias e condecorações, cometeu suicídio, e Riázam estava à beira do colapso. Com essas metas impostas a produção pecuária foi prejudicada e demorou muito tempo para se reestabelecer parcialmente.

Para ajudar na alimentação dos animais, Kruschóv decidiu veementemente que o milho seria a solução e resolveu plantá-lo, o que exigiu tempo, esforços e maquinaria, sem resultados expressivos, tornando-se um fracasso. Junto ao abandono desta campanha, aconteceu em 1963 uma seca cujo resultado foi a falta de pão, que foi sanada com a importação de cereais, inédita na história russa, pelo fato de ter acontecido para aliviar o sofrimento do povo soviético. Os insucessos pesaram contra Kruschóv e contribuíram para sua derrota.

Todos os acontecimentos sociais e políticos desse período, que transformaram radicalmente o modo de vida do camponês, não deixaram de ser tematizados na ficção ao longo da história da literatura soviética. A coletivização representou uma ruptura brutal dos paradigmas estruturais da vida rural. A representação do modo de vida coletivizado dependeu por muito tempo dos valores culturais impostos pelo partido durante a liderança de Stálin, mas houve uma transformação na apresentação ficcional e publicística da vida no campo. Teóricos da literatura soviética são unânimes em demarcar os anos 1950 como ponto de virada da ficção rural.

Após a morte de Stálin e a arriscada investida de Kruschóv contra o passado estalinista, foi dada abertura, de certa forma cautelosa, para que os autores abordassem em suas obras todos os atos absurdos e violentos proporcionados pelo regime do ex-ditador. A literatura tornou-se arena de revisitações críticas do terror, da doutrinação alienadora e dos diversos problemas de ordem moral, social e ideológica. E a forma mais escolhida pelos autores da época para essa nova abordagem foi a forma curta. Deming Brown, Professor Emérito de Literatura Russa da Universidade de Michigan, em sua obra *Soviet Russian literature since Stalin (Literatura russa soviética desde Stálin)* (2008), ao analisar a ascensão da ficção curta, afirma que:

Short prose forms tend to emerge in times of accelerated social or cultural change, when new attitudes toward human relations, morals, and social behavior are breaking forth but have not yet become universally recognized. The short story can pose questions, suggest dissatisfaction and doubts, and, in general, present problems without proposing solutions. Because it concentrates on isolated, limited – although often extremely evocative – themes and situations, the short story is ideally suited for use in periods of transition, when new social and cultural tendencies are discernible but not yet established. (p. 146)⁴¹

---

⁴¹ “Formas curtas em prosa tendem a emergir em tempos de acelerada mudança social ou cultural, quando novas atitudes acerca das relações humanas, moralidades, e comportamento social sofrem rupturas sem ainda tornarem-

Antes de prosseguir com a transformação da forma curta e sua importância, é importante destacar um apontamento realizado por Rothberg, em seu livro *Os herdeiros de Stálin* (1972), sobre o espírito político-literário da época:

Por ser impossível a coexistência entre instituições estalinistas e uma literatura antiestalinista, a crítica literária e política uniam-se e se reforçavam mutuamente até que a “oposição” literária foi, de certo modo, politizada e começou a evoluir, tanto quanto era possível nas circunstâncias soviéticas, numa espécie de oposição política. Pelo menos por meio da literatura, as pessoas poderiam conceber-se como livre-pensadores e, até certo ponto, se expressar livremente – pelo menos comprando e lendo um livro ou assistindo a um recital de poesia. Os escritores, sem uma organização consciente e sem um programa político estabelecido nem quaisquer raízes ou influência na massa do povo russo, lutaram primeiro por uma literatura livre do “realismo socialista” e do controle e censura do Partido. Mas essa luta recebeu mais impulso da desestalinização e da liberação, eles partiram para críticas mais graves e fundamentais da sociedade soviética. (ROTHBERG, 1972, p. 55)

Com o clima de mudança proporcionado pela desestalinização, e com a limitada abertura dada a essas revisões históricas, as formas curtas – contos, novelas e ensaios – permitem que o escritor imponha um limite em sua obra, sem deixar de questionar. Ao focar em acontecimentos singulares, o autor pode explorá-los até o limite em que ele se permite deixar ao final um enredo incompleto, de modo tal que sutilmente aponte ao leitor que as coisas não são como parecem, ou são como o governo quer que pareçam.

A forma curta sofreu transformações desde a década de 1920. Os contos e novelas desse período eram em muitos autores livres quanto às ideologias, repletos de lirismo e subjetividade, com a exploração dos fluxos de consciência e dos múltiplos pontos de vista, em uma estrutura fragmentada, ou até mesmo caótica, como nos casos de Zamiátin e Oliêsha. Para transmitir o mundo objetivo através das percepções subjetivas, os autores abusavam de uma linguagem impregnada de construções sintáticas complexas, neologismos e vocabulários retirados das ruas das cidades e das aldeias mais longínquas. Era uma prosa mais individualizada, em que a figura do autor-narrador se faz bastante presente, principalmente pela influência direta do *skaz* oral da antiguidade eslava, objeto de pesquisa da vanguarda. Desse modo, a prosa era lírica, irônica, satírica e ambígua.

A partir dos anos 1930, essa situação da prosa mudou drasticamente com a propagação da tese oficial do Partido que pregava uma ideia mais positiva do homem e da sua natureza.

-se universalmente reconhecidas. A forma curta pode emitir questionamentos, sugerir insatisfação e dúvidas, e, em geral, apresentar problemas sem propor soluções. Por concentrar-se em temas e situações isoladas e limitadas (apesar de extremamente evocativas), a forma curta é idealmente adequada em períodos de transição, quando novas tendências sociais e culturais são perceptíveis, mas não estabelecidas” (tradução minha)

Esperava-se do escritor que demonstrasse uma visão mais generosa da raça humana e do potencial dela para o bem (Brown, 2008;148). Racionalidade, ênfase na moralidade e um foco social marcante substituíam a perversidade e o instinto que estavam presentes nos textos da vanguarda dos anos 1920. Com isso, passou-se a buscar a construção de um edifício cultural soviético rumo ao progresso ideológico e, subsequentemente, social e econômico.

Deriva dessa transformação uma prosa plana, muito menos ousada e metafórica. As construções linguísticas ficaram em segundo plano, e a objetividade exigida guardava para que recursos estilísticos mais ousados fossem evitados, em nome de um texto direto e inequívoco narrado em uma terceira ou uma primeira pessoa facilmente identificável com o autor que está pisando em ovos. O caráter descritivo e jornalístico tomou conta das obras de ficção, dificultando a maleabilidade da forma curta da ficção. Para atender à demanda do Partido, tamanha objetividade passou a adequar-se muito mais à loquacidade da estrutura romanesca, que teve de tornar-se viciada no famigerado esquema do “realismo socialista”.

Com o clima estabelecido pelas medidas de Kruschóv, as formas curtas voltaram à tona, sem desaparecer, no entanto, a forma romanesca. E com sua ascensão renovada, construções e estilos antes utilizados pela vanguarda (e que permaneceram no submundo literário), tiveram carta branca para reuso. Desse modo, a subjetividade e a linguagem estilizada foram amalgamadas ao foco social e moral imposto pelo “realismo socialista”, então atualizado para adequar-se a um novo momento de contestação dos meios políticos. O tema do homem “positivo”, sua natureza moral, espiritual e social, imposta oficialmente, não deixou de ser um tópico da ficção, mas as sutilezas da dúvida (e da dívida) histórica enriqueceram a forma e o conteúdo da abordagem literária.

É nesse novo clima que toma corpo um movimento literário cuja influência tornou-se polêmica ao longo das décadas que se seguiram. Estamos nos referindo à “*prosa de aldeia*”, ou “*village prose*”, ou, como fica estabelecido em português neste trabalho, “prosa de aldeia”. Abaixo serão apontados os fatores que convergem para essa denominação em nossa língua.

Dadas essas circunstâncias de contestação do fazer literário e da ação política, os críticos da literatura russa procuram então apontar as possíveis raízes do movimento. Dentre os que vão mais longe na análise estão Nedzvétski e Filíppov, que, em seu manual escolar *Rússkaia “diereviénskaia” proza (A prosa “de aldeia” russa)* (2002), tratam a “prosa de aldeia” desde as primeiras páginas da literatura russa dedicadas ao retrato dos camponeses e da vida no campo, a começar por Karamzin, passando por diferentes autores da *intelligentsia* russa do século XIX, dando depois disso exclusividade a nomes como Abrámov, Bielóv, Chukhín e

Raspútin.

Deming Brown, tanto em sua obra acima citada (2008), quanto em seu outro livro *The last years of Soviet Russian prose (Os últimos anos da prosa russa soviética)* (1993) trata a “prosa de aldeia” de duas formas diferentes: a primeira começa por Sholokhóv e sua obra sobre a coletivização, passando por autores como Valentin Oviétchkin e Efim Dóroch, que estão muito mais próximos da vida camponesa, de modo menos heroico, porém ainda com um olhar de certa maneira distante, ou o de um presidente de kolkhóz ou o de um visitante citadino que a tudo anota. Até chegar a Abrámov, que dá forma a um narrador inserido no meio da aldeia que luta para sobreviver e que tem sua linguagem própria, sua identidade e cultura (BROWN, 2008). A segunda abordagem é mais crítica, revendo os passos tomados pela “prosa de aldeia”, seu caráter cada vez mais conservador e as consequências ideológicas disso, o chauvinismo e a xenofobia. (BROWN, 1993; 79-81) Valentin Raspútin aparece nessa lista, e muito se deve a sua última novela da fase soviética, *Pojár*, que, segundo Galya Diment, em seu artigo “Valentin Rasputin and Siberian Nationalism” (“Valentin Raspútin e o nacionalismo siberiano”) apresenta apenas alguns elementos da estrutura narrativa das demais obras de Raspútin, sendo mais simplista, didática, xenofóbica e paranoica (DIMENT, 1993).

Mas, para abordar o movimento da “prosa de aldeia”, é interessante apontar a contraposição feita por Kathleen F. Parthé (1992) a uma outra prosa bastante difundida no período do realismo socialista, que ela denomina Literatura de Kolkhóz, e cuja obra mais emblemática é aquela que Deming Brown destaca diante das demais publicações do período:

Literature about peasant life has always been prominent in the Soviet Union, and some of the interesting writers (...) have devoted themselves to countryside themes. Under Stalin, however, both the aesthetic value and the social integrity of village literature were largely vitiated by the demands of socialist realism. There were exceptions, notably the first volume of Sholokhov's novel about the forced collectivization of agriculture, *Virgin Soil Upturned* (1931). But by the beginning of the 1950s village literature had been almost completely reduced to state propaganda. (BROWN, 2008; p. 219)⁴²

Terras desbravadas, de Mikhail Sholokhov, é o grande exemplar da Literatura de Kolkhóz, volume principalmente em seu primeiro, no qual representou-se com bastante desenvoltura a dificuldade de estabelecer a coletivização, principalmente por conta da representação dos camponeses retirados brutalmente de suas terras para servirem aos novos desígnios do Estado. Segundo o teórico, a segunda parte, publicada décadas depois, debilita a

---

⁴² “Literatura sobre a vida no campo sempre foi proeminente na União Soviética, e alguns dos escritores mais interessantes (...) devotaram-se aos temas da região rural. Sob Stálin, no entanto, tanto o valor estético quanto a integridade social da literatura da aldeia foram largamente viciadas pelas demandas do realismo socialista. Houve exceções, especialmente o primeiro volume do romance de Sholokhóv sobre a coletivização forçada da agricultura, *Terras desbravadas* (1931). Mas no início dos anos 1950 a literatura de aldeia estava quase completamente reduzida à propaganda estatal” (tradução minha).

relevância do tema ao introduzir a típica vileza dos burgueses infiltrados, mas de todo modo a obra é uma amostra de maestria em meio aos textos canônicos que retratam o assunto.

Kathleen Parthé (1992) aponta uma característica essencial para definir o princípio que difere essa literatura de *kolkhóz* da “village prose” (“prosa de aldeia”), por meio da imagem do autor. Transcrevo inteiramente um parágrafo extenso do texto da autora, pois ele se configura como uma elucidação poética sobre a posição dos autores desse movimento.

One way to understand what kinds of literature the *derevenshchiki* wrote is to examine the narrative masks they wore. The writers of Kolkhoz Literature saw themselves primarily as rural activists, frontline reporters, and, of course, “engineers of human souls”. Village Prose writers saw themselves as witnesses to traditional village life and chroniclers of its rapid decline. They are Old Believers, pilgrims, collectors of antiquities, elegists, mourners, hunters and fishermen, lexicographers, archaeologists, folk storytellers, and the righteous sons of dying mothers. They even identify with the old women – who in the absence of village men are the repositories of the ancient ways – and with migratory birds. The writers are shamans and wizards to whom the secrets of the past have been entrusted and who must pass on their magic lore before they die. They are both the “bearers” and the “recorders” of village life, descendants of Turgenev’s peasants who have taken up the pen to tell their own history. Their stories are chronicles, laments, eyewitness accounts, notches on wooden tables and marks on trees that are meant to keep them and their fellows Russians from losing their roots, their memory of the past, and their national distinctiveness. (p. 18)⁴³

Os autores da “village prose” tornam-se então porta-vozes dos costumes dos seus antepassados, uma cultura que foi gradualmente sendo destruído proporcionalmente às reformas que introduziram à força novos padrões de vida. Desse modo, o olhar do escritor da “village prose” está voltado para dentro de um universo restrito aos limites do espaço da aldeia em que nascera (ou em que nascera seu personagem). E a aldeia é o principal foco desse movimento, obviamente, porque ela foi sendo destruída com o tempo e com as decisões tomadas pelo Partido e pelos centros administrativos.

A aldeia é um universo. Ela está inserida no espaço da fazenda coletiva, ou faz parte de um *kolkhoz* gigante, se pensarmos no amálgama de aldeias instituído a fim de facilitar o controle do Estado. O *kolkhoz* é tratado com ironia, por representar a repressão e os ideais falhos do

---

⁴³ “Um modo de entender quais tipos de literatura os *derevenschiki* [escritores da aldeia] escreveram é examinando as máscaras narrativas que eles vestem. Os escritores da Literatura de *Kolkhóz* viram-se essencialmente como ativistas rurais, repórteres da linha de frente, e, é claro, “engenheiros da alma humana”. Os escritores da Prosa de Aldeia viam-se como testemunhas da tradicional vida da aldeia e cronistas de seu rápido declínio. Eles são Velhos Crentes, peregrinos, Colecionadores de antiguidades, elegistas, enlutados, caçadores e pescadores, lexicógrafos, arqueólogos, folcloristas, e os filhos legítimos de uma mãe moribunda. Eles até se identificam com as velhas – que eram os repositórios dos caminhos ancestrais na ausência dos homens da aldeia – e com as aves migratórias. Os escritores são xamãs e magos a quem os segredos do passado foram confiados e que devem passar adiante seu mágico saber antes de morrerem. São tanto os “portadores” quanto os “arquivistas” da vida na aldeia, descendentes dos camponeses de Turguêniev que tomaram para si a caneta para contar sua própria história. Suas histórias são crônicas, lamentações, relatos de testemunhos oculares, entalhes em tábuas de madeira e marcas em árvores que são feitos para impedir que eles e seus colegas russos percam suas raízes, a memória do passado, e sua distinção nacional” (tradução minha).

governo violento de um líder caprichoso, enquanto a aldeia tem um nome que vem de tempos distantes e que ficou arraigado na alma de seus habitantes e que os identifica, ao contrário do nome da fazenda coletiva. Assim sendo, até mesmo habitantes de outras aldeias acabam sendo considerados forasteiros, e cada aldeia é uma “pequena pátria” (“*málaia ródina*”), com uma raiz histórica, um passado mítico, e uma cultura passada de geração a geração. A comunicação entre as aldeias é feita por uma pequena estrada, o que reforça o caráter de isolamento.

Adentrando mais nesse universo, temos o lar, o ambiente doméstico do camponês como ponto de referência, principalmente para os aldeões que partiram para a cidade e que retornam para a isbá de sua infância e encontram os mesmos objetos de que se lembravam. Entre os utensílios modernos, como o rádio, o relógio e a televisão, há os mais antigos, como o samovar, o pano, o talher de madeira e o cesto de vime. O lar é o centro de tudo, da família e da cultura, e sua destruição é a destruição da aldeia. A aldeia em que o autor (ou personagem) foi dado à luz e a casa em que viveu são a *ródina* do autor, sua pátria, o “torrão natal”.

Esse espaço está intimamente ligado ao tempo da “prosa de aldeia”. Parthé (1992) aponta quatro aspectos que dão forma ao tempo nas obras desse movimento: o passado, a memória, a nostalgia e a infância. Todos esses conceitos estão interligados, alguns deles predominando sobre outros. A autora diz que “mesmo que o cenário seja o presente, é no passado que o narrador e as personagens procuram as raízes, as tradições e os valores; o medo é de que, ao perderem o passado rural, os russos perderão também seu futuro” (PARTHÉ, 1992; p. 9).⁴⁴ O passado é um tempo bastante recorrente, e os idosos são personagens constantes, pois eles representam uma cultura no limiar: cabe à geração seguinte apreender o que está prestes a se perder. O futuro torna-se um amálgama do presente com o passado (ou o que resta dele).

À objetividade da Literatura de Kolkhoz, contrapõe-se a subjetividade do autor em busca de suas raízes radiantes. “O passado radiante, a memória radiante e a tristeza radiante/luminosa são centrais para a Prosa de Aldeia” (PARTHÉ, 1992; 10).⁴⁵ De certo modo, a nostalgia deriva do fato de os autores sentirem-se como aqueles que possuem em si todas as histórias e todos os padrões da vida na aldeia justamente por terem vivido nelas e tido contado com os mais velhos, possuidores de toda essa cultura ancestral. Com a destruição da cultura da aldeia em decorrência das reformas econômicas e do progresso técnico, decisões que estão acima deles, o que lhes resta é a tristeza, a melancolia, a nostalgia de um passado que vai se

---

⁴⁴ “...even when the setting is the presente, it is in the past that narrator and characters look for roots, beauty, traditions, and values; the fear is that in losing the rural past, Russians will also lose their future”.

⁴⁵ “The radiant past (*svetlaia proshloe*), radiant memory (*svetlaia pamiat*’), and radiant/luminous sadness (*svetlaia pechal*’) are central to Village Prose”.

perdendo pelas contingências políticas.

A natureza é outro aspecto importante da “prosa de aldeia”, pois existe uma relação simbiótica entre o homem e o ambiente que o cerca, com sua fauna e flora, e as condições climáticas que ela proporciona. Existe uma ligação pagã associada a esse sentimento, ao mesmo tempo em que está presente certa devoção cristã diante dos recursos por ela oferecidos. Existe uma harmonia entre homem e natureza, que não é simplesmente poética, como também prática, pois a natureza dá ao homem o que ele precisa para sobreviver. Por esse motivo, muitos autores lutaram por sua preservação.

Uma última questão, não menos importante, é a da linguagem. Com a retomada de algumas características marcantes da vanguarda, a “prosa de aldeia” absorveu com muito enlevo e vigor o uso da língua nativa da aldeia, representando as construções sintáticas e o vocabulário típicos de suas “pequenas pátrias”, o que amplia o entendimento de toda a noção de mundo do camponês e da essência de sua existência no universo de sua *ródina*. Assim, o autor define e aprofunda a identidade da aldeia, e acentua o abismo que a separa dos demais microcosmos.

Com todos esses elementos, os autores da “prosa de aldeia” estabeleceram a cor da aldeia russa, um retrato prestimoso da cultura camponesa. Mais ainda, por meio dos temas e enredos de suas obras, procuraram retratar a busca pelos valores tradicionais do camponês para a renovação moral na sociedade. O campo, neste caso, passou a tornar-se a solução dos problemas espirituais e sociais da época, e o argumento estava a favor da necessidade da preservação dos traços culturais populares.

A figura do camponês, tão desleixadamente menosprezada e desrespeitada durante todos os anos da reforma da coletivização das terras, passa a ser foco central dos enredos. Ele deixa de ser simples instrumento para a construção do poder econômico soviético para converter-se em ser humano que possui desejos, sentimentos, habilidades e crenças que muitas vezes destoam do que foi propagado pelo Partido. O peso das mudanças é diferente para os que impõem e para os que recebem as imposições. A relação dele com sua terra natal é importante para a manutenção do que não havia sido ainda brutalmente destruído.

A procura pelas origens no interior do território soviético, com suas mitologias e seus valores hereditários, foi gradativamente convertendo-se em luta nacionalista pela reabilitação da cultura russa primitiva, pelo fato de os autores considerarem a crença pagã ou a ortodoxia mais antiga o último recurso para a reconstrução do espírito russo. O conservadorismo e o fanatismo foram o resultado dessa empreitada arqueológica, principalmente nos anos 1980,

numa Rússia em radical transformação e em queda. Pensamentos desse tipo propiciaram, posteriormente, uma rejeição dos valores ocidentais, o chauvinismo e o antissemitismo em alguns círculos intelectuais.

Diante de todos esses aspectos que dão corpo ao movimento, o movimento não pode ter seu nome traduzido simplesmente como “prosa rural”, por ser um título bastante abrangente, capaz mesmo de englobar a Literatura de Kolkhóz, pois ela mesma também retrata um universo rural. Pode-se dizer que até mesmo a prosa de Turguêniev é uma prosa rural. Com o centro das atenções dos autores do movimento voltadas à aldeia e ao lar que nela se encontra, por encontrarem nela a raiz que será capaz de sustentar um novo futuro tão adulterado pelo desenvolvimento desenfreado e pelo progresso técnico desenvolvidos nos grandes centros urbanos, é importante precisar ainda mais a tradução para o português. A solução mais apropriada está realmente mais próxima da que foi realizada pelos estudiosos de língua inglesa, da “village prose” por eles estabelecida. Para fazer justiça aos elementos apresentados e as contraposições estabelecidas neste estudo, é importante frisar a ideia de “prosa da aldeia”.

2.2. Valentín Raspútín: vida e obra

Valentín Raspútín nasceu em 15 de março de 1937 no vilarejo de Ust-Uda, situado a meio caminho entre Irkútsk e Bratsk, às margens do rio Angará. Seu pai, Grigóri Nikítitch Raspútín (1913-1974), trabalhava no campo e na madeireira. Sua mãe, Nina Ivánovna Raspútina (1911-1995), cuidava da casa e também trabalhava (SEMENOVA, 1987; 7).

Pouco tempo depois de seu nascimento, a família mudou-se para a aldeia de Atalánka, também próxima ao rio, e seu pai passou a dirigir um posto dos correios, enquanto sua mãe trabalhava na caixa econômica. A aldeia de Atalánka tornou-se referência para o autor, e modelo para suas mais renomadas novelas, e a cultura local e os recursos naturais da região nunca deixaram de ser tópico recorrente em sua prosa, pela importância de sua preservação no âmbito social e ecológico (GORESLÁVSKAIA et al, 2013; 9).

Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, Grigóri Raspútín fora convocado e combatera. Nesse período, sua mãe responsabilizara-se por todas as tarefas domésticas e pelo trabalho no campo. A família passou por sérias privações, e a infância de Raspútín foi marcada pela negligência do Estado, pela fome e pelos esforços heroicos dos camponeses para manterem-se vivos. (POLOWY, 1988; 3)

Em 1944, Raspútín iniciou seus estudos na escola primária de Atalánka, e a complicada situação em que se encontravam não o impediu de ler tudo o que lhe chegava às mãos, como

livros, jornais e revistas. Nessa época, teve também seus primeiros contatos com os grandes clássicos da literatura russa, que ficaram marcados em sua vida e tornaram-se referências em sua carreira artística, como Tolstói, Dostoiévski, Búnin, Leskóv, Tiútchev e Fet (GORESLÁVSKAIA et al, 2013; 11). N. Kotenko (1988) aponta que o autor nunca perdeu o hábito constante e bastante assíduo da leitura dos mais diversos assuntos e dos mais diversos gêneros.

Pelo fato de em Atalanka não haver escola secundária, em 1948 Raspútín teve de deixar a aldeia para prosseguir os estudos em Ust-Uda. Nina Raspútina conseguiu com uma conhecida um quarto para hospedar o filho. Raspútín afirmou em entrevista que à época fora o primeiro da aldeia a seguir tão longe nos estudos. Vivera em Ust-Uda sozinho, longe da família, onde passara fome e vivera de pão e batata, rapidamente consumidos, permanecendo insaciado, o que não o impediu de ser um bom aluno, cuja única dificuldade era aprender a língua francesa.

Em 1954, terminou o ensino básico, obteve sucesso nos exames de ingresso e iniciou sua carreira acadêmica na faculdade de história e filologia da Universidade Estatal de Irkútsk. Nesse mesmo ano, teve início a construção da barragem da estação hidrelétrica de Bratsk, o que forçou a população de Atalánka a deixar a aldeia, por causa da submersão da região. A aldeia em que o autor crescera passou a ser apenas uma lembrança nostálgica do passado, da infância, e o modo como ela se foi não passou em branco, resultando naquela que é considerada pelos críticos a maior obra de Raspútín, *Proschanie s Matióri* (*O adeus a Matióra*).

Raspútín precisava ganhar a vida enquanto estudava. Conseguiu trabalho escrevendo artigos para a rádio e o jornal do Komsomol da universidade, o *Soviétskaia molodioj* (*Juventude Soviética*). Em 1957 publicou seu primeiro artigo, e seus primeiros textos tratavam de temas como a vida dos estudantes universitários, dos pós-graduandos e dos escolares, e sobre o trabalho dos militantes.

Antes mesmo de terminar seu curso, Raspútín tornou-se membro efetivo do jornal, onde conheceu o futuro dramaturgo Aleksandr Vampílov, com quem nutriu uma relação de forte amizade e compartilhou trabalhos artísticos. Vampílov viria a falecer tragicamente em 1972, aos 34 anos, vítima de afogamento no lago Baikal durante uma tempestade. Fora pescar com a intenção de servir sopa de peixe aos amigos, e morrera um dia antes de completar 35. A morte do dramaturgo foi arrasadora para Raspútín.

Em fins da década de 1950, Raspútín começou a aventurar-se na prosa artística, e o resultado dessa empreitada foi a publicação de seu primeiro conto em 1961 no número de estreia da revista “Angará”. O conto, intitulado “Iá zabýl sprocít u Lióchky” (“Esqueci de perguntar a

Lióchka”), narra um fato ocorrido a três jovens que estão trabalhando na construção de uma rodovia na região de taiga. Um deles é atingido por uma árvore que tomba e precisa imediatamente de cuidados médicos. Quando os responsáveis pela obra se recusam a emprestar a eles um caminhão, os dois decidem levar o amigo até o hospital a pé, enquanto discutem os princípios do comunismo, quais suas prioridades, e a importância de cuidar do bem-estar de cada cidadão. Lióchka morre no meio do caminho. Seu primeiro conto demonstra um embrião do que se tornará recorrente nas demais obras do autor: o uso de situações limites da vida humana para discutir temas como solidariedade, coletividade e união entre as pessoas.

Durante a primeira metade dos anos 1960, Raspútín trabalhou como redator em programas de literatura e dramaturgia do estúdio de televisão de Irkútsk, colaborador em artigos literários no jornal “Krasnoiárski rabótchi” (“O trabalhador de Krasnoiársk”), correspondente especial no jornal “Krasnoiárski komsomolets”, e escreveu contos e ensaios sobre os jovens que trabalhavam nos grandes projetos de construção na Sibéria.

Foram publicados dois livros de Raspútín no ano de 1966: “Kostrovye novykh gorodov” (“Fogueiras das novas cidades”), em Krasnoiársk, e “Krai vozle sámovo niêba” (“Uma terra pertinho do céu”), em Irkútsk. Ambos se configuram como coletâneas de contos e *ôtcherki* sobre a vida na Sibéria e, mais especificamente, sobre a cultura dos tofalares (povo de origem tártara que se estabeleceu nas regiões de taiga do território russo). Raspútín nessas obras mescla o lirismo com a objetividade jornalística, interessando-se de modo especial pelo mundo interior do indivíduo. Ele apresenta casos que posteriormente retrabalharia de forma mais artística. Por exemplo, o texto “Ekh, Starúkha”, que trata de uma velha senhora xamã no fim da vida, foi mais tarde reescrito como o conto “Starúkha”.

Mas foi em 1967 que o autor começou a apresentar uma maior maturidade estilística, com a publicação da coletânea de contos *Tchelovek s etovo sviêta* (*Um homem deste mundo*), cujos principais contos são “Mamãe foi não sei aonde”, em que um garoto acorda sozinho em casa e tenta sem sucesso encontrar a mãe, sentindo pela primeira vez, e de forma brutal, a solidão. O outro conto é o extenso e complexo “Vassíli i Vassilíssa”, cujo enredo gira em torno de um casal de idosos siberianos que se tornam estranhos depois de passarem juntos por anos difíceis e de constituírem uma grande família, um texto que trata de perdão e responsabilidades, temas recorrentes em Raspútín.

A outra obra é a novela *Dinheiro para Maria*, objeto de estudo deste trabalho. Ela foi publicada pela primeira vez no quarto número do almanaque “Angará”, e republicada em 1968 junto com alguns contos, entre eles “O encontro” e “Rudolfio”. O primeiro conto trata do

reencontro de um casal e o esforço despendido pelo homem, casado, para reconquistar aquela que foi o amor de sua juventude. O segundo trata de um amor platônico de uma adolescente por um homem mais velho e os dilemas deste diante da presença marcante e constante da garota.

Em *Dinheiro para Maria*, acompanhamos a busca de um pai de família, Kuzmá, por uma alta quantia de dinheiro, com o objetivo de salvar a esposa, Maria, de uma possível detenção por peculato. Ela, semianalfabeta, foi a única pessoa do *kolkhóz* que aceitou o trabalho de balconista da loja da fazenda coletiva, cargo que rendera a detenção de várias pessoas. Com o balanço realizado por um fiscal, descobre-se um desfalque de mil rublos, valor absurdamente alto para uma família de camponeses. O fiscal dá um prazo de cinco dias para Kuzmá conseguir o dinheiro e evitar que a esposa seja presa. O enredo alterna entre a viagem de trem de Kuzmá para a casa do irmão na cidade e o que acontecera antes, na aldeia.

Possivelmente, a inspiração para essa novela veio de um caso ocorrido com o pai do autor, Grigóri Raspútin. Certa vez, quando trabalhava nos correios, ele tomou um navio para realizar transações, carregando uma sacola repleta de dinheiro. Grigóri acabou bebendo demais, e a sacola foi roubada. Em consequência, houve confisco dos bens de sua família, presenciado pelo escritor em sua infância (GORESLÁVSKAIA et al, 2013; 10)

A segunda novela de Raspútin foi publicada em 1970, no sétimo e no oitavo números da revista “Nach sovreménnik” (“Nosso contemporâneo”). Intitulada *Posliédni srok* (*Prazo-limite*), ela trata dos últimos dias uma velha senhora, Anna, que recebe a visita de seus filhos mais distantes, a pedido do filho Mikhail, com o qual ela vive e que cuida dela junto com sua esposa. Os filhos chegam com a ideia de que se trata de um quase-funeral, pois a velha está praticamente morta, mas ela consegue, para espanto de todos, recuperar parte de suas forças. Há nisso um objetivo de união da família, o que não acontece, pois há um forte atrito entre Liúcia, a filha que mora na cidade, e Mikhail. Os filhos vão embora ao verem que a mãe teve forças para se arrastar até a entrada de casa para ver o nascer do sol. No entanto, e isso é indicado em um extenso fluxo de consciência, a velha sabe que este é o seu último dia, e insiste para que fiquem. Ela morre à noite, sob os cuidados apenas de Mikhail.

Entre a segunda e a terceira novela, Raspútin publicou um longo ensaio, cuja extensão é a de uma novela. O texto é uma espécie de novela ensaística, por unir algo de narrativa com algo do ensaio. *Vniz e vverkh po techênio* (*Rio abaixo, rio acima*) conta a viagem de trem de um escritor, Viktor, para as regiões rurais em que viveu sua infância. Com muitos elementos autobiográficos, o conto apresenta motivos de caráter apocalíptico, pois discute a oposição entre homem e natureza, e o dilúvio é tema importante do texto, representando uma punição pelo

pecado da luta contra a mãe natureza, tornando-se posteriormente um forte símbolo em sua quarta novela.

A terceira novela de Raspútín, *Jiví i pômni (Viva e lembre)*, foi publicada em 1973, nos números dez e onze do “Nach sovreménnik”. A novela é considerada uma das melhores obras da prosa russa da segunda metade do século XX (GORESLÁVSKAIA et al., 2013; 23). Em uma aldeia siberiana, uma mulher, Nastióna, descobre que seu marido, Andrei, fugiu do front e tornou-se um desertor. Ele mora em uma cabana no meio da floresta e ela, que mora na isbá junto com os sogros, vai visitá-lo sob as mais diferentes desculpas. O isolamento de Andrei e seu contato com os lobos da floresta transformam-no gradativamente em um selvagem. Enquanto isso, Nastióna descobre que está grávida e procura esconder dos sogros o acontecimento inesperado, sem muito sucesso. A aldeia toda desconfia de Nastióna e perseguem-na para que conte o segredo. Ela se joga no rio e morre levada pela correnteza, e a guerra termina. A novela retrata com profundidade as dificuldades das mulheres que vivem à espera do marido, ou sem ele após a notícia de sua morte, e sua convivência com os idosos e o assédio dos administradores. A força e as tristezas das mulheres viúvas ou não, é ponto importante no enredo. A psicologia dos protagonistas é trabalhada com maestria, de forma extensa, em alguns momentos um tanto monótona. De todo modo, a polêmica que paira sobre a personagem Andrei é rica, pois o medo dele provém do fato de ter sobrevivido a ferimentos graves na guerra e precisado voltar para o front. Ele não suporta a ideia e vai embora, mesmo sob os riscos de crime capital, punível com a morte.

Nesse mesmo ano, Raspútín publicou um de seus contos mais famosos, “Uróki frantsúzskovo” (“Aulas de francês”), dedicado a Anastácia Prokopiévna Kopylova, mãe de A. Vampilov. O conto é repleto de dados autobiográficos, e retrata o período de transição na vida de Raspútín, da escola primária à secundária, sua viagem a Ust-Uda, suas privações e maneiras de conseguir moedas com jogos de garotos. Além disso, o autor trabalha a descoberta do mundo adulto pela criança, o contato com o carinho e a jovialidade da professora de francês e os rigores do mundo do trabalho.

A década de setenta foi a mais produtiva para a obra artística de Raspútín, pois nesse período estão suas obras mais emblemáticas e mais estudadas pelos teóricos que trabalham, mesmo que brevemente, a “prosa de aldeia” na História da literatura russa. A última grande novela dessa década foi a aclamada *Proschánie s Matióroi (O adeus a Matióra)*, publicada em 1976. A ilha de Matióra, onde está situada a aldeia de mesmo nome, ficará submersa com a construção de uma barragem. A heroína da história, a velha senhora de nome Dária, luta contra

o fim de sua terra natal, onde nasceram e viveram seus ancestrais e onde uma profunda raiz cultural foi estabelecida. Há na novela um embate de gerações, pois o neto de Dária é favorável ao progresso técnico soviético, apesar de todos os resultados desfavoráveis à ilha, enquanto Dária defende veementemente a preservação da história e da natureza de seu torrão natal, sua “pequena pátria”. Há na novela uma aura de misticismo pagão envolvendo as forças da natureza que sustentaram o povo que ali viveu. A população é retirada da ilha para ser conduzida a um condomínio mais moderno em outra região, e a aldeia submerge.

Raspútín nesta novela dá força à sua luta pela preservação dos recursos naturais siberianos, atitude que será reforçada com sua extensa produção publicística iniciada ao fim dos anos 1970, perdurando até o fim de sua vida. Por quase uma década, Raspútín não apresentou uma obra tão extensa quanto suas novelas, alternando entre a publicação de alguns contos com seu trabalho ensaístico. Estes, em sua maioria, voltam-se para fatos históricos da região siberiana e de Irkústk, além de discutir questões de ordem moral e política.

Nem por isso a qualidade literária do autor enfraqueceu, pois nesse intervalo entre novelas surgiram contos como “Vek jiví – vek liubí” (“Viva e ame”), “Chto peredat varony?” (“O que dizer aos corvos?”), “Ne mogu-u..” (“Não consigo-o...”) e “Natasha”, que apresentam uma abordagem diferente dos contos anteriores, mergulhando muito mais profundamente em aspectos psicológicos das personagens e trabalhando com desenvoltura dilemas, alucinações e melancolias. Há nesses cantos uma busca pela alma do homem do campo, por sua integridade moral e espiritual.

Em 1985, Raspútín finalmente retorna ao gênero da novela, com o qual se consagrou, publicando *Pojár (O incêndio)*, texto breve em dezenove partes que retrata um momento crucial da vida de Ivan Petrovich ao tentar, junto com os demais habitantes, combater um incêndio nos depósitos de suprimentos da cidade. Trata-se de uma cidade rural construída para aqueles que foram tirados de suas aldeias natais, suas “pequenas pátrias”, por conta da construção da Usina Hidrelétrica de Brátsk.

O incêndio surge na narrativa como um último sinal do apocalipse da nação soviética, iniciado sutilmente já em *Dinheiro para Maria*, e cujo clímax maior é o fim de Matiôra, por meio do dilúvio, imagem bíblica de destruição e retomada. Mas a retomada é insuficiente, e o incêndio desperta em Ivan Petrovich a melancolia, a nostalgia, e o medo de um futuro infeliz, um caminho sem volta para um fim sem propósito. Raspútín reforça aquilo pelo que lutou desde antes e até o fim de sua vida: a destruição da natureza. E Ivan Petrovitch pergunta à terra silenciosa: você permanecerá em silêncio?

Apesar de não ter sido tão aclamada como as duas obras anteriores do autor, *Pojár* tornou-se símbolo da *glasnost* e alvo das mais diversas críticas, pois outro ponto central da novela é o resultado moral negativo desses reassentamentos, provocados à custa da destruição de todo um passado cultural e de um desenraizamento dos laços do camponês com sua terra para uma região onde os interesses a longo prazo do Estado certamente não eram os mesmos desses novos habitantes, resultando em completa desmotivação.

Como resultado de viagens do autor pela Sibéria, as obras ensaísticas do autor voltam-se para a região, discutindo vários de seus aspectos. Entre 1988 e 1989, é publicado *Sibir, Sibir* (*Sibéria, Sibéria*), uma coletânea de textos que compõem praticamente um banco de dados histórico, geográfico e socioeconômico da região que costumou, e costuma internacionalmente, ser associada à inospitalidade, ao exotismo, e aos campos de trabalhos forçados, quando na realidade ela tem uma população nativa, uma história de desbravamento, foi uma terra em que houve combates e problemas graves durante o período soviético, tanto quanto o houve em outras regiões do território. Raspútín procura mostrar com maior objetividade, sem largar mão da admiração que sente pela terra siberiana, que ela não é exótica, mas exuberante, rica de cultura, recursos esses que precisam urgentemente ser preservados, com atenção especial ao lago Baikal, maior reservatório de água doce do planeta.

Em 1986, Raspútín foi eleito secretário do conselho da União dos escritores da URSS e secretário do conselho dos escritores da RSFSR. Em 1987, recebeu o título de Herói do Trabalho Soviético, e em 1989 foi eleito deputado nacional da URSS. Foi membro do Comitê do Soviete Supremo da URSS para assuntos de ecologia e aproveitamento racional dos recursos naturais e membro da comissão de mandatos do Congresso dos deputados nacionais da URSS. Em março 1990, com a nomeação de Gorbatchov como presidente da URSS, Raspútín foi convidado por ele a ser membro do recém-formado Soviete Presidencial da URSS, cargo que ocupou até novembro do mesmo ano, por discordar de certas decisões políticas.

Antes mesmo da dissolução da União Soviética em 1991, Raspútín assumiu uma posição antiliberal. O autor passou a defender a ideia de que, com a abertura proporcionada pela Perestroika de Gorbatchov, o consumo de cultura estrangeira e a privatização de empresas antes estatais, seriam perigosos e prejudiciais à cultura russa e ao uso dos recursos naturais. A partir de fins dos anos 1980, Raspútín passou a publicar textos acerca da questão do nacionalismo russo, por vislumbrar uma sociedade em decadência. A seu ver, a Rússia entraria em uma situação ainda pior do que já estava, e seu conservadorismo, por consequência, tornou-se ainda mais intenso e recorrente.

O fato de sua assinatura estar presente, entre as de tantos outros autores, em dois textos polêmicos do período, “Carta aos escritores da Rússia” (2 de março de 1990) e “Discurso para o povo” (23 de junho de 1991), ambos assumidamente reacionários, contrários aos rumos que a política russa de todo modo já estava tomando, causou polêmica e de certo modo manchou sua carreira. Raspútín não era só um brilhante escritor, mas uma figura proeminente, possivelmente uma espécie de guru para muitos russos, pela sua presença constante na luta pela preservação da cultura ancestral e da natureza. Sua posição antiliberal provavelmente destoou do que era previsto por muitos, pois suas críticas, antes, voltavam-se para o governo soviético, que estava no fim da linha.

Assumir-se antiliberal não foi o maior problema, e sim sua forma de expressar-se como tal, apoiando publicações tão controversas para uma população insatisfeita. Raspútín reforça em seus textos sobre nacionalismo, já datados de meados dos anos 1990, os problemas das mudanças, e apela ao leitor russo para que não ignore o passado, mas que este esteja sempre ao lado do desenvolvimento e da modernização, pois ao perder-se a alma russa, arraigada ao passado, corre-se o risco de se perder toda integridade moral e espiritual do cidadão russo e sua relação com o próximo e com a natureza. Para Raspútín, o escritor deve ser autêntico às suas raízes, ter em mente sua terra natal, e transmitir as riquezas culturais e éticas que aprendera, para que o homem russo entenda sempre a importância de uma união saudável e humanitária diante de tempos conturbados de mudança social e política.

Em fevereiro de 1992, é escolhido como co-presidente da conferência do Concílio Nacional Russo. Em outubro do mesmo ano entra para o comitê de organização da Frente de Salvação Nacional. Na organização do encontro da União Nacional-Patriótica da Rússia em agosto de 1996, Raspútín é escolhido como membro do Conselho Coordenador e de seu Presidium. Sua presença nos movimentos nacionalistas que tomaram corpo após a dissolução da União Soviética representa fortemente a seriedade com que Raspútín se preocupava com questões dessa ordem.

Durante a década de 1990, Raspútín deu continuidade a seu trabalho artístico e publicou alguns contos esparsos. Entre eles estão “Jenski razgovor” (“Conversa entre mulheres”), “V bolnitse” (“No hospital”), “Izbá” e “Videnie” (“A visão”). Os conflitos interiores das personagens permanecem como elemento principal na construção da narrativa, mas agora desloca-se a perspectiva social e política na qual elas estão inseridas. Gorelávskaja *et al.* (2013), fazem uma síntese temática do conjunto dos enredos desses contos:

Os queridos heróis de Raspútín – pessoas vividas e escrupulosas – tentam compreender a nova e cruel realidade que lhes parece estranha e trágica. Os anos da perestroika, das relações

mercadológicas e da falta de tempo destroem o limiar dos valores morais. As pessoas buscam e avaliam a si mesmas em um complexo mundo contemporâneo (tradução minha). (p. 26)

Dez anos depois da publicação do “Discurso para o povo”, em agosto de 2001 Raspútín publica uma circular na qual considera como profético o texto de 1991. A circular continha críticas às reformas econômicas e, além delas, apresentava um apelo ao então presidente Vladímir Pútín e aos seus agentes de segurança para que se livrassem do ambiente proporcionado por Ieltsin com o objetivo de deter as alavancas de poder (GORELÁVSKAIA et al., 2013; 36). Raspútín teceu diversas críticas ao governo Ieltsin e ao posterior governo Pútín. Uma coletânea de entrevistas realizadas por Viktor Kojemiako foi publicada em 2013 com o título *Eti dvadtsat ybiistbennykh let* (*Esses vinte anos assassinos*).

A última novela do autor foi publicada em 2003 na revista “Sibir”, nº 4, sob o título *Dotch Ivana, mat Ivana* (*Filha de Ivan, mãe de Ivan*). O enredo gira em torno do destino de uma família cuja matriarca, e protagonista, é Tamara Ivánovna Vorotnikóva. Sua filha de 16 anos, Svetka, após o nono ano do ensino básico, termina o curso de balconista e sai em busca de emprego. Durante os dias de sua procura, é ameaçada por um comerciante azerbaijano, até ser estuprada por ele. O caso corre em julgamento, os familiares e amigos do estuprador são intimados para depor, enquanto Tamara espera pela punição. Porém, os promotores, por meio de adulterações de laudos médicos e subornos, decidem absolvê-lo. Indignada pela decisão judicial, Tamara esconde a *obrez* (escopeta de cano curto) de seu pai e mata o estuprador um dia antes de sua libertação. Ela é julgada e vai para a prisão, cumprindo, ao final da novela, apenas quatro anos e meio de sua pena de seis anos.

A novela foi bastante elogiada pela crítica. No entanto, fica a polêmica acerca do fato de ter sido um personagem azerbaijano o causador da desgraça. E Raspútín é acusado de reforçar o “caucasianismo”. Nesse caso, é possível pensar além quando tomamos consciência da posição subalterna das minorias étnicas na história da União Soviética e as diversas rebeliões que aconteceram durante e após sua dissolução. É relevante levar em conta a questão de uma dívida histórica e um rancor étnico ocasionado pelo próprio governo russo. Isso, por sua vez, promove uma onda de crimes cujas vítimas são inocentes.

Raspútín, em sua obra publicística, reforçou a defesa à diversidade cultural dos povos que constituem a nação russa, independentemente de suas crenças religiosas e éticas, pois eles deram forma à Rússia atual. Na União Soviética, os povos das outras nações também eram cidadãos soviéticos, merecedores dos mesmos direitos, mas essa não foi a realidade. O enredo da novela apresenta um questionamento sobre a justiça falha, que absolve o culpado de um crime de estupro baseando-se em provas adulteradas e influenciando-se pelos subornos, e pode

levantar a questão dos maus tratos morais da História. Apesar disso, houve quem o acusasse de xenofóbico e nacionalista radical.

Em julho de 2010, Raspútín entra para o Conselho Patriarcal pela cultura da Igreja Ortodoxa Russa. Ao autor, em sua obra, é recorrente a ideia de que somente o sentimento religioso ortodoxo é capaz de satisfazer a literatura russa, advertindo os leitores do perigo do consumismo, ao se ter em vista o sólido caminho da “autoconstrução” dos princípios morais, e diz em seu texto “Iz glubin v glubiny” (“Das profundezas às profundezas”) que “o amor é a primeira palavra e o ofício da ortodoxia, sua bandeira” (Raspútín, 2015; 73). O tópico aparece desde o começo da carreira artística de Raspútín, especialmente em *Dinheiro para Maria*.

Em 15 de março de 2012, ao completar 75 anos, o autor recebe um telefonema do então presidente Vladímir Pútín pelo motivo de seu aniversário e envia-lhe um telegrama enaltecendo suas contribuições para a cultura russa, reconhecendo-lhe como mestre da literatura russa contemporânea, cuja obra “está impregnada de um amor sincero e profundo pelas pessoas, pela terra natal, sua história e tradições” (*apud* GORESLÁVSKAIA et al., 2013; 40).

Alguns textos marcantes da carreira de Raspútín foram adaptados para o cinema e para a televisão. “Rudolfio”, por exemplo, teve três adaptações: dois curtas em 1969, um dirigido por Dinara Assanova, outro por Valentin Kuklev, e um longa-metragem de 1991, dirigido por V. Davidtchuk. Em 1978, o conto “Uroki frantsuzskovo” foi adaptado para um longa dirigido por Ievguêni Tachkov. Em 1980, foi lançado um curta baseado no conto “O encontro” e um longa baseado em outro conto pouco conhecido, presente em poucas coletâneas, “Prodaiotsia medvejia chkura” (“Vende-se uma pele de urso”), ambos dirigidos por Aleksandr Ityguilov. “Proschanie”, de 1981, baseada em *Proschanie c Matiôroi*, é provavelmente a adaptação mais famosa, e o longa foi dirigido por Larissa Chepitko e Elem Klimov. No mesmo ano, Irina Poplavskaia dirigiu a adaptação em longa-metragem do conto “Vassili i Vassilissa”. Em 1985, *Dinheiro para Maria* foi adaptado como uma peça de teatro televisionada, dirigida por Vladímir Andreev e Vladímir Khramov. *Jivi i pômni* foi adaptado para um filme homônimo em 2008, dirigido por Aleksandr Prochkin.

Valentin Raspútín foi hospitalizado em 13 de março de 2015, e entrou em coma. Morreu na noite do dia 14, um dia antes de completar 78 anos. Em 16 de março Irkútsk estava de luto. O funeral do autor ocorreu em 19 de março, no Znamenski Monastyr, em Irkútsk.

Agora cito certas passagens de alguns autores, que nos permitem realmente classificar Raspútín como um escritor da “prosa de aldeia”. A começar por Kotenko, que diz:

All of Rasputin's novellas deal with precisely this complex period in the recent history of Siberia, for he himself is a product of those turbulent times. It goes without saying that literature and history have quite different functions and employ diverse methods. Moreover, they have dissimilar relationships to the objective and the subjective. The fiction writer does not simply record and evaluate events which have occurred. Neither does he necessarily attempt to present all the social, economic, geographic, and demographic changes which take place in every single layer of society. The stratum of society Rasputin deals with is the native Siberians – the people born and bred of the land. The object of his search is the moral experience of centuries and its interaction with the new – the losses and gains which have come about as a result of the inevitable collision (KOTENKO, 1988, p. 24-25).⁴⁶

Sobre Raspútín, os autores Nedzvétski e Filíppov (2002), mais concisos, apontam a importância do destino das personagens em sua obra e a erudição do escritor, em rico contraste com o vocabulário popular que ele entrega aos seus heróis.

David Gillespie, teórico americano que dedicou uma obra a analisar Raspútín, *Valentin Rasputin and soviet russian village prose* (*Valentin Raspútín e a prosa de aldeia russa soviética*) (1986) também vai fundo em sua pesquisa sobre a prosa de aldeia antes de chegar a seu objeto de estudo, que é a obra de Valentin Raspútín. extensa, mas ele dedica pouco espaço a *Dinheiro para Maria*, objeto de estudo desse trabalho de dissertação. De todo modo, vale destacar uma passagem bastante precisa da prosa de Raspútín.

His themes are those of the village writers: a return to childhood and the past, poignant observation of the changing environment, lyrical appreciation of the beauty of nature, and a questioning of the values of the modern world. Rasputin's prose revolves around a crisis in which relationships are put to the severest test, and ideals have to face actuality. His works embrace all of Soviet reality: the town-village dichotomy, the War and its after-effects, Russian history, social and personal relationships, fears for the future. Indeed, Rasputin offers a particular picture of Soviet and Russian historical evolution as experienced by the ordinary man (or, more often, woman), and in effect redefines the relationship between the individual and his society, the artist and reality. (GILLESPIE, 1986, p. 11-12)⁴⁷

Seguindo por outro texto de Gillespie que trata da “prosa de aldeia”: “village prose is about social change, and feeds on the tension between the new, urban world of social alienation

---

⁴⁶ “Todas as novelas de Raspútín lidam precisamente com esse complexo período na recente história da Sibéria, pois ele mesmo é um produto desses tempos turbulentos. Nem é preciso dizer que literatura e história têm diferentes funções e empregam diversos métodos. Além do mais, elas têm relações dissimilares com o objetivo e o subjetivo. O autor de ficção não apenas registra e avalia eventos que ocorreram. Nem necessariamente tenta apresentar todas as mudanças sociais, econômicas, geográficas e demográficas que tomam lugar em cada camada da sociedade. A classe social com a qual Raspútín lida é a dos nativos siberianos – o povo nascido e criado na terra. O objeto de sua busca é a experiência moral de séculos e sua interação com o novo – as perdas e ganhos que surgiram como resultado da inevitável colisão” (tradução minha).

⁴⁷ “Seus temas são os mesmos dos escritores da aldeia: um retorno à infância e ao passado, uma observação pungente das mudanças ambientais, apreciação lírica da beleza da natureza, e um questionamento dos valores do mundo moderno. A prosa de Raspútín gira em torno de uma crise na qual os relacionamentos são severamente testados, e ideais precisam encarar a atualidade. Seus trabalhos abrangem toda a realidade Soviética: a dicotomia cidade-campo, a Guerra e seus efeitos colaterais, história russa, relações pessoais e sociais, receios do futuro. De fato, Raspútín oferece um retrato particular da evolução histórica soviética e russa experimentada por um homem (ou, mais frequentemente, mulher) comum, e efetivamente redefine as relações entre o indivíduo e sua sociedade, o artista e a realidade” (tradução minha).

and the old, time-honoured traditions and tranquility of the village” (GILLESPIE, 1992, p. 409-410). E Laychuk complementa essa ideia:

Rasputin refuses to see the march of modernization in the countryside as a good thing. There are too many drawbacks, too much sacrifice, too much simplistic thinking, and the promised bright future may well prove to be an illusion. In his view, one should not disdain one’s roots (...), but rather allow for this “other view” and give it its due; the traditions and the values of the past should not be regarded as obsolete and dismissed out of hand. (LAYCHUK, 1993, p. 20-21)⁴⁸

Raspútín é, por fim, depois de toda essa busca por um sentido da “prosa de aldeia”, não só mais um, mas um grande exemplo desse movimento literário. E dentre as novelas do escritor mais utilizadas pelos críticos para provar esse pertencimento não está *Dinheiro para Maria*. O capítulo seguinte analisará a novela em suas camadas cronotópicas para mostrar sua relevância tanto para a obra do autor quanto para a “prosa de aldeia”.

---

⁴⁸ “Raspútín se recusa a ver a marcha da modernização na região rural como uma boa coisa. Há muitos inconvenientes, muito sacrifício, muito pensamento simplista, e o prometido futuro brilhante pode bem provar-se uma ilusão. Em sua opinião, não se pode desdenhar as raízes alheias (...), mas permitir essa “outra opinião” e dar-lhe o que lhe cabe; as tradições e os valores do passado não podem ser considerados como obsoletos e descartados” (tradução minha).

3. Dinheiro para Maria e suas camadas cronotópicas

Um elemento que merece destaque na narrativa de Raspútín é o seu trabalho com o tempo, e a influência deste na apreensão do espaço e do herói. Tempo e espaço em *Dinheiro para Maria*, assim como em toda narrativa, seja histórica ou de ficção, ou mesmo na vida real, são indissociáveis. No entanto, algo mais transparece nessa novela: o fato de coexistirem *dois tempos*, o presente e o passado. Esse elemento da composição do enredo torna mais complexa a narrativa pelo fato de o leitor não estar diante de um simples trabalho com o recurso do *flashback*, mas de uma tentativa de realizar artisticamente temporalidades paralelas.

A grande questão é analisar de que maneira esse paralelismo temporal influencia na dinâmica do texto, em sua intriga, corroborando para o desenvolvimento do herói como sujeito histórico em transformação. Para dar início essa análise, é importante tratar, mesmo que brevemente, de um conceito que contribui como ponto de partida teórico mais apropriado para desbravar os elementos espaço-temporais da narrativa de Raspútín: o cronotopo.

O conceito de cronotopo foi trabalhado por Bakhtin quase exclusivamente no artigo “Formas de tempo e de cronotopo no romance”, presente no livro *Questões de literatura e de estética*, mas possui certo embrião em outro estudo anterior, presente na obra *Estética da criação verbal*. Tomados conjuntamente, os textos se complementam e ampliam a capacidade de interpretação e apreensão de uma ideia que, se baseada em apenas um deles, poderá parecer obscura e, talvez, difícil de se aplicar na análise de uma obra artística.

Como será visto a seguir, uma mesma narrativa comporta mais de um cronotopo, que englobam um ao outro sem que haja exclusão, e sim diálogo, tornando o texto mais complexo e profundo em relação à própria vida humana e ao entendimento do homem.

3.1. Resumo sobre o cronotopo bakhtiniano

Bakhtin desenvolveu o conceito de cronotopo de modo mais detalhado em seu texto “Formas de tempo e de cronotopo no romance”, mas a ideia da relação entre tempo, espaço e sujeito foi trabalhada um pouco antes, em outro artigo, intitulado “O romance de formação e sua importância na história do realismo”. Neste, já se vislumbra o cronotopo, mas ainda não em sua forma específica.

Bakhtin define, neste artigo, que “o tema central do nosso trabalho são o espaço-tempo e a imagem do homem no romance”. E prossegue: “o nosso critério é a assimilação do tempo histórico real e do homem histórico nesse tempo” (BAKHTIN, 2011, p. 217), completando a ideia ao especificar seu caráter teórico-literário. Assim sendo, ele aponta o romance de

formação goethiano como ponto de ruptura na história do romance por tornar o herói romanesco menos estático, mais dinâmico e dialógico.

Dialógico no sentido da relação que ele estabelece em sua posição contextual, diante do tempo histórico, do espaço e das demais personagens, representantes de camadas sociais distintas. Das relações dialógicas e do sujeito em formação na forma narrativa, temos o terreno para o desenvolvimento do romance moderno, e, quiçá, do romance polifônico.

Sobre o tempo, nesse artigo, Bakhtin trata de sua indissolubilidade em relação ao espaço e ao desenvolvimento humano, e vice-versa. Estando todos entrelaçados, cria-se um todo dinâmico, e tudo se torna complexo e rico ética e esteticamente:

A capacidade de *ver o tempo, de ler o tempo* no todo espacial do mundo e, por outro lado, de perceber o preenchimento do espaço não como um fundo imóvel e um dado acabado de uma vez por todas mas como um todo em formação, como acontecimento; é a capacidade de ler os *indícios do curso do tempo* em tudo, começando pela natureza e terminando pelas regras e ideias humanas (até conceitos abstratos) (BAKHTIN, 2011, p. 225).

E é ao analisar o romance *Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister*, de Goethe, que Bakhtin vai tratar da visão histórica do autor alemão e, em seguida, do cronotopo especificamente (Paulo Bezerra traduziu o termo como “cronótopo”):

Por isso tudo é intensivo no mundo de Goethe: nele não há lugares mortos, imóveis, paralisados, não existe fundo imutável, não existe decoração nem ambiente que não participe da ação e da formação (nos acontecimentos). Por outro lado, em todos os seus momentos essenciais esse tempo está localizado em um espaço concreto, marcado nele; no mundo de Goethe não há acontecimentos, enredos, motivos temporais que sejam indiferentes a um determinado lugar no espaço da realização, que possam realizar-se em toda a parte e em lugar algum (os “eternos” enredos e motivos). Tudo nesse mundo é *tempo-espaço, cronótopo* autêntico. (BAKHTIN, 2011, p. 245)

Pouco tempo depois em sua produção teórica, Bakhtin tratará do cronotopo na história do romance, começando do romance grego e finalizando com o papel do riso em Rabelais em contraposição à sublimação idílica de romances posteriores a *Gargântua e Pantagruel*. Esse texto parece encaixar-se com o anterior, pois juntos, eles completam uma lacuna.

“Formas de tempo e de cronotopo no romance” realiza uma análise extensa de variados tipos de cronotopo, sequenciados historicamente. Em suas observações finais, Bakhtin trata o cronotopo em diferentes níveis, que se englobam e interagem entre si, e que apresentam diferentes níveis de abstração.

Bemong e Borghart (2015) estruturaram esses diferentes níveis cronotópicos, classificando-os em cinco: os “microcronotopos”, os cronotopos “locais”, os cronotopos “dominantes”, os cronotopos “genéricos” e, por fim, os cronotopos de “enredo-espaço”. (BEMONG & BORGHART, 2015, p. 21-23).

Os microcronotopos estão diretamente ligados à linguagem, em seus menores elementos, da sintaxe às palavras (se tratarmos do texto escrito), pois eles carregam uma energia que dá corpo ao texto, provavelmente por estarem ligadas aos códigos estabelecidos ao longo da história e às cargas de sentido constantemente em transformação. Com os microcronotopos, é possível até mesmo analisar os aspectos espaço-temporais de um texto lírico. Na novela de Raspútin, um elemento que se adequa bem a esse nível cronotópico é a configuração da linguagem dos aldeões em contraposição à dos cidadãos abastados do vagão de primeira classe e a oposição entre as vozes das personagens e a do narrador.

Os cronotopos locais são pequenos blocos motivicos dentro da narrativa que comportam quatro dimensões – as três do espaço, mais o tempo que transcorre. Esses cronotopos são englobados por outros cronotopos, mas têm seu papel essencial, pois preservam sua importância dentro da narrativa, enriquecendo as relações cronotópicas maiores. Dentro do cronotopo da aldeia em *Dinheiro para Maria*, por exemplo, temos tanto o cronotopo das isbás quanto o do centro administrativo, assim como o da natureza.

Os cronotopos dominantes constituem-se como elementos maiores, que englobam outros cronotopos e que dialogam entre si, estabelecendo relações de oposição que enriquecem a intriga, a ponto de torná-la cada vez mais próxima do que Bakhtin definira como “cronotopo autêntico”, pois nada é historicamente arbitrário numa criação artística. Em *Dinheiro para Maria*, cronotopos dominantes são o da aldeia e o do trem, justamente por apresentarem espaços completamente diferentes, mas não desligados um do outro, e pela diferenciação de tempo verbal e de ponto de vista, no que concerne à estrutura linguística da narrativa.

O cronotopo genérico funciona principalmente para diferenciar uma obra artística em relação às demais. Podemos dizer que *Dinheiro para Maria* apresenta como cronotopo genérico o “cronotopo do limiar”, que engloba todos os cronotopos descritos anteriormente e é enriquecido por eles, ganhando corpo e camadas, tornando-se complexo em seus vários elementos englobados.

Por fim, com o mais alto nível de abstração, há o cronotopo de “enredo-espaço”, ou monológico ou dialógico. O primeiro abarca textos de caráter teleológico, que prezam por um equilíbrio final, enquanto o segundo se atenta aos conflitos, principalmente de natureza psicológica. *Dinheiro para Maria* enquadra-se no segundo tipo, principalmente por não apresentar um final marcado por um equilíbrio. Longe disso, sua totalidade temporal não abarca uma conclusão, e sim um pedaço da vida do herói.

Segundo Bakhtin, entre os cronotopos da obra literária e o do mundo real existe uma

troca. O mundo real penetra no mundo representado e a obra literária “é dirigida para fora de si”, para o mundo real, adquirindo novo significado (BAKHTIN, 2014, p. 358-359). Pode-se acrescentar que o contrário também ocorra – o mundo real pode adquirir novo significado quando o leitor apreende o cronotopo de uma obra artística.

As relações entre os cronotopos internos à obra e o cronotopo do mundo real adquirem significado quando há, entre eles, a mediação de um autor-criador. E Bakhtin questiona: de que ponto espaço-temporal ele observa os acontecimentos representados?

Essa questão Bakhtin responde: o autor observa contemporânea e historicamente, em diálogo com a arte e o mundo no presente em que se encontra e em diálogo com o passado, que está sempre em renovação. E ele complementa: “A relação do autor com as diferentes manifestações literárias e culturais assume um caráter dialógico, análogo às inter-relações entre os cronotopos do interior da obra” (BAKHTIN, 2014, p. 360).

O trabalho de análise a seguir é uma interpretação dos diferentes cronotopos presentes em *Dinheiro para Maria*, de alguns microcronotopos até a autenticação do cronotopo dialógico, e a discussão das relações que eles estabelecem entre si. Sejam englobantes ou de oposição, de todo modo elas entregam profundidade e verdade ao herói e à sua história.

3.2. Uma narrativa em dois tempos

Há dois aspectos que se destacam em *Dinheiro para Maria* quando se trata do seu nível microcronotópico, quais sejam, a diversidade de variações linguísticas e os dois tempos verbais utilizados para orientar as duas temporalidades distintas da narrativa. O primeiro aspecto foi tratado já na nota introdutória à tradução, mas ainda podemos complementar o que foi dito, agora na ordem da análise cronotópica da narrativa. Mas será no segundo que nos deteremos por mais tempo.

As variações linguísticas são importantes para a narrativa pois elas a localizam no tempo e no espaço. Estamos tratando de uma aldeia inserida em uma propriedade coletiva, portanto temos pessoas que fazem parte de diferentes hierarquias, no nível administrativo, de diferentes culturas, o que implica também o nível educacional, e de diferentes gerações. Não sendo excludentes, essas classificações de correlacionam para a caracterização linguística de uma personagem e a verdade de sua história.

O autor parece bastante preciso quanto ao seu trabalho de refletir a linguagem de seus personagens tendo em vista o meio e a época retratada. Temos na aldeia variações muito ligadas ao nível educacional dos aldeões. Ievguíeni Nikoláievitch é o caso mais próximo de uma norma

padrão da língua. Vovô Gordiêi, ao contrário, é caracterizado como o extremo oposto, o menos escolarizado, e isso se reflete em suas inversões sintáticas e em usos de palavras de baixo calão. Entre eles está uma maior gama de personagens com vocabulários semelhantes, e dentre eles encontra-se Kuzmá. Maria, por mais que seja dito que é praticamente analfabeta, não apresenta tantos exemplos de fala que possibilitem uma classificação precisa.

Já durante a viagem, temos a representação da norma padrão na linguagem dos três cidadãos abastados do vagão de primeira classe, enquanto na segunda classe temos uma variação linguística muito mais próxima da de Kuzmá.

O uso da língua por parte do narrador é padrão. Por mais que em certos momentos o discurso indireto livre predomine, é a variação do narrador que se sobrepõe.

Cronotopicamente falando, a presença dessas variações linguísticas torna a narrativa muito mais rica e dinâmica. O caráter dinâmico se dá pelo fato de não lermos exclusivamente a linguagem do narrador, ou um certo tom único proveniente do autor-criador. Quando se inserem no texto, essas outras vozes diversificam e aprofundam o sentido deste, pois localizam-no historicamente no tempo e no espaço. Não se trata de um narrador universal regendo a novela inteira, pois sobressaem-se vozes diversas que têm base no mundo real que envolve o autor-criador, e que devolvem a este mesmo mundo real a sua relevância, pois por meio dessas vozes podemos desvendar, como estrangeiros dessa língua, todo um novo mundo siberiano.

O segundo aspecto, referente aos tempos verbais, tem também seu peso para a configuração da totalidade temporal da narrativa. Logo no primeiro episódio da narrativa, temos a cisão do tempo, e do ponto de vista. Não digo que há cisão na voz narrativa, pois isso incorreria em inverdade, já que é possível notar que a voz é a mesma. Definir a voz, a meu ver, corresponde a responder à questão dada por Bakhtin sobre o autor-criador: *de onde* ele vê no espaço-tempo? Nota-se que a voz está muito próxima da aldeia, por mais que ele a deixe junto com Kuzmá, pois ela sabe dos costumes, e adentra o psicológico de mais de um personagem. Mas tudo isso nós veremos a seguir. Partamos da cisão:

Tornou a deitar-se ao lado de Maria e adormeceu. Teve um sonho em que andava no mesmo carro que o despertara. Os faróis não estão acesos, e o carro roda nas trevas. Mas eles subitamente se acendem e iluminam uma casa, e o carro estaciona perto dela. Kuzmá sai da cabine e bate na janela.

A partir do momento em que sonha, a narrativa passa do passado para o presente. E segue pelo presente até o momento em que Kuzmá para na loja de outro kolkhóz e a narrativa no passado retorna, anterior ao próprio passado do início da novela. E assim transitamos entre dois tempos diferentes, que adquirem configurações diversas e se complementam em sua

relação de oposição. Com a cisão, os tempos tornam-se paralelos, e voltam a se encontrar ao fim, quando o primeiro momento de insônia de Kuzmá fica mais longínquo temporalmente.

Adiante, demonstrarei porque essa relação entre dois tempos diversos vai além da estrutura de um *flashback*, por mais que ele exista. Para tanto, voltarei minha atenção para os focos narrativos adotados pelo autor. Enquanto a voz narrativa se relaciona à localização espaço-temporal do autor, o ponto de vista se aproxima da abrangência dessa voz na narrativa, o quanto ela nos permite observar da história retratada.

Para tratar do ponto de vista em *Dinheiro para Maria*, tomarei como referência o artigo “O ponto de vista na ficção”, de Norman Friedman (2002), publicado em 1967. O ponto de partida de Friedman é diferenciar sumário narrativo e cena imediata, ou seja, contar e mostrar. Friedman diz:

A principal diferença entre narrativa e cena segue o modelo geral-particular: o sumário narrativo é uma apresentação ou relato generalizado de uma série de eventos cobrindo alguma extensão de tempo e uma variedade de locais, e parece ser o modo normal, simples, de narrar; a cena imediata emerge tão logo os detalhes específicos, contínuos e sucessivos de tempo, espaço, ação, personagem e diálogo começam a aparecer (FRIEDMAN, 2002, p. 172).

Tomando como referência inicial essa diferenciação, podemos perceber que a voz narrativa, sumariza eventos quando está no passado, ou seja, conta os eventos, e quando está no presente ela mostra a cena. Resta-nos então definir quais pontos de vista correspondem a cada tempo. Mas, para isso, é importante levar em conta o quanto essa voz parece apagar-se da narrativa. E podemos muito bem dizer que, em *Dinheiro para Maria*, ela está presente a todo momento.

A voz narrativa, no passado, pode ser classificada, conforme os termos de Friedman, como “autor onisciente intruso”. Em quase todo o tempo passado, a voz nos conta os passos de Kuzmá, ela nos diz o que ele pensa e o que diz, mas não apenas isso: ela relata fatos anteriores, como a parceria entre Kuzmá e Vassíli com o caminhão de entregas, descreve-nos quem são e o que fazem Ievguiéni Nikoláievitch e Vovô Gordiêi. Esse autor onisciente intruso dedica parte de sua narrativa a Maria, algo inesperado quando nós, leitores, estamos visualizando exclusivamente a busca por dinheiro de Kuzmá.

Além disso, ela tece comentários sobre os fatos. Ao falar de Roza e seu comportamento desleixado, o narrador diz: “tente provar que ela estava passeando”; ou antes, quando Kuzmá tenta pegar no sono: “parece que dorme perto de uma fogueira: quando você vira para um lado, o outro passa frio”, e, por fim, quando tece uma máxima: “Quando um homem está chegando aos cinquenta anos, é difícil dizer se tem amigos ou não”. Friedman diz: “A marca característica,

então, do Autor Onisciente Intruso é a presença das intromissões e generalizações autorais sobre a vida, os modos e as morais, que podem ou não estar explicitamente relacionadas com a história à mão” (FRIEDMAN, 2002, p. 173).

E o que dizer do narrador no presente? O ponto de vista muda de abrangência e limita-se muito mais. Durante a viagem de Kuzmá, predominam as cenas, e os atos e pensamentos são descritos no exato momento em que acontecem no tempo-espaço. Temos acesso exclusivamente à visão de Kuzmá sobre coisas, pessoas e situações, e o autor funde sua voz com a do herói por meio do discurso indireto livre e assim identifica-se com ele. Trata-se aqui de uma “onisciência seletiva”, na qual “o leitor fica limitado à mente de apenas um dos personagens. Logo, em vez de ser-lhe permitida uma composição de diversos ângulos, ele encontra-se no centro fixo” (FRIEDMAN, 2002, p. 178)

No entanto, o autor, no momento de definir sua posição ideológica, exime-se de qualquer responsabilidade. No episódio da cabine da primeira classe, o narrador evita o discurso indireto livre e, conseqüentemente, a concordância de visão de mundo, bastante comprometedora. Ao invés disso, ele abre espaço para o pensamento exclusivo de Kuzmá: “‘Pois é, são todos uns tolos, você é o único sabido’, Kuzmá pensa, mas fica calado”. O autor não está próximo da aldeia e dos camponeses somente na obra artística, mas também em sua relação dialógica com o mundo real, opressivo e censor, da cultura soviética. Por isso Kuzmá apenas pensa e não diz, pois o uso de sua voz para a contestação pode ser perigoso.

Esse aspecto converge para o que dissemos mais acima: a voz narrativa vê de muito perto a aldeia e seu herói, está ao seu lado e assume, mesmo que indiretamente, a visão de Kuzmá, as suas razões, e mantém-se próximo daqueles que entendem o herói, ou que sabem o que é realmente a vida no campo, por mais que seus comportamentos sejam questionáveis. A voz narrativa se opõe àqueles do vagão de primeira classe, que ou se perderam da raiz aldeã ou nunca foram dela, deixando de entender a ela e a suas dificuldades. Essa polarização (não maniqueísta, diga-se de passagem), aproxima bastante a novela das características da “prosa de aldeia”.

3.3. O cronotopo da aldeia

Segundo a definição dada por Bemong e Borghart, pode-se dizer que há três cronotopos dominantes em *Dinheiro para Maria*. O primeiro que nos aparece é o do caminho de ferro, muito semelhante ao da “estrada”, analisado por Bakhtin em suas considerações finais e que cabe bem em nossa proposta de análise. O segundo é o da aldeia, que se contrapõe ao primeiro.

O terceiro é o da natureza, e considero-o dominante e não local por estar presente em toda a obra, mesmo inserido nos dois cronotopos acima destacados. Analisaremos primeiro o cronotopo da aldeia porque, mesmo que os tempos apresentem certa independência estética, cronologicamente os fatos que ocorrem na aldeia antecedem a viagem.

Como vimos ao tratarmos da “prosa de aldeia”, as aldeias funcionam como microcosmos, e cada uma delas possui seus próprios modos, sua própria cultura. Para os autores do movimento, a aldeia apresenta a base mais antiga e rica da sociedade. Esse viés conservador surge de uma revisão dos sofrimentos passados no campo desde o período da coletivização das terras, portanto, tudo o que está relacionado ao progresso promovido pelo Estado é recebido com insegurança e ideologicamente rejeitado.

Em *Dinheiro para Maria*, é o desfalque na loja que põe à prova essa caracterização idealizada da aldeia, pois com a busca por dinheiro são desveladas as personalidades de alguns aldeões e é denunciado um problema de má administração estatal. Até que ponto a aldeia é boa? Até que ponto é culpa dela o fato de Kuzmá precisar viajar à casa de seu irmão? Essas questões importam porque são retomadas nas novelas posteriores do período soviético do autor.

O autor define a época do ano em que se passa a intriga: são fins de outono, período de entressafra, com a colheita realizada e as pessoas preparando-se para as festividades. Para a aldeia, é um momento coletivo, em que todos comemoram juntos e recordam memórias, mas para Kuzmá, Maria e seus filhos, o caráter coletivo assume outra configuração, a da necessidade. Presume-se que não seja apenas necessidade da parte deles, afinal a loja ficaria sem atendente e fechada novamente, um empecilho para a maioria dos aldeões.

A narrativa não assume que todos da aldeia tiveram notícia do desfalque, mas algo acontece entre o que é projetado por Kuzmá para o período de festas e o que realmente está visível para ele. Antes da notícia dada pelo fiscal, assa-se um porco em algum lugar por perto – depois disso, nada parecido acontece, e a aldeia entra em estado de suspensão, torna-se distante. Momento interessante que ilustra essa situação é quando Kuzmá decide ir à administração pela segunda vez:

O dia ficara nublado e opressivo, pesado e decadente em seus horizontes. Estava quieto, tudo em redor parecia abandonado e desarrumado, como se um proprietário já tivesse ido embora daqui e o outro ainda não tivesse sido encontrado. E era assim – nem outono, nem inverno. O outono já estava aborrecido, mas o inverno não chegava. Névoas arrastavam-se sorrateiramente sobre as isbás, e não se atreviam a subir para o céu, como se ainda não fosse hora para isso. Com aspecto melancólico, sem saberem o que fazer, os cães perambulavam pela aldeia. Crianças espiavam das janelas, mas não iam para a rua, e ela estava vazia. A mata atrás da aldeia escurecia inquieta e solitária.

Todos esperavam alguma coisa. Esperavam os feriados, quando poderiam

festejar. Esperavam o inverno, quando começaria novo trabalho e viriam novas preocupações. Esperavam o dia de amanhã, que estava mais próximo que os feriados e o inverno. E o dia de hoje, ao que parecia, era desnecessário para todos, que só queriam deixá-lo passar. Apenas Kuzmá, sozinho, a quem o dia começara com sucesso, aguardava a prolongação desta fortuna, e depositava nele suas esperanças.

Na visão de Kuzmá (que importa para a definição do cronotopo), paira pela aldeia certa apatia. E a sensação é retomada a caminho da casa do presidente do kolkhóz:

Era estranho perceber que tal sensação decorria do fundo de seu cansaço, pois a aldeia não dormia, apenas esperava passar as horas de transição, completamente inúteis, entre o dia e a noite; depois, quando baixasse a escuridão completa, seria possível ocupar-se com algum trabalho, fazer qualquer coisa, até a hora de dormir, mas agora é preciso apenas esperar – essa é uma hora infrutífera.

Todos esses momentos convergem para a ineficiência de se apelar exclusivamente para a aldeia. Afinal, trata-se de um microcosmo inserido em um sistema administrativo onde não se ganha muito em dinheiro, mas em provisões. Aldeões têm dinheiro, mas têm necessidades. Por ser uma vida difícil, não há muito a ser feito, e os diálogos entre Kuzmá e vovô Gordiêi apontam esse problema.

Nesse sentido, as isbás funcionam como cronotopos locais, porque elas aprofundam o cronotopo dominante da aldeia. A cada visita que Kuzmá faz, desvela-se uma faceta diferente da imagem ideal do aldeão, e sua própria isbá passa a refletir o estado desesperador do herói. Com o tempo que passa e o prazo que se aproxima, o espaço se descaracteriza.

A primeira casa a ser visitada é a de Ievguiêni Nikoláievitch. Lá, o tempo transcorre de forma variada, pois depende da impressão tida por Kuzmá em cada momento – ora o tempo corre, ora ele se retrai. Primeiro, “o despertador martelava quase parando”, mas depois “As batidas aceleradas do despertador tornaram a surgir, tocavam alto, com ansiedade”. A apreensão do tempo depende muito do estado emocional do herói.

A casa de Vassíli, por sua vez, é mais próxima da apatia que envolve o restante da aldeia, pois do momento em que entra Kuzmá até a hora que eles se despedem, nada de importante acontece, e, no texto, nem mesmo há a sombra do dinamismo proporcionado esteticamente pelos diálogos, e quando há diálogo, ele marca a separação e o fracasso da busca.

Já a visita à casa de Stepanída é esteticamente mais dinâmica, e isso se deve à tentativa frustrada de vencer a avareza da personagem. Sua sobrinha, Gálka, em estado de rebeldia juvenil, torna o conflito mais tenso e o atrito entre as duas ultrapassa o problema da família em desequilíbrio. Trata-se de um conflito entre gerações, cada uma delas com seus respectivos defeitos morais. Gálka é mais jovem e desafia os padrões morais ao esbanjar sensualidade, Stepanída é avarenta, e os dois casos são reflexo do tempo de vida de cada personagem. A

primeira encontra-se em um período pós-Stálin, de desconstrução de conceitos, de questionamento, enquanto a segunda passou pela guerra e presenciou a fome e a miséria. Ambas querem impor seus pontos de vista, pois não deixam de ter suas razões, e isso acaba levando a nada. É importante este episódio pois ele dialoga com outro momento da narrativa, assim como dialoga com o mundo real da época, tornando-se reflexo dos problemas soviéticos do passado e de seu presente.

Na aldeia, existe a bondade. Ievguiéni Nikoláievitch ajuda Kuzmá financeiramente, mas também moralmente, ao tentar animá-lo. Stepanída faz o possível para evitar gastos, e isso, por mais que pareça deplorável moralmente, é uma espécie de luta pela sobrevivência. A avareza tem suas razões econômicas, já que *Dinheiro para Maria* destaca a vida de privações de uma aldeia, tanto nas descrições do narrador sobre a vida de Kuzmá, quanto nas falas e em personagens como Vovô Gordiêi e Vassíli.

Kuzmá consegue dinheiro com tia Natália e com os especialistas do kolkhóz. O episódio no quarto da velha senhora é exemplo de tempo paralelo, no limiar, pois ela está entre a vida e a morte por ter sido uma mulher que passou do dinamismo, exacerbado pela necessidade de sobreviver, para a inação. Por ser uma quantia destinada a um evento futuro, seu recebimento parece temporalmente deslocado e inapropriado, e isso se deve à relação entre o dinheiro e a morte, que é a finalização de um tema humano.

Destaca-se também a importância do cronotopo da administração do kolkhóz, chefiada pelo presidente. Em todos os momentos em que este aparece, seus diálogos são breves, apressados, e as resoluções, imediatas. Assim ele consegue convencer a todos os especialistas, pela surpresa de um tempo mais ligeiro que os deles próprios. Polína, a secretária, também é rápida, conta as notas com destreza, e o guarda-livros é eficiente, e age com lentidão e por puro desprazer.

A casa de Kuzmá também se transforma com a tragédia do desfalque. Construída não muito antes do evento fatídico, ela servia como símbolo de renovação, mas cede ao desencanto, e o que mais se transforma com isso é o comportamento das crianças. Antes elas gritavam à noite, e sua mãe ralhava com elas, mas depois de toda a preocupação

As crianças também se puseram quietas, cessaram a algazarra e a gritaria. Ouviam cada palavra dos adultos e esperavam o que aconteceria a seguir. Nunca se separavam uma da outra, por medo. Ficavam por perto, enfileiradas, e olhavam para a mãe, mas ela não as notava.

A isbá era grande, nova, mas o silêncio reinava nela, como se estivesse abandonada.

A aldeia em si é dinâmica, mas ela perde esse aspecto aos olhos de Kuzmá porque ele

quer dela mais do que ela pode oferecer, mais do que ela é capaz de oferecer sem correr riscos. Existe um saldo moral positivo no fim, mas negativo financeiramente. Os diferentes cronotopos locais aprofundam um cronotopo dominante, o da aldeia, e demonstram que esse espaço passou por dificuldades durante sua história, dificuldades que se refletem no comportamento dos camponeses, vítimas do processo.

3.4. O cronotopo da estrada de ferro

Existe um paralelo entre o cronotopo da estrada em Bakhtin e o cronotopo da viagem em *Dinheiro para Maria*. Segundo Bakhtin,

Na estrada (“a grande estrada”) cruzam-se num único ponto espacial e temporal os caminhos espaço-temporais das mais diferentes pessoas, representantes de todas as classes, situações, religiões, nacionalidades, idades. Aqui podem se encontrar, por acaso, as pessoas normalmente separadas pela hierarquia social e pelo espaço, pode surgir contrastes de toda espécie, chocarem-se e entrelaçarem-se diversos destinos. As séries espaciais e temporais dos destinos e das vidas dos homens se combinam de modo peculiar, complicando-se e concretizando-se pelas *distâncias sociais*, que não [são] superadas. Este é o ponto do enlace e o lugar onde se realizam os acontecimentos (BAKHTIN, 2014, p. 349-350).

É exatamente isso o que acontece no cronotopo dominante da viagem em *Dinheiro para Maria*: diversos tipos de pessoas cruzam seu caminho com o de Kuzmá e desse encontro resultam afinidades e atritos, dependendo da distância hierárquica entre os sujeitos, as condições de vida e a história de cada um. Estabelece-se na viagem um diálogo bastante preciso com o cronotopo da aldeia.

Nesse cronotopo dominante, existem alguns cronotopos locais, quais sejam, o do ônibus, o da loja, o da estação de trem, os vagões de primeira e de segunda classe, e o da cidade. Vale destacar que todos esses cronotopos têm lugar cronologicamente após a experiência do herói na aldeia, ou seja, carregam consigo o peso de uma derrota, e a esperança de uma conquista. Sendo assim, as impressões de Kuzmá são delimitadas por uma sequência anterior de eventos e a projeção de um futuro.

O ônibus é a primeira etapa do caminho de Kuzmá rumo à casa do irmão Alekséi. Cruzando o campo e superando os relevos, o ônibus é dinâmico, enquanto os passageiros mantêm-se estáticos, presos a seus assentos delimitados e a seu próprio tempo. Até mesmo Kuzmá decide não trocar de lugar. É uma travessia solitária para todos:

Os passageiros estão em silêncio – o mau tempo tornava-os carrancudos e taciturnos. Se alguém troca palavras, é a meia voz, incompreensível. Não há sequer vontade de pensar. Todos estão sentados, agarrando-se ao encosto da frente quando o ônibus sacoleja e arranjando posições mais confortáveis – preocupados apenas com sua própria viagem.

Na loja da segunda aldeia, contrapõem-se dois cronotopos: o desta loja e o da loja da aldeia de Kuzmá. A loja da outra aldeia aparece primeiro em *Dinheiro para Maria*, mas a impressão de Kuzmá vem carregada de receios e frustrações relacionadas à loja de sua aldeia, ainda desconhecida dos leitores. Especialmente semelhantes, ambas carregam a imagem da balconista rodeada de mulheres. A grande questão aqui é que a versão da imagem da loja que Maria administrava não resistiu e perdeu-se no passado, enquanto a da outra loja ainda resiste no presente. Cronotopos que sofrem diferentemente com a ação humana e o contexto histórico.

A chegada na estação de trem é o momento decisivo para Kuzmá: ele está no limiar entre campo e cidade, e o estranhamento causado é representado pela concatenação de eventos bagunçados, de difícil apreensão.

Aqui, na estação, uma chapa de ferro ribomba no telhado, papéis e bitucas são varridos pela rua, e as pessoas trotam de modo estranho – ou o vento as carrega, ou dão conta dele, correndo sem ajuda para onde precisam. Anunciando a chegada e a partida dos trens, a voz do alto-falante quebra-se em pedaços, atropela-se e é impossível de compreender. Os apitos das locomotivas e os estridentes assobios dos trens elétricos parecem alarmes, sinais de perigo que devem ser esperados a cada minuto.

Podemos analisar a estação de trem em duas perspectivas distintas: por sua função cronotópica e pela visão cronotópica de Kuzmá. No primeiro caso, aproximamo-nos da definição da estrada de Bakhtin, pois na estação cruzam-se diferentes pessoas, vindas de diversas regiões do país, e com pontos de vistas históricos distintos em relação à vida e os caminhos a serem trilhados por conta das mais variadas necessidades. E essa definição aqui é subvertida, pois ninguém cruza o caminho de Kuzmá diretamente. Kuzmá está só, diferindo da clássica imagem da ferrovia como ponto de encontro de personagens. No segundo caso, por sua vez, temos um herói em seu momento decisivo: se ele passa desse limiar espaço-temporal, não haverá volta, exceto quando concluída sua missão de busca, seja positiva ou negativamente.

No vagão de primeira classe, nota-se um jogo de hierarquias. A começar pela encarregada do vagão, que despreza Kuzmá, que não pertence ao nível requerido para entrada no ambiente. Em certo momento de discurso indireto livre, Kuzmá pensa a respeito dela: “A dama se fará de importante, mesmo sendo da mesma origem que ele e melhor em nada. Só o trabalho é outro. É isso que o trabalho faz com as pessoas”. Mas ela é subordinada de funcionários do alto escalão, e comporta-se diante deles do mesmo modo como Kuzmá portou-se diante dela. Mesmo dentro da cabine, o coronel e homem de camiseta branca, que não são sequer apresentados, agem respeitosamente a figura de Guennádi Ivánovitch.

No vagão, por mais cordial que seja a relação entre os dois e Kuzmá, o rebaixamento

das origens deste é evidente. Mas é Guennádi Ivánovitch que implica de forma mais grosseira e preconceituosa, estereotipando a imagem das aldeias e seus aldeões. Aqui ocorre um conflito de posições espaço-temporais que colocam em jogo as transformações históricas e as mudanças e paradigmas.

É possível dizer que Guennádi Ivánovitch também tem suas razões para criticar a aldeia. A respeito dos investimentos estatais na agricultura, Kenez (2015) diz:

Em termos mais concretos, o aumento do investimento na agricultura significava a disposição de pagar preços mais altos pelos produtos agrícolas às quintas coletivas. Os planejadores acharam que estes incentivos materiais estimulariam os camponeses a produzir mais. Além disso, em consequência do programa de Brejnev, o país expandiu as indústrias que forneciam fertilizantes e máquinas às quintas (...). Contudo, o investimento na agricultura teve de ser feito à custa da produção de bens de consumo e do investimento num maior crescimento económico.

(...) Com o passar do tempo, o valor dos subsídios agrícolas foi aumentando, acabando por absorver um quarto do orçamento soviético. Era um desenvolvimento irónico: a União Soviética investia mais na agricultura do que qualquer país industrial, e ainda assim era incapaz de proporcionar um regime alimentar decente à população (KENEZ, 2015; 291).

Seu discurso tem base histórica, mas a avaliação dos fatos é unilateral e injusta na crítica ao papel dos camponeses. A maldade em Guennádi Ivánovitch reside no fato de tecer seus comentários ácidos justamente por não se aceitar em um mesmo nível que Kuzmá, que simplesmente arriscou-se para tomar o trem o mais rápido possível. As outras duas personagens tentam atenuar os comentários do companheiro de viagem, mas ainda assim rebaixam a situação social de Kuzmá. A situação insustentável é consertada de forma polida, mas não menos injusta, e o herói parte para a segunda classe.

No vagão de segunda classe, a presença do casal de idosos e do rapaz cria um ambiente de debate semelhante ao da isbá de Stepanída, mas dessa vez questiona-se apenas o comportamento da geração mais nova. O rapaz é alcoólatra e infiel, justificando seus atos moralmente questionáveis como naturais aos seres humanos, que o repreendem por medo e nada mais, perdendo o melhor que a vida pode oferecer. Há aqui a mesma impulsividade de Gálka, que o autor parece reforçar historicamente ao colocar novamente alguém mais jovem diante de outros mais velhos. Mas o rapaz não é ruim, e em seu diálogo com Kuzmá, ele se mostra sensível, mas muito mais perdido, desprovido de um propósito de vida.

O casal de idosos, por sua vez, não pensa de forma igual: enquanto a velha acredita que a bondade e os bons valores vieram todos do campo, Seriója, seu esposo, afirma que “falta de respeito com a mulher também vem da aldeia”, quando o tema se volta para a infidelidade. Em uma simples fala, Seriója põe em xeque e desconstrói a idealização dos valores do campo. Até mesmo Kuzmá foi infiel com Maria, independente de suas razões. Assim, relativiza-se uma das

principais marcas da “prosa de aldeia”: o campo como centro da bondade e da preservação da moral, em contraposição ao abuso e destruição dos valores, provenientes da cidade. Há o embate de ideias derivadas de diferentes experiências de vida.

Nota-se, portanto, que cada vagão representa em si toda a carga histórica e cultural, de tradições e valores das camadas sociais que os frequentam.

A cidade é o ponto de chegada do herói e o objetivo último da narrativa, nela se concentra a expectativa de sucesso. A coincidência havida pela mudança climática, na percepção de Kuzmá, adquire caráter simbólico, tendo em vista o quanto a sensação de estar errado o dominou em seu percurso. Com a interrupção da narrativa diante da casa de Alekséi, cronotopicamente a cidade é um fim e não um meio.

O irmão Alekséi também é importante cronotopicamente, pois representa a camada da população camponesa que partiu para a cidade em busca de outras condições de vida. E sua ausência, com o tempo, torna-o apenas um vulto na memória de Kuzmá e do restante da aldeia. O distanciamento espacial adquire caráter temporal e, por consequência, a memória se desfragmenta. As visitas de Maria e Mikhail terminaram frustradas, pois a distância não só no espaço como no tempo desconfigura as relações humanas. Novamente, é a situação espaço-temporal de necessidade urgente que desvela e a esperança dos laços de sangue.

3.5. O cronotopo do sonho

Tratemos brevemente dos sonhos: eles também apresentam sua própria carga cronotópica de sentido, já que o sonho é real dentro de si mesmo e acontece paralelamente ao tempo histórico, e o sujeito que sonha transcende sua posição espaço-temporal ao projetar na mente uma situação adversa. Em *Dinheiro para Maria* eles ocorrem duas vezes, e uma projeção não sonhada, mas imaginada, também ocorre no meio tempo entre os dois sonhos.

O primeiro sonho antecede a viagem e a projeta na mente de Kuzmá para o futuro. O carro segue um caminho (uma “estrada”) e revela a Kuzmá quem tem dinheiro. O dinheiro é dado a ele sem objeções. Quando é retomada a consciência no mundo real, no tempo histórico, percebe-se a falta de resultados práticos do sonho, mas sente-se no âmago a reverberação desse tempo sonhado: é necessário viajar.

O segundo sonho acontece no vagão de segunda classe. Em uma reunião extraordinária, o presidente do kolkhóz pede dinheiro a todos os kolkhózniki para ajudar Maria. O dinheiro dado chega a passar da quantia exigida. Porém, nesse caso, o final do sonho assume uma configuração grotesca, destacando com mais força o quão fora do tempo histórico ele é. Na sequência

de episódios, percebe-se firmar-se a relação entre o sonho e a reunião com os especialistas: o dinheiro foi doado, mas muito foi levado de volta, não havendo sobra alguma, apenas falta.

A situação imaginada por Kuzmá relaciona-se mais com a esperança depositada nos laços de sangue entre ele e seu irmão e, além disso, projeta um ambiente familiar reestabelecido:

Kuzmá então apura o ouvido para o caso de anunciarem seu trem. O trem chegará, ele se sentará no vagão de primeira classe e com toda a comodidade seguirá até a cidade. Estará na cidade pela manhã. Irá até a casa de seu irmão e receberá dele o dinheiro que falta para completar os mil. Seu irmão provavelmente tirará da caderneta. Eles se sentarão antes da partida, tomarão uma garrafa de vodka em despedida, e então Kuzmá fará o caminho de volta, a tempo para a chegada do fiscal. Tudo voltará aos eixos, e ele e Maria viverão como todo mundo. Quando essa desgraça terminar e Maria estiver livre, tornarão a cuidar dos filhos, acompanhando-os ao cinema – afinal eles eram praticamente um kolkhóz: cinco homens e uma mãe. Todos com uma vida pela frente.

Essa situação provavelmente nunca aconteceu na vida adulta dos dois irmãos, pois os relatos narrados das experiências com Alekséi não demonstram afeto fraterno. Portanto, a recepção imaginada por Kuzmá também apresenta relação com um passado frustrado. Restaria sabermos se, no campo semântico da busca por dinheiro, o fato de Kuzmá ainda não ter tentado contatar Alekséi poderia aumentar a possibilidade de a imaginação concretizar-se, ou, ao contrário, as experiências passadas já comprovariam o fracasso da tentativa. O autor não dá margem para a descoberta deste fato, mas sabemos que, ao relacionarmos os cronotopos dominantes da narrativa com o mundo real que ali foi projetado (e está nítido que o autor pretende ser realista neste quesito), mais da metade de mil rublos seria uma quantidade exorbitante de dinheiro para uma única pessoa.

3.6. O cronotopo da natureza

Analisando a narrativa, é quase certo classificar a presença espaço-temporal da natureza como cronotopo dominante. Ela se faz em pequenas aparições ao longo dos dois cronotopos dominantes, o da aldeia e o da viagem, mas é fortemente sentida pelo herói em todos esses momentos. Parece que torná-la um cronotopo local seria diminuir sua importância, já que a influência que exerce sobre o psicológico de Kuzmá, que a todo momento questiona o sucesso de sua busca e a eficiência de sua viagem, não é de pequena ordem. Sendo assim, classifico-a como dominante e atesto-lhe uma importância cronotópica para a intriga. Afinal, como o próprio autor indica, “Kuzmá sabe bem que o vendaval teve início justo hoje, pois quando despertara à noite tudo estava tranquilo, mas ainda assim não pode deixar de sentir que um vento há muito já vinha soprando, durante todos esses dias”.

O vendaval adquire caráter simbólico para o herói, e o momento anterior à sua partida

parece caracterizar muito mais o estado de espírito de Kuzmá do que pincelar uma paisagem:

Manhã. Kuzmá levanta-se e olha pela janela: nada de neve, mas está nublado, pode nevar a qualquer momento. *Um raio de luz turvo e intratável se derrama a contragosto, como se muito lhe custasse.* De cabeça baixa, um cão atravessa a janela correndo e dobra a esquina. Não há viva alma. De repente, uma rajada de vento vinda do Norte bate contra a parede e logo abrandando. Um minuto depois, mais um golpe, e mais outro (grifo meu).

Antes de Kuzmá entrar no vagão, o raio de sol torna a simbolizar a dúvida interior do herói: “De algum lugar atrás das nuvens irrompe, fina e suave como folha seca, uma mancha de sol, apesar de o próprio sol não estar visível; *tremeluzindo, ela quase se agarra à plataforma e aos telhados dos vagões, mas o vento logo a arranca e leva embora* (grifo meu)”. A natureza tem seu curso usual, mas torna-se cronotopo na medida em que recebe a influência do pensamento humano, na medida em que é interpretada e recebe uma carga de sentido simbólico, relevante para o desenvolvimento do herói como sujeito de sua história. Exemplifico esse apontamento com o seguinte trecho:

Com certeza o vento não tem nenhuma relação nem com a história de Maria, nem com a viagem para a cidade, ele sopra por si mesmo, como deve ter soprado no ano passado e no retrasado, quando tudo estava bem entre Kuzmá e Maria, mas mesmo assim Kuzmá não pode deixar de sentir que um fato está conectado ao outro e que o vento não sopra à toa.

Dentro do trem, há passagens emblemáticas que reforçam a relação herói-natureza e o questionamento da viagem que se segue. A primeira delas ocorre no vagão de primeira classe, quando pressentimos a saída (expulsão também não é inadequado) de Kuzmá. Ao olhar pela janela, ele nota:

O vento na rua não diminuíra. O céu está cinza, com manchas escuras, e o ar, como um rio em época de cheia, carrega detritos. Há pequenos povoados de cinco, seis casas ao longo do caminho, não muito distantes um do outro, como se o vento tivesse soprado alguma grande estação aos pedaços. Mesmo do vagão é possível ver os fios balançarem com força, e parece audível o modo como zumbem – com suas últimas forças, frenéticos, sonhando em se desprenderem e em porem-se calados.

O vento, ao que parece, sopra em sentido contrário, como um conselho de que seguir viagem é persistir no erro. Mas Kuzmá é como os fios: quer se livrar disso, mas não pode, por ser uma situação que envolve não só sua própria vida como a de toda a sua família, seu cronotopo mais íntimo. A situação de sua família está “por um fio”. Perdoe-me o trocadilho, mas é difícil não ilustrar desse modo, ainda mais com essa imagem tão simbólica.

No vagão de segunda classe, a natureza muda um pouco de figura: “Pela janela cai uma luz acinzentada, atormentada pelo vento, e no vagão que balança suave ela amaina, repousando sob o aconchego crepuscular”. Na presença do casal de idosos, Kuzmá sente-se mais à vontade,

sabe que não está socialmente deslocado, pois eles compartilharam de um mesmo tempo histórico em condições espaciais diversas, conhecem a vida no campo. A conversa entre eles é cordial e sem qualquer rebaixamento, e as discussões provocadas pelo rapaz são de mais de caráter moral que político, social ou hierárquico. O casal de idosos é a imagem mais próxima da idealização do camponês, e tamanha bondade chega a ser ironizada pelo rapaz: “Vocês são o quê, aqueles... batistas, é isso?”. Em um ambiente confortável para o herói, a natureza já não é mais furiosa e agourenta.

Na aldeia, duas passagens ilustram bem a posição delicada de Kuzmá no último dia antes de sua partida, sentindo o peso da necessidade e o receio do sucesso conquistado de modo tão simples e fácil. A primeira acontece antes de Kuzmá chegar à administração do kolkhóz:

Mas ainda lhe parecia que o dia nascera frágil, como se fosse de vidro, um vidro fino e quebradiço. Pensou que estava assim por causa do tempo: nem outono, nem inverno, o outono a cada minuto poderia perder as forças, e o inverno chegaria. A neve, para surpresa de todos, até agora não dera as caras. Já não será preciso esperar muito.

E a segunda, após conseguir apenas uma parte do que estava previsto:

O dia continuava sombrio, não mais quebradiço, agora parecia amassado, descolado de um velho papel translúcido. Sobre-o, e ele levantará voo, mas não havia vento, e não havia ninguém para soprá-lo. Tudo em redor farfalhava, ressoava, latia às escondidas – como se sussurrassem as paredes desse dia de papel. Os espaços estavam turvos.

O primeiro configura-se como um momento de incerteza, já o segundo como um de fracasso, e novamente surge o deslocamento, a sensação de não-pertencimento a um lugar. Esta sensação é retomada ao fim da narrativa, quando Kuzmá está quase chegando à casa do irmão.

Depois desce do ônibus, olha em volta, mantendo à sua frente o envelope com o endereço, e anda pela rua. Amanheceu. Continua a nevar e nevar, e a neve cai nos ombros de Kuzmá, na cabeça, cobre os olhos, como se quisesse impedir Kuzmá de ir mais longe.

A natureza está lá, a realizar o seu ciclo, e a interpretação humana torna-a simbólica. O autor faz uso proposital de um período de transição entre estações do ano, esperando obter um efeito estético pertinente à intriga: um herói em transformação, que passa ver a vida de outro modo, não positivo, mas próximo da desolação.

3.7. A sombra do Estado

O Estado é um cronotopo local que exerce forte influência em todo o sentido do texto. Sem o seu vulto pairando sobre as vidas das personagens, não haveria sequer a intriga. Sua

presença torna-se mais um problema que uma solução, e remete a toda uma histórica richa entre camponeses e governo que vem se renovando desde os primórdios da coletivização. Analisaremos esse elemento cronotópico da seguinte forma: primeiramente, apresentando os diferentes momentos em que ele é citado tanto pelo narrador quanto pelas personagens, e depois trabalharemos a relação político-ideológica entre Estado e voz narrativa.

No cronotopo dominante da aldeia, existem dois pontos-chave que considero importante ressaltar. O primeiro deles é o relato dos diferentes balconistas da loja do kolkhóz e suas respectivas punições. No momento mais crítico dessa história, quando ninguém se prontifica a assumir o cargo

O Soviete da aldeia telefonou com insistência para a União Distrital de Consumo, que respondeu: encontrem um balconista aí mesmo, ao que as pessoas disseram: já cumprimos a meta de envio de prisioneiros. Todos tinham medo. Viram com seus próprios olhos em que acabava essa história de balconista, e o dinheiro, para ser cobiçado, não valia o risco.

Por mais temor que houvesse, existia um sentimento de revolta por parte dos camponeses. No entanto, não fica claro nesse trecho se as pessoas transmitiram sua queixa à *União Distrital*, o que parece ser pouco provável, dada a ousadia dessa atitude.

O segundo momento, que se relaciona ao primeiro quanto ao desejo de manter o kolkhóz funcionando e de dar à aldeia o acesso aos recursos, é a confissão do presidente. O ano é 1947, não há combustível para a debulhadora, e a Estação de Máquinas e Tratores não oferece ajuda alguma. Encontrando o capitão de um navio que carregava combustível, o presidente negociou os barris e abasteceu as máquinas para a colheita, que foi bem-sucedida. Após a colheita, ele é preso e condenado, retornando apenas depois da anistia, com o fim do governo de Stálin. Depois de anos resistindo à pressão dos aldeões, ele retorna ao posto que ocupara.

— Você pergunta se fiquei ressentido com vocês? — disse ele depois, com a voz completamente sóbria, e olhou para Kuzmá. — Vocês não tinham nada a ver com isso. Talvez, bem no comecinho, eu tenha pensado que não tinham intercedido o suficiente por mim. Pensei também: não cuidei de mim mesmo, mas do kolkhóz, deviam levar isso em conta. O kolkhóz ia escrever uma garantia, eles iam dar um trabalho forçado, e só. Para mim bastava isso. Mas no tribunal vejo: me acusaram de sabotagem. Veja só — como se estivesse inconformado desde aquela época, o presidente bufou. — Ressentimento teve, mas de outro. Eu, com certeza, fui o culpado por aquela gasolina, não tiro a minha culpa. Mas se a gente parar para pensar, não fui o único culpado, não foi pra sabotar que eu de fato acabei comprando aquela gasolina. A necessidade me obrigou. Os cereais estavam caindo. Acontece que aqueles em posição mais alta também eram culpados, em algum lugar eles descuidaram do combustível, que não tinha. Mas ninguém quis assumir minha culpa, só eu fui condenado.

(...)

— Quando me deixaram voltar para o cargo de presidente, no começo não quis ir. Mas depois pensei: em quem eu ia descontar meu brio? No kolkhóz? Ele não tem culpa. No Estado? Nem pensar... — O presidente ficou em silêncio, em seguida,

sorrindo, adicionou com firmeza: — É uma pena que esses sete anos da minha vida foram arrancados em vão.

Aqui também existe a condenação de um ato motivado por um espírito coletivo. Sem os grãos, como alimentar a população, como cumprir as exigências do governo? Mesmo tendo consciência dos riscos, ele seguiu seus princípios morais, e pagou por eles. E sua reclamação é velada, feita entre quatro paredes, do mesmo modo como ocorre com Ievguiéni Nikoláievitch ao dizer que o Estado não vai alterar a sentença por conta do analfabetismo de Maria.

No vagão de primeira classe, mesmo havendo críticas mais vigorosas por parte de Guennádi Ivánovitch, é na cabine que elas ocorrem, num ambiente mais íntimo. E as críticas acabam com um comentário irônico, e não com o peso do risco.

O homem de camiseta branca se anima num instante.
— Está certo. De fato, é hora de começar, senão só o diabo sabe a próxima pauta. Somos passageiros ou a união dos ministros? — Ele chama Kuzmá: — Ei, meu camarada, você joga preferans?

Por mais que o Estado surja em poucos momentos, ele se mostra acima de todos, no controle, por mais injusto que seja. Sua posição espaço-temporal não é sequer palpável na narrativa, estando em todos os lugares, e em nenhum, tanto agora como no passado. Vislumbra-se sua ação no momento da detenção do presidente do kolkhóz. Assim a aura onipotente do Estado e a impressão que ela deixa refletem-se na construção narrativa.

A voz narrativa, como dito anteriormente, se exime de compartilhar opiniões ideológicas, deixando aberto às personagens o diálogo e as críticas. Mesmo quando se trata de uma sumarização, ele anula sua voz (“...ao que as pessoas disseram: já cumprimos a meta de envio de prisioneiros). Isso é relevante para a análise cronotópica pois a própria narrativa está localizada na história da literatura russa, e a voz do autor indica as circunstâncias da época da publicação: já não se está mais em um mundo stalinista, mas a censura ainda existe; há certas liberdades, mas ainda há limites.

3.8. Considerações finais

Para concluir esta análise, voltemos nossa atenção ao último cronotopo de nossa lista, o cronotopo de “enredo-espço” que, segundo as classificações propostas por Bemong e Borghart, só pode ser dialógico. Isso porque o final não nos mostra o destino de Kuzmá, não revela sucesso ou fracasso, não demonstra equilíbrio de qualquer espécie.

Dentro dos dois cronotopos dominantes, Kuzmá realiza um percurso crítico. Na aldeia, ele se dá conta das condições precárias dos camponeses e das exigências de um Estado que não

oferece recursos suficientes, não só materiais como até mesmo intelectuais, para o desenvolvimento do camponês como cidadão ativo e sujeito de sua história. É na situação desesperadora de necessidade que ele se dá conta do quão estranha é vida no campo. Da inércia inicial, na qual mecanicamente realizava o seu trabalho e sustentava sua família, até a consciência de que na aldeia nada será resolvido em relação ao dinheiro, Kuzmá atravessa o espaço, adentra diferentes núcleos domésticos e dialoga com diferentes pessoas, cada uma delas com uma visão de mundo própria e condições financeiras diferentes das suas.

Na viagem ocorre o mesmo. Kuzmá se depara com pessoas do alto escalão da sociedade, homens que ocupam importantes cargos do sistema soviético, e percebe o quão distante deste mundo ele está e, por consequência, o quão próximo disso Alekséi pode se encontrar. E é na segunda classe, dialogando com um jovem rapaz infiel e um casal de idosos espiritualmente conectados que temos um vislumbre mito mais profundo do objetivo de Kuzmá: manter seu laço com Maria.

E ocorre uma relação entre cronotopo de “espaço-tempo” e o cronotopo genérico, que, como dito anteriormente, relaciona-se ao *limiar*. Isso se deve ao principal elemento que compõe a história: o dinheiro. É por causa dele que toda a busca começa, e Kuzmá encontra-se em constantes limites, sempre à espera da ação do ombro, em uma espécie de limbo social, por mais que ele tenha o desejo da busca. Há limiar na linguagem, com a ruptura do texto em dois tempos; há limiar a partir do momento em que Kuzmá senta-se diante de alguém e aguarda ajuda, e há limiar quando Kuzmá cruza a fronteira entre campo e cidade, partindo na incerteza do auxílio de seu irmão.

E o limiar, como podemos ver, não faz parte somente de *Dinheiro para Maria*, como está presente em todas as suas demais obras: uma mão no leito de morte, uma esposa grávida de um marido desertor, uma ilha prestes a submergir, um armazém tomado pelo fogo, uma mãe que mata por justiça. Raspútín trabalha com a crise, e desenvolve uma poética de prazos.

BIBLIOGRAFIA

Obras de Valentin Raspútín

RASPUTIN, V. *Vek jiví – vek liubí*. Moskva: Molodaia Gvardia, 1982.

_____. *Izbrannye proizvedenia v dvukh tomakh*. Moskva: Khudojestvennaia literatura”, 1990.

_____. *Na rodine*. Moskva: Algoritm, 2004.

_____. *Proschanie c Matioroi*. Seria Sibiriada. Moskva: Vetche, 2014.

_____. *U nas ostaetsia Rossia*. Moskva: Institut russkoi tsivilizatsi, 2015.

Traduções

RASPUTIN, V. *Live and remember*. Translated by: Antonina W. Bois. New York: Macmillan Publishing, 1979.

_____. *Farewell to Matyora*. Translated by: Antonina W. Bois. New York: Macmillan Publishing, 1979.

_____. *Money for Maria and Borrowed Times*. Translated by: Kevin Windle and Margaret Wettlin. London: Quartet Books, 1981.

_____. *You live and love and other stories*. Translated by: Alan Myers. London: Granada Publishing, 1985.

_____. *Siberia on fire*. Selected, translated and introduced by: Gerald Mikkelson and Margaret Winchell. Illinois: Northern Illinois University Press, 1989.

_____. *Siberia, Siberia*. Translated and introduced by: Margaret Winchell and Gerald Mikkelson. Illinois: Northwestern University Press, 1991.

Obras sobre Raspútín

DIMENT, Galya. Valentin Rasputin and Siberian Nationalism. *World Literature Today*, Norman, vol. 67, n. 1, pp. 69-73, 1993. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/40148866>. Acessado em: 27-04-2015.

GILLESPIE, David C. *Valentin Rasputin and soviet russian village prose*. London: The Modern Humanities Research Association, 1986.

_____. Apocalypse Now: Village Prose and the Death of Russia. *The Modern Language Review*, London, vol. 87, n. 2, pp. 407-417, 1992. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3730678>. Acessado em: 27-04-2015.

GORESLAVSKAIA, Nelli; TCHERNOV, Viktor. *Valentin Rasputin: russki genii*. Moskva: Knizni mir, 2013

KOTENKO, N. *Valentin Rasputin*. Translated by: Holly Smith. Moscow: Raduga, 1988.

LAYCHUK, Julian. Conflicts in the Soviet Countryside in the Novellas of Valentin Rasputin. *Rocky Mountain Review of Language and Literature*, Greelley, vol. 47, n. 1/2, pp. 11-30, 1993. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1347519>. Acessado em: 21-11-2012.

PETERSON, Dale E. "Samovar Life": Russian Nurture and Russian Nature in the Rural Prose of Valentin Rasputin. *Russian Review*, New Jersey, vol. 53, n. 1, pp. 81-96, 1994. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/131296>. Acessado em: 27-04-2015.

POLOWY, Teresa. *The novelas of Valentin Rasputin: genre, language and style*. New York: Peter Lang, 1989.

RUMIANTSEV, Andrei. *Valentin Rasputin*. Seria Jizn zametchatelnykh liudei. Moskva: Molodaia Gvardia, 2016.

SEMENOVA, Svetlana. *Valentin Rasputin*. Moskva: Sovetskaya Rossiya, 1987.

Obras sobre Literatura Soviética

BROWN, Deming. *The last years of Soviet Russian literature*. New York: Cambridge University Press, 1993.

_____. *Soviet Russian literature since Stalin*. New York: Cambridge University Press, 2008.

BROWN, Edward J. *Russian literature since the revolution*. Cambridge: Harvard University Press, 1982.

FILIPPOV, Vladimir; NEDZVETSKI, Valentin. *Russkaya "derevenskaya" proza*. Seria Peretchitaia klassika. Moskva: Izdatelstvo MGU, 2002.

PARTHÉ, Kathleen F. *Russian village prose: the radiant past*. New Jersey: Princeton University Press, 1992.

Obras sobre a União Soviética

BELOV, Fedor. *The history of a soviet collective farm*. New York: Frederick A. Praeger, 1955.

KENEZ, Peter. *História da União Soviética*. Tradução: Jaime Araújo. Lisboa: Edições 70, 2015.

ROTHBERG, Abraham. *Os herdeiros de Stalin*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1972.

Bibliografia geral

BAKHTIN, M. "O romance de educação e sua importância na história do realismo" in: *Estética da criação verbal*. Trad.: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011, pp. 203-258.

_____. “Formas do tempo e do cronotopo no romance” in: *Questões de Literatura e de estética*. Trad.: Aurora Fornoni Bernardini *et al.* São Paulo: Hucitec, 2014, pp. 211-362.

BEMONG, N.; BORGHART, P. “A teoria bakhtiniana do cronotopo literário”. Trad.: Oziris Borges Filho. in: BEMONG, N. *et al.* *Bakhtin e o cronotopo*. São Paulo: Parábola, 2015, pp. 16-32.

FRIEDMAN, N. O ponto de vista na ficção. Trad.: Fábio Fonseca de Melo. *Revista USP*, São Paulo, n. 53, pp. 166-182, março/maio 2002.

Obras de auxílio à tradução

DAL, Vladimir. *Tolkovy slovar jivavo velikoruskavo iazyka*. 4 toma. Moskva: M. O. Volfa, 1880-1882.

ZDITOVETSKY, Alexandre. *Equivalentes idiomáticos russo-português (Russko-portugalskie frazeologiticheskie ekvivalenty)*. Moskva: Vyschaia Chkola, 1987.

GAVRILOVA, A.C. *Slovar sinonimov i antonimov sovremennovo russkovo iazyka*. Moskva: Adelant, 2013.

VOINOVA, N. *et al.* *Dicionário Russo-Português*. Moscovo: “Russki Yazik”, 2003.